



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA

LIA SIMÕES NERY

**MODELO COGNITIVO IDEALIZADO PROTOTÍPICO DE FEMINISTA EM
MEMES**

Salvador-Bahia

2023

LIA SIMÕES NERY

**MODELO COGNITIVO IDEALIZADO PROTOTÍPICO DE FEMINISTA EM
MEMES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção do título de Mestre em Língua e Cultura na área de concentração Linguagem e Interação - II, linha de pesquisa Linguagem, cognição e discurso.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aurelina Ariadne Domingues Almeida.

Salvador-Bahia

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Simões Nery, Lia
MODELO COGNITIVO IDEALIZADO PROTOTÍPICO DE
FEMINISTA EM MEMES / Lia Simões Nery. -- Salvador,
2023.

146 f. : il

Orientador: Aurelina Ariadne Domingues Almeida.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,
Universidade Federal da Bahia, 2023.

1. Linguística Cognitiva. 2. Semântica Cognitiva. 3.
Conceptualização. 4. Feministas. I. Domingues Almeida,
Aurelina Ariadne. II. Título.

LIA SIMÕES NERY

**MODELO COGNITIVO IDEALIZADO PROTOTÍPICO DE FEMINISTA EM
MEMES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Língua e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Língua e Cultura.

Aprovada em: 11 de agosto de 2023.

Banca examinadora

Prof^a. Dra. Aurelina Ariadne Domingues Almeida - Orientadora
Universidade Federal da Bahia

Prof^a. Dra. Fernanda Carneiro Cavalcanti - Membro externo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof^a. Dra. Natália Elvira Sperandio - Membro externo
Universidade Federal de São João del-Rei

À minha querida avó, Valda Nery, a maior feminista que já conheci.

AGRADECIMENTOS

“Sonho que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade” (PRELÚDIO, 1974). Nada se constrói sozinho, sem apoio de quem quer que seja.

A princípio, agradeço a Deus por me nutrir de força e determinação para resistir a todos os obstáculos que se apresentaram no meu caminho para, enfim, finalizar este trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa, a qual me possibilitou, durante estes dois anos, construir este estudo e dedicar-me a ele, a fim de contribuir para a ciência e para o meu desenvolvimento intelectual.

Agradeço, também, aos meus pais, Gabriel e Gabriela, pelo apoio na trajetória e por terem fomentado em mim o apreço pela educação.

Aos meus avós maternos, Valdete Magalhães e Luiz Simões (*in memoriam*), e paternos, Valda Nery e Gabriel Cedraz Nery (*in memoriam*), que contribuíram com suas sabedorias para a minha formação como ser humano.

Em especial, a Ramon Costa, meu companheiro de vida, por todo apoio, carinho e amor. Obrigada por ser o meu “ombro forte” em muitos momentos.

Aos meus sogros, grandes incentivadores, que sempre se fizeram presentes em meu dia a dia e acompanharam os muitos fins de semana de estudo.

À minha cunhada Ramayanna, mulher de inspiração, que muito me incentivou com suas palavras e conhecimento.

À minha querida colega Simone Webering Martínez, que foi de fundamental importância desde o início desta pesquisa, fomentando em mim o conhecimento, dividindo-o e ajudando-me sempre no que possível.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Ariadne Domingues Almeida, grande inspiração acadêmica, que me acolheu desde o início e segurou a minha mão neste trabalho, sempre me motivando a ir além e mostrando-me que era possível. Gratidão!

Por fim, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLINC) da UFBA e a todos os colegas do Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG) pela troca e fomento do conhecimento.

*Celebre a mulher
Que você está se tornando
Não tape os ouvidos
Ela está te chamando
Ela dança com o fogo
Ela é pancada, mas também é doce
Ela sempre foi sua melhor escolha.*

*Ela é tudo aquilo
Que sobreviveu.*

Ryane Leão (2019, p. 60)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender conceptualizações de feministas em memes de internet, investigando os modelos metafóricos e metonímicos que alicerçam essas construções de significado. A pesquisa alicerça-se nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012; SILVA, 1997; LAKOFF; JOHNSON (2002 [1980])), especificamente, na Semântica Cognitiva Sócio-histórico-cultural (ALMEIDA, 2019; SANTANA, 2019). Fundamenta-se na Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]) e em alguns dos seus desdobramentos (KÖVECSES 2002; RADDEN; KÖVECSES, 2007; SORIANO, 2012; PAIVA, 2016), na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e na Teoria da Metáfora e Metonímia Multimodal (FORCEVILLE, 2008, 2009, 2016). No tocante aos memes de internet, baseia-se em Shifman (2014), Chagas (2020) e Recuero (2006). Concernente à metodologia, realizou-se um estudo qualitativo, exploratório, interdisciplinar e descritivo-interpretativo, considerando-se as bases epistemológicas da Linguística Cognitiva, de cunho empirista e fenomenológico, e apoiou-se na proposta ecológica de Almeida (2018), baseada em uma concepção sistêmica de Ciência, em inter-relação com os princípios da Teoria da Complexidade (MORIN, 2003, 2015) e em particular da Teoria dos Fractais. (CAPRA; LUISI, 2014). O corpus da pesquisa foi constituído por treze memes de internet, que foram coletados da página do *Facebook* Editora Humanas, escolhida com base nos critérios de influência do conteúdo na internet, quantidade de curtidas, interação com os seguidores e movimentação. Empregou-se, ainda, a Técnica da Saturação Teórica proposta no âmbito da Semântica Cognitiva Sócio-histórico-cultural por Almeida e Santana (2019) e aplicada por Santana (2019) para realizar o recorte do corpus. Em suma, com a pesquisa realizada, depreendeu-se a relevância do modelo metonímico na conceptualização de feministas, em especial, na formação do MCI prototípico dessas mulheres, pois esse mecanismo cognitivo demonstrou ser o principal formador das construções de significado estereotipadas que foram encontradas nos memes analisados. Por sua vez, as metáforas estiveram à margem do processo de conceptualização de feministas, porque, como demonstrou o estudo do corpus, poucas foram depreendidas, e as que foram encontradas diziam respeito a outros assuntos que não o domínio em foco. Por fim, na pesquisa, houve o predomínio de construções de sentido alusivas ao MCI prototípico de feminista, que reduz todas as feministas a um só estereótipo, sem considerar a pluralidade desse grupo.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva. Modelos Cognitivos. Feministas. Conceptualização.

ABSTRACT

This study aims to understand feminist conceptualizations in internet memes, investigating the metaphorical and metonymic models that underpin these constructions of meaning. The research is based on the theoretical assumptions of Cognitive Linguistics (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012; SILVA, 1997; LAKOFF; JOHNSON (2002 [1980])), specifically, on Socio-historical-cultural Cognitive Semantics (ALMEIDA , 2019; SANTANA, 2019). It is based on the Theory of Conceptual Metaphor and Metonymy (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]) and on some of its developments (KÖVECSES 2002; RADDEN; KÖVECSES, 2007; SORIANO, 2012; PAIVA, 2016), on the Theory of Models Cognitive Concepts (LAKOFF, 1987) and the Theory of Metaphor and Multimodal Metonymy (FORCEVILLE, 2008, 2009, 2016). With regard to internet memes, it is based on Shifman (2014), Chagas (2020) and Recuero (2006). Concerning the methodology, a qualitative, exploratory, interdisciplinary and descriptive-interpretive study was carried out, considering the epistemological bases of Cognitive Linguistics, of an empiricist and phenomenological nature, and based on the ecological proposal of Almeida (2018), based on a systemic conception of Science, in interrelation with the principles of Complexity Theory (MORIN, 2003, 2015) and in particular the Theory of Fractals. (CAPRA; LUISI, 2014). The corpus of the research consisted of thirteen internet memes, which were collected from the Facebook page Editora Humanas, chosen based on the criteria of influence of the content on the internet, number of likes, interaction with followers and movement. The Theoretical Saturation Technique proposed within the scope of Socio-historical-cultural Cognitive Semantics by Almeida and Santana (2019) and applied by Santana (2019) was also used to perform the corpus clipping. In short, with the research carried out, it was inferred the relevance of the metonymic model in the conceptualization of feminists, in particular, in the formation of the prototypical ICM of these women, since this cognitive mechanism proved to be the main trainer of the stereotyped constructions of meaning that were found in the analyzed memes. In turn, the metaphors were on the margins of the feminist conceptualization process, because, as the study of the corpus demonstrated, few were inferred, and those that were found related to subjects other than the domain in focus. Finally, in the research, there was a predominance of constructions of meaning alluding to the prototypical feminist MCI, which reduces all feminists to a single stereotype, without considering the plurality of this group.

Keywords: Cognitive Semantics. Cognitive Models. Feminists. Conceptualization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FEMINISTA VERSUS FEMININA: BREVES CONSIDERAÇÕES DE NATUREZA HISTÓRICA	11
3	LINGUÍSTICA COGNITIVA: UM ARQUIPÉLAGO DE SABERES E BASES EPISTEMOLÓGICAS	16
3.1	SEMÂNTICA, SEMÂNTICAS: O ESTUDO DO SIGNIFICADO NO DECORRER DO TEMPO	24
3.1.1	Semântica cognitiva Sócio-Histórico-Cultural	27
3.2	TEORIA DA METÁFORA E METONÍMIA CONCEPTUAIS (TTMC): O PONTO DE PARTIDA	28
3.3	TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS (TMCI)	30
3.3.1	Categorização	31
3.3.2	Entrelaçamentos: o processo de categorização e a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI)	33
3.3.3	O modelo metafórico	34
3.3.4	O modelo metonímico	39
3.4	ALÉM DO VERBAL: METÁFORAS E METONÍMIAS MULTIMODAIS.....	47
4	METODOLOGIA	51
4.1	EM BUSCA DE CAMINHOS CIENTÍFICOS	54
4.2	O PARADIGMA SISTÊMICO E A TEORIA DA COMPLEXIDADE	55
4.3	A CONSTRUÇÃO DO CORPUS	57
4.3.1	Técnica da Saturação Teórica	58
4.3.2	Passos metodológicos	59
4.4	MEMES DE INTERNET: SURGIMENTO E CONEXÕES	67
4.4.1	Facebook, memes e antifeminismo: conexões visíveis	71
5	CONCEPTUALIZAÇÕES DE FEMINISTAS EM MEMES: ESTUDO DO CORPUS	73
6	DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	117
6.1	A RELEVÂNCIA DO MODELO METONÍMICO NA CONCEPTUALIZAÇÃO DA FEMINISTA	129
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
	REFERÊNCIAS	135

1 INTRODUÇÃO

A principal motivação para a construção deste estudo surgiu ainda nos primórdios da iniciação científica, quando inquietantes questões sobre a condição da mulher na sociedade brasileira se manifestaram no cerne de reuniões do Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG), tendo se transformado, assim, nas seguintes problematizações: por que, quando falamos em “feminista”, há, de forma frequente, um revirar de olhos, uma rejeição à autoafirmação, como se as pessoas tivessem construído significados ruins sobre essa categoria de mulheres? Por que se acredita que feministas não são femininas? Por que as feministas são conceptualizadas recorrentemente de forma negativa?

Consoante reflexões de Pedro (2016, p. 238), sempre houve, no Brasil, um pensamento que separava “feminista” de “feminina”, compreendendo essas categorias como opostas. A autora ainda acrescenta que, até a década de 1980, poucas mulheres aceitavam a denominação “feminista”, “porque, no senso comum, o feminismo era associado à luta de mulheres masculinizadas, feias, lésbicas, mal-amadas, ressentidas e anti-homens”. Com o decorrer do tempo, notou-se, socialmente, que pouca coisa mudou, e que se continuam perpetuando construções de significado negativas sobre as feministas, conforme pode ser observado com o estudo de Anjos (2022) acerca do discurso de ódio proferido às feministas no *Facebook*. Acreditamos que isso se deve à construção de um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) de feminista prototípico cujas características revelam conceptualizações depreciativas sobre elas.

À luz desse olhar, empreendemos esta investigação, com o objetivo de entender, em interação com os fatores sócio-histórico-culturais, como os modelos metafóricos e metonímicos contribuem para as construções de sentido sobre feministas.

Posto isso, a pesquisa realizada teve como objeto de estudo a conceptualização da feminista. Todavia, no decorrer da investigação, apresentamos, de forma breve, conceptualizações que se relacionaram à de feminista, ou que fizeram parte do seu processo de compreensão, a exemplo das conceptualizações de machismo e de feminismo, que, embora não tenham sido aprofundadas, serão mencionadas, já que participaram ativamente do processo de construção de significados da categoria estudada, como será visto mais adiante. Com o objetivo de refletir sobre nosso objeto de estudo e de investigar a conceptualização em questão, constituímos o corpus com memes de internet, considerando a dinamicidade das redes em que esses textos se encontram, as quais possibilitam o compartilhamento de

interesses, ideias e, conseqüentemente, de sentidos, permitindo-nos o olhar sobre a perspectiva do outro (ALMEIDA; SANTOS, 2020).

Nesse sentido, o objetivo geral desta Dissertação é estudar as conceptualizações de feministas em um corpus constituído por memes de internet acessados durante o ano de 2019 na página do *Facebook* “Editora Humanas¹”, identificando-os e descrevendo-os, bem como refletindo sobre os mecanismos cognitivos que sustentam as construções de significado, tais como modelos metafóricos e metonímicos, a fim de compreender como a feminista é conceptualizada.

A pesquisa realizada fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2012; SILVA, 1997), especificamente, da Semântica Cognitiva Sócio-histórico-cultural (ALMEIDA, 2019; SANTANA, 2019). Particularmente, fundamenta-se por meio da Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]) e de seus desdobramentos (KÖVECSES 2002; RADDEN, KÖVECSES, 2007; SORIANO, 2012; IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012; PAIVA, 2016), da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987) e da Teoria da Metáfora Multimodal (FORCEVILLE, 2008, 2009, 2016).

A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, exploratória e descritivo-interpretativa e apoia-se na proposta ecológica de Almeida (2018), baseada em uma concepção sistêmica de Ciência, cuja investigação pauta-se na compreensão de um fenômeno de forma integrativa, considerando o seu contexto, suas relações e compreendendo-o como um todo.

Para apresentar os resultados alcançados com o estudo desenvolvido, a presente Dissertação encontra-se organizada em sete seções. Nesta primeira, realizamos as considerações iniciais. Na segunda, intitulada “Feminista *versus* feminina: breves considerações de natureza histórica”, apresentamos um breve panorama histórico do Movimento Feminista no Brasil, com o objetivo de elucidar questões que servirão de base reflexiva para as construções de sentido que serão discutidas.

A terceira seção, intitulada “Linguística Cognitiva: um arquipélago de saberes e bases epistemológicas”, expõe, de forma panorâmica, os principais postulados teóricos da Linguística Cognitiva, área na qual a pesquisa realizada está subsidiada, tecendo considerações sobre a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) e seus mecanismos, e da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), entre outras propostas da área. A

¹ “Editora humanas” é o nome da página do *Facebook* na qual encontramos os memes relacionados às feministas.

seção “Metodologia” é a quarta a ser apresentada, na qual discorreremos sobre os caminhos metodológicos traçados e sobre os passos que nos levaram à realização do trabalho.

Na quinta seção, cujo título é “Conceptualizações de feministas em memes: estudo do corpus”, expomos o estudo descritivo-interpretativo de cada meme, também chamado aqui de texto multimodal ou multissemiótico, buscando identificar os domínios conceptuais acionados e os modelos metafóricos e metonímicos que corroboram no processo de construção de significados de feminista. Na sexta seção, intitulada “Discussão dos resultados”, discorreremos sobre as metáforas e metonímias conceptuais apreendidas na conceptualização de feministas e o que elas evidenciaram, bem como suas implicações e possíveis direcionamentos para o estudo. Ao final, nas “Considerações finais”, propomos uma síntese dos resultados encontrados a partir do estudo do corpus. Em seguida, encontram-se as Referências que subsidiaram as discussões empreendidas.

2 FEMINISTA *VERSUS* FEMININA: BREVES CONSIDERAÇÕES DE NATUREZA HISTÓRICA

O Movimento Feminista brasileiro surgiu, a princípio, inspirado pelo contexto europeu de reivindicação dos direitos das mulheres no século XIX, em especial, através da revolução pelo direito ao voto, a qual viria a abarcar outras questões sociais tempos depois. Lideradas por Bertha Lutz², a primeira onda do feminismo brasileiro se configurou com as “sufragetes brasileiras”, conjunto de mulheres que buscava o reconhecimento do direito de votar, conquistado, posteriormente, em 1932. (PINTO, 2010). Vale ressaltar que esse movimento foi iniciado, principalmente, por mulheres brancas advindas da classe média brasileira. Também, conforme Pinto (2010, p. 16), “ainda nesta primeira onda do feminismo no Brasil, vale chamar a atenção para o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na ‘União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas’.” Naquela época, a mobilização das mulheres conquistou o direito à participação política, mas só em 1960 o Movimento se ampliou para questionar de forma veemente a igualdade entre mulheres e homens nas mais diversas esferas sociais. Segundo esclarece Pinto (2010, p. 16),

² Bertha Lutz nasceu em São Paulo e formou-se em Ciências Naturais na Faculdade de Ciências da Universidade de Paris (Sorbonne). Ao retornar da Europa, promoveu, nas décadas de 1920 e 1930, lutas pela conquista do voto feminino no Brasil, ficando amplamente conhecida como representante do movimento feminista da época, de cunho sufragista, que buscava a conquista de direitos políticos para as mulheres, através do direito ao voto. (BERTHA, [20--]) Acesso em: 02 de fev. de 2023.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Assim, na virada do século XIX, especificamente em 1889, instaurava-se a República no Brasil e nesse período o trabalho assalariado possibilitou o enriquecimento da burguesia às custas da exploração de uma classe que se delineava: a classe operária. Nesse contexto, “a mulher operária, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e as jornadas de trabalho maiores” (TELES, 1993, p.42). Esse cenário marcou a eclosão de diversas manifestações feministas relacionadas, até então, às condições de trabalho e à maternidade, fortalecendo a busca pela igualdade de direitos e abrindo caminho para que posteriormente novas pautas sociais fossem incorporadas. Como elucidam Costa e Sardenberg (2008, p. 36), “o fermento da agitação republicana dos fins da década de 1880 não apenas fortaleceu o desejo feminino por direitos políticos como também deu às mulheres argumentos adicionais em favor do sufrágio e oportunidades de procurar o voto”. E, em 1922, sob a direção de Bertha Lutz, é fundada a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), primeira entidade de mulheres responsável por fomentar a construção de outros grupos em todo o país. Faz-se necessário pontuar que a luta pelo sufrágio permaneceu até 1932, quando o voto foi concedido pelo governo de Getúlio Vargas.

O feminismo proposto nessa época, em fins do século XIX e início do século XX, possuía um caráter burguês cujas raízes vinculavam-se ao feminismo dos EUA, de cunho liberal, que não questionava o sistema vigente como responsável pela opressão das mulheres (COSTA; SARDENBERG, 2008). Para Costa e Sardenberg (2008, p. 39), “seu programa limitou-se ao combate às leis discriminatórias, preconceitos e tradições que impediam a igualdade entre homens e mulheres, no contexto das democracias burguesas”. Todavia, paralelamente a isso, construía-se um feminismo “de esquerda”, oriundo da articulação de mulheres das camadas populares, vinculado ao Partido Comunista Brasileiro, comprometido “com as chamadas ‘lutas gerais’ da sociedade” e que não se diferiu muito do movimento feminista socialista mundial (COSTA, SARDENBERG, 2008, p. 39). Costa e Sardenberg (2008, p. 40) fazem uma crítica a esses movimentos, pois enquanto o primeiro situava-se no cenário liberal burguês, sem acolher a demanda de outras mulheres, o segundo ainda permanecia preso “dentro dos limites das reivindicações econômicas e políticas cujas existências não demandavam profundas transformações na sociedade, não conseguindo romper com os limites ideológicos e políticos da sociedade classicista”. Porém, com o passar

do tempo, o movimento feminista de esquerda passou a compreender as outras formas de opressão específicas, como a de pessoas negras, dos homossexuais e, sobretudo, das mulheres.

Com a deflagração da Ditadura Militar no Brasil, em 1964, os movimentos tanto burguês como de esquerda viram-se silenciados durante alguns anos. Somente na década de 1970, o Movimento ressurgiu, volta a se articular e a ganhar força entre as mulheres de classe média e entre as de periferia (TELES, 1993):

Em 1975, em comemoração ao Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), é realizado no Rio de Janeiro um grande seminário, reunindo mulheres interessadas em discutir a condição feminina em nossa sociedade, à luz das propostas do ‘novo’ movimento feminista que então se desenvolvia na Europa e nos Estados Unidos. Esse ‘feminismo moderno’, articulado em torno da afirmativa de que ‘o pessoal é político’, traz como novidade o questionamento da divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, do papel tradicional da mulher na família e na sociedade (COSTA, SARDENBERG, 2008, p. 42).

A partir desse contexto, diversos grupos e organizações de mulheres começaram a serem formados em todo o Brasil “nos moldes dos ‘grupos de conscientização’ surgidos no exterior” (COSTA; SARDENBERG, 2008, p. 42). Resultantes da popularização das reivindicações feministas, correntes autônomas e partidárias desse movimento são construídas, buscando formas de articulação entre si.

No entanto, devido ao sistema de cerceamento de direitos, as manifestações de mulheres eram vistas, muitas vezes, de forma negativa pelos governantes, “por entendê-las como política e moralmente perigosas” (PINTO, 2010, p. 17). Nesse período, começou a se construir, sob a ótica masculina, juízos de valor a respeito daquelas que compunham esses movimentos: as feministas (RAGO, 2003).

No tocante à característica dessas mulheres, Rago (2003, p. 03) defende que:

[...] as primeiras organizadoras dos grupos e jornais feministas, em meados daquela década, iniciaram um movimento de recusa radical dos padrões sexuais e do modelo de feminilidade que suas antecessoras haviam ajudado a fundar, nos inícios do século XX. Mais do que nunca, as feministas colocaram em questão o conceito de mulher que a afirmava enquanto sombra do homem e que lhe dava o direito à existência apenas como auxiliar do crescimento masculino, no público ou no privado.

Como assinalado pela autora, as feministas estavam em busca do questionamento do conceito de “mulher” cuja característica presumia um modelo de feminilidade e, concomitante a isso, de obediência, para atender aos desejos masculinos. Questionava-se,

então, o Modelo Cognitivo Idealizado de Mulher (MCI) vigente na sociedade, segundo o qual a mulher deveria ser obediente, submissa ao homem, dedicada ao lar e à família, contida, reservada, dentre outras características.

Desse modo, aquelas que contestavam o modelo de mulher imposto com suas características presumidas de feminilidade e submissão começaram a ser rechaçadas pela ideologia patriarcal dominante enraizada nas práticas dos sujeitos, sobretudo, dos homens. Nesse período, começa a se delinear a dualidade entre feministas *versus* femininas, com a criação do estereótipo de feminista baseado na ideia de mulher repugnante. Nas palavras de Costa e Sardenberg (2008, p. 47), essas imagens opressivas

resultam do processo de construção de uma identidade feminina segundo o modelo de uma ideologia patriarcal, que apregoa a subordinação da mulher. Na verdade, são estereótipos produzidos simultaneamente como opostos, porque, enquanto instrumentos de subordinação da mulher, um não faz sentido sem o outro. Em outras palavras, como assegurar a submissão da ‘bem amada’ sem delinear o que lhe espera – ser mal-amada – caso se rebele?

Há, pois, a edificação do estereótipo de “mulher masculinizada” para se referir à feminista, além de outras tantas características que foram atribuídas a esse estereótipo, a fim de frear a eclosão da plena manifestação dos direitos e reivindicações das mulheres. Sobre esse aspecto, Moreno (1988) comenta que:

Cristalizaram um momento da imagem que fizeram de nós – severas com os homens, coerentes, engajadas, resolvidas e duras – cristalizadas. E assim nos imortalizaram – e sufocaram. Sufocaram porque a nossa imagem de cristal mais uma vez se volta contra nós: foi criada para isto. Do mesmo modo que, nos anos 70, referiam-se às feministas como ‘sapatões’, ou ‘mal amadas’ para afastar de nós as mulheres que pudessem se interessar em discutir as idéias e vivências, a nossa imagem de fortaleza endurecida, de armadura imutável e sem conflitos também assusta e afasta as mulheres, que nos vêm ora como justiceiras, ora como ‘fazedoras de cabeças’.

Percebe-se, com isso, que essa construção de significado sobre as feministas iniciou-se há muito tempo, quando as mulheres deram início à luta pelos seus direitos e por sua liberdade, e permanece até os dias atuais. Configurou-se, então, no Brasil, um tipo de movimento antifeminista, por meio de uma cultura elitista enraizada em um “pensamento patriarcal e senhorial, sustentando assim relações de poder misóginas e racistas” (ZIMBERG, 2018, p. 41).

Esse movimento antifeminista, baseado no modelo familiar patriarcal, aparece em alguns jornais brasileiros da época, a exemplo de *O Pasquim*, como evidenciado por Zimberg (2018, p.45):

Nesse contexto surge, portanto, o jornal O Pasquim, que, apesar de sua inspiração na contracultura norte-americana de combate ao autoritarismo e às estruturas sociais sedimentares, apresentava uma postura fortemente antifeminista que focalizava paradoxalmente a mulher que lutava por seus direitos como objeto de chacota, evidenciando o desprezo por atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e relações de gênero estabelecidas. [...] Assim, o jornal e seus articulistas ditos subversivos assumiam uma postura retrógrada ao ridicularizarem e solidificarem estereótipos contra as 'feministas', retratando em suas pautas uma mulher feia, desprovida de inteligência (ou perigosamente inteligente demais), inconsequente, transgressora, e que buscava exercer papéis privativos dos homens.

Passado o tempo, com a chegada da internet, espaço virtual para construções e compartilhamento de ideias entre grupos, nota-se a presença do movimento feminista atual, bem como a convivência com essas conceptualizações antifeministas presentes em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*. Dessa maneira, “existe também um lado menos esperançoso das vozes nas redes sociais digitais. Vemos uma ideologia machista dominante na sociedade crescendo no ciberespaço [...] e, além disso, utilizando um discurso de ódio como principal ‘argumento’” (SANTOS, KUBO, 2018, p.17).

No âmbito da LC, alguns pesquisadores como López Rodríguez (2009), Glynn (2015), Jamison (2011) e outros têm discutido as relações de gênero em seus estudos, principalmente, vinculadas à mulher, às feministas e à feminilidade. Considerando esse contexto, nos propusemos a investigar, no estudo que culminou nesta Dissertação, construções de sentido de feministas. Para tanto, iniciaremos com a apresentação do referencial teórico norteador da pesquisa empreendida.

3 LINGÜÍSTICA COGNITIVA: UM ARQUIPÉLAGO DE SABERES E BASES EPISTEMOLÓGICAS

No início dos anos 1950, inaugurou-se o Gerativismo, uma perspectiva de estudo mentalista que considerava a relevância da cognição para os estudos linguísticos. Proposto por Noam Chomsky, tendo como uma de suas publicações a obra *Syntactic structures* (1957), o Gerativismo buscava investigar, sobretudo, a sintaxe, propondo que todos os seres humanos nascem com uma Gramática Universal em suas mentes, a qual lhes possibilita o desenvolvimento da linguagem (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013). Um dos postulados defendidos por essa corrente teórica é o de que a mente humana é dividida em módulos, havendo um módulo independente, autônomo, responsável pela linguagem. Ao investigar a relação entre a linguagem e a cognição, ainda que sob a ótica de módulos separados e independentes, Chomsky inaugurou uma nova perspectiva nos estudos linguísticos, e o período ficou conhecido como a “Primeira onda cognitivista”.

Todavia, apesar de trazido à baila a investigação da cognição para a Linguística e de ter se constituído como uma importante teoria, faz-se mister recordar que o Gerativismo realiza estudos formalistas, que não se dedicam à língua em uso. À época, durante o seu surgimento, verificou-se que a teoria encontrava problemas para explicar casos que precisavam de uma investigação para além da análise sintática, uma vez que “Deixou de lado aspectos que alguns estudiosos consideravam essenciais para o estudo da linguagem, como aspectos culturais, históricos, psicológicos, sociais ou estilísticos.” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012, p. 11, tradução nossa³).

Nesse cenário, nos anos 1970, já havia uma articulação de pesquisadores que reivindicavam a necessidade de investigar os aspectos semânticos para explicar determinados fenômenos da Sintaxe, e “Foi especificamente a recusa em incluir qualquer referência à semântica na análise linguística que fez alguns estudiosos reagirem e tentarem abordar o estudo da linguagem de diferentes perspectivas.” (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013, p. 11, tradução nossa⁴). A partir dessa demanda, fundou-se a Semântica Gerativa, linha de pesquisa que pretendia incluir os fenômenos do significado nos estudos gerativistas. Contudo, essa proposta não obteve amplo sucesso, pois se tornou inviável sua abordagem nos moldes do

³ Citação original: “Dejaba de lado aspectos del lenguaje que algunos estudiosos consideraban que eran imprescindibles para el estudio de la lengua, como los aspectos culturales, históricos, psicológicos, sociales o estilísticos.”

⁴ Citação original: “Pero fue en concreto el rechazo a incluir en el análisis lingüístico toda referencia a la semántica lo que hizo que algunos lingüistas reaccionaran e intentaran acometer el estudio del lenguaje desde otras perspectivas distintas.”

Gerativismo. Mas, se de um lado a Semântica Gerativa não alcançava um maior desenvolvimento, de outro, começava a surgir um novo campo de conhecimento, “uma nova concepção de linguagem que se baseava em pressupostos amplamente diferentes e que supunha o germe do que hoje conhecemos como Linguística Cognitiva.” (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013, p. 12, tradução nossa).

Nesse contexto, com a ruptura parcial de alguns estudiosos com a abordagem chomskiana, principalmente no tocante à perspectiva modular da mente, pesquisadores norte-americanos, a exemplo de Lakoff, Talmy e Langacker, inauguraram, na década de 1980, a Linguística Cognitiva (LC). Ibarretxe-Antuñano (2013) destaca que, apesar de a LC ter se consolidado por meio dos esforços dos norte-americanos mencionados, provenientes da Universidade de Berkley, Califórnia, os estudos também se desenvolveram na Europa, sobretudo, na Alemanha, com pesquisadores como Geeraerts (1985) e Fauconnier (SILVA, 1997).

Nos Estados Unidos, a área surge a partir do Gerativismo chomskiano, e na Europa, a partir da tradição funcionalista (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013). Nesse momento, em que a LC se firma como campo do conhecimento, consolida-se a chamada “Segunda onda cognitivista”. A publicação da obra *Metaphors We Live By* (1980), de Lakoff e Johnson, é considerada um dos marcos desse período, além da realização do I Congresso Internacional de Linguística Cognitiva, ocorrido na Alemanha e organizado por Divern, um dos pesquisadores da nova área (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012; SILVA, 1997).

A nova vertente dos estudos da linguagem que surgia — a LC — naquele final da década de 1980 estabeleceu-se com o compromisso de investigar a relação entre a linguagem, a cognição e os conhecimentos de mundo (SILVA, 1997). Diferentemente da corrente gerativista, que defendia a separação da linguagem de outros “módulos da mente”, compreendendo-a de maneira autônoma e independente, a LC aduz que não há uma relação separada entre linguagem e cognição, mas uma ligação direta e interdependente entre ambas. Dessa maneira, a linguagem encontra-se conectada à mente, aos pensamentos e vice-versa. Logo, estudando-se os processos linguísticos, é possível realizar conexões para compreender como os seres humanos constroem significados.

A LC, e a Semântica Cognitiva⁵ (SC), uma subárea contida nesse campo, ao contrário do que pode parecer com a titulação, não é estritamente “cognitiva”, ou seja, não se dedica

⁵ Baseada nesta noção, Almeida (2020b) pontua a necessidade de se marcar o lugar de fala nos estudos em Semântica Cognitiva, utilizando-se a expressão “Semântica cognitiva sócio-histórico-cultural”, uma vez nem todos os estudos da área trazem para a discussão as questões sociais, históricas e culturais.

somente à abordagem mentalista para o estudo da linguagem, mas destaca, aliada a ela, fatores de ordem sócio-histórico-culturais (ALMEIDA; SANTANA, 2019). Nessa área, estuda-se, assim, a cognição de maneira situada, inseparável das “dimensões social e cultural da vida” (ALMEIDA; SANTANA, 2019, p. 115).

Com frequência, LC e sua SC têm sido confundidas, pois há uma primazia na LC pelo estudo do significado (ALMEIDA; SANTANA, 2019). Além disso, a LC tem sido compreendida como uma macroárea que abarca diversas ilhas teóricas, sendo a SC uma delas. É importante considerar, também, que a LC é um campo de conhecimento que pode dialogar com estudos psicológicos, filológicos, antropológicos, neurológicos etc., pois estuda a linguagem a partir de uma perspectiva integradora e multidisciplinar (LIMA, 2013).

A LC possui um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos que busca superar as conhecidas dicotomias estruturalistas e gerativistas, isso porque a abordagem distancia-se da perspectiva de cunho racionalista presente na Linguística Moderna e passa a considerar uma ótica centrada na experiência humana (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013). A seguir, passamos a explicar os principais pressupostos teóricos que orientam o campo, de acordo com Cuenca e Hilferty (2007), Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012) e Silva (1997).

a) A linguagem é uma capacidade integrada à cognição

Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012) assinalam que um dos princípios mais importantes da LC é a integração da linguagem à cognição. Isso implica considerar que, ao utilizarmos a linguagem, necessitamos de uma série de habilidades cognitivas, tais como a memorização, a percepção e o raciocínio, a categorização/conceitualização, procedimentos cognitivos que interessam à área, a qual busca “explicações e soluções para o problema de como a linguagem realmente funciona” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012, p. 13, tradução nossa⁶).

Logo, sensação, atenção, memória, percepção, experiência e interação entre ambiente físico e social são características que contribuem, sobremaneira, para entender como compreendemos as informações e nos expressamos. Em um enunciado ou conversa, por exemplo, temos a tendência de dar atenção a determinados aspectos em detrimento de outros. Ao sermos indagados sobre posicionamentos ou visões de mundo, respondemos com determinados argumentos que irão revelar quais pontos salientamos mais e quais pontos

⁶ Citação original: “Explicaciones y soluciones al problema de como funciona realmente el lenguaje”.

deixamos à margem em nossa defesa. Essa capacidade de “filtrar” ou de “selecionar” informações possibilita-nos investigar como mente e linguagem agem para construir sentidos (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012).

b) Realismo experiencialista e tese da corporificação

No que diz respeito ao ponto de vista metodológico, a área rejeita a dicotomia racionalismo-empirismo, ao propor uma visão não dualista dos fenômenos. No que concerne a essa perspectiva, Lakoff e Johnson (1999) argumentam que a razão não é puramente inata e autônoma, mas está imbricada a outros processos, como esclarecem os autores:

A razão não está mais localizada fora do corpo, mas os avanços nos estudos neuropsicológicos nos permitiram provar que esta, como outras funções superiores, depende do funcionamento do cérebro, do corpo e da possibilidade de experimentar o mundo (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 4, tradução nossa⁷).

Desse modo, houve uma mudança no que se compreendia enquanto razão até então, incorporando-se a relevância do corpo e das experiências para o seu funcionamento. Segundo Fajardo Uribe (2007, p. 66, tradução nossa⁸),

Essas mudanças modificaram substancialmente a visão da mente, pois devemos lembrar que para Descartes a mente estava localizada fora do corpo humano e só entrava em contato com ele através da glândula pineal, único órgão não duplicado no cérebro. Hoje, sabe-se que a mente é o produto de uma série de operações cuja sede é o cérebro. A mente se modifica a partir da experiência que cada indivíduo tem do mundo, apesar de ser produto de mecanismos inconscientes do corpo e do cérebro.

Tal alargamento dos horizontes da razão, para além da concepção filosófica tradicional ocidental, desencadeou reflexões que permitiram ampliar a compreensão do que é a mente, de como nosso pensamento funciona e interage com nosso corpo, pois “uma mudança radical em

⁷ Citação original: “Reason is no longer located outside the body, but advances in neuropsychological studies will allow us to prove that this, like other higher functions, depends on the functioning of the brain, the body and the possibility of experiencing the world.”

⁸ Citação original: “Estos cambios han modificado sustancialmente la visión de la mente, pues recordemos que para Descartes la mente estaba situada fuera del cuerpo humano y sólo entraba en contacto con éste a través de la glándula pineal, único órgano no duplicado en el cerebro. Hoy en día, se sabe que la mente es el producto de una serie de operaciones cuyo asiento es el cerebro. La mente se modifica a partir de la experiencia que cada individuo tiene del mundo, a pesar de ser el producto de mecanismos corporales y cerebrales inconscientes”.

nossa compreensão da razão é, portanto, uma mudança radical na nossa compreensão de nós mesmos.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 14, tradução nossa⁹).

A LC uniu, assim, a razão à experiência, oferecendo uma proposta não dualista e conciliatória, baseada no conceito de “realismo experiencialista”. Proposto por Lakoff e Johnson, inicialmente, em 1980, com a nomenclatura de “experiencialismo” e, depois, em 1999, com a publicação da obra *Philosophy in the flesh*, o realismo experiencialista compreende que “a mente é inerentemente incorporada, a razão é moldada pelo corpo e, como a maior parte do pensamento é inconsciente, a mente não pode ser conhecida simplesmente por auto-reflexão. O estudo empírico é necessário.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 15, tradução nossa¹⁰). Em suma, “Os aspectos universais da razão que existem surgem das semelhanças de nossos corpos e cérebros e dos ambientes em que habitamos.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 15, tradução nossa¹¹).

Dessa forma, não há uma relação separada entre mente e corpo, de forma que ambos estão imbricados no indivíduo, ou seja, os pensamentos são influenciados por uma base corporal, e esta por eles. Postula-se, então, a existência de uma razão não dicotomizada, a “razão corporificada”, porque o corpo fornece a base para o sistema conceptual e o sistema conceptual influencia o corpo. Esse importante princípio também ficou conhecido na área como “tese da corporificação” e adquiriu centralidade com a publicação da obra *The body in the mind*, de Mark Johnson, em 1987 (SILVA, 1997).

c) Primazia semântica

A LC e a SC não são compreendidas como uníssonas à toa. Isso se deve, como já assinalado, em razão da tendência aos estudos semânticos na LC, embora sob diferentes enfoques e teorias. Há uma “ênfase na importância da semântica na descrição e explicação dos fenômenos linguísticos” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012, p. 16, tradução nossa¹²), que se observa desde a consolidação da abordagem, quando pesquisadores recorreram à Semântica para tentar explicar fenômenos que a teoria sintática Gerativista, à altura, não dava conta.

⁹ Citação original: “Our most basic philosophical beliefs are tied inextricably to our view of reason. Reason has been taken for over two millennia as the defining characteristic of human beings”.

¹⁰ Citação original: “the mind is inherently embodied, reason is shaped by the body, and since most thought is unconscious, the mind cannot be known simply by self-reflection. Empirical study is necessary”.

¹¹ Citação original: “What universal aspects of reason there are arise from the commonalities of our bodies and brains and the environments we inhabit.”

¹² Citação original: “ênfasis en la importancia de la semântica em la descripción y explicación de los fenómenos linguísticos”.

Diante disso, o significado adquire lugar central, devido à própria concepção de linguagem como “um mecanismo para a comunicação de informação entre dois ou mais falantes” (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012, p. 16, tradução nossa). Como elucidado por Silva (1997, p. 6):

A primazia da semântica decorre da própria perspectiva cognitiva: se a função primária da linguagem é a categorização, então a significação será o fenômeno linguístico primário. E a natureza enciclopédica da significação (no sentido de esta se encontrar intimamente associada ao conhecimento do mundo) é uma consequência da função categorizadora da linguagem: se a linguagem serve para categorizar o mundo, então a significação linguística não pode ser dissociada do conhecimento do mundo, e, conseqüentemente, não se pode postular a existência de um nível de significação que pertence exclusivamente à linguagem distinto do nível em que a significação das formas linguísticas está ligada ao conhecimento do mundo.

É importante mencionar que a LC não adota a visão de significado “dicionarizada”, restrita ao plano linguístico, à palavra e àquilo que se convencionou que “ela quer dizer”. Diversamente dessa perspectiva, corroboramos com a concepção de que os significados não se encontram nos vocábulos, nos itens lexicais, mas são construídos pelos falantes, por meio da interação de suas mentes com seus corpos (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012).

Na LC, pois, não há uma separação dicotômica entre significado linguístico, o significado “da palavra”, e extralinguístico ou enciclopédico, ou seja, os sentidos que ela adquire no social, fora do contexto linguístico, construídos pelos falantes, pois ambos são levados em consideração nos estudos. Dessa forma, adotamos uma visão “enciclopédica” do significado, a qual engloba o linguístico e o extralinguístico, considerando todo conhecimento que temos para o estudo (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012).

d) Estudo da linguagem em uso

O terceiro postulado presente na LC refere-se à perspectiva de estudo baseada no uso linguístico (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012). Esse princípio faz-nos recordar, mais uma vez, o próprio surgimento da área, em um contexto gerativista que desconsiderava fatores extralinguísticos em suas pesquisas. É justamente no âmago desse questionamento que se firma a LC, com o interesse de estudar a linguagem em uso.

Ibarretxe-Antuñano (2013, p. 255, tradução nossa¹³) afirma que há duas perspectivas complementares para essa concepção da linguagem baseada no uso:

Por um lado, uma das perspectivas tem a ver com a ideia de que todas as afirmações teóricas ou hipóteses devem ser não apenas apoiadas, mas também fundamentadas em dados empíricos sólidos. Assim, o uso de corpus e métodos empíricos é essencial hoje na linguística cognitiva. Por outro lado, a perspectiva mais importante está relacionada à proposta de que a abstração das unidades simbólicas do uso regular da língua é aquela que fundamenta e constitui o conhecimento da linguagem dos falantes.

Portanto, seja qual for a abordagem utilizada, irá ater-se, também, ao conhecimento social de determinada palavra, expressão, mecanismo linguístico, porque, como explanado anteriormente, os fatores enciclopédicos importam, devem ser estudados e colaboram para a compreensão dos fenômenos em LC.

Reiteramos a importância desse postulado na pesquisa empreendida, tendo em vista que utilizamos como corpus para a investigação textos multissemióticos que circulam virtualmente entre os indivíduos, a exemplo de memes de internet, nos quais podemos visualizar, através da interação verbo-imagética, o conhecimento social relacionado ao significado de feminista, para, dessa forma, compreendê-lo mais a fundo e problematizá-lo sob a ótica da SC.

e) Rejeição às dicotomias tradicionais da Linguística

Ao adotar esse posicionamento de rejeição às dicotomias tradicionais da Linguística, a LC enfatiza a importância da língua em uso, por muitas vezes obliterada nos estudos linguísticos que marcaram o século XX: o Estruturalismo e o Gerativismo. Nesse processo, difere-se, em diversos aspectos, da concepção de língua dessas correntes, repelindo as tão conhecidas dicotomias tradicionais, tais como: *langue X parole*, *significante X significado*, *competência X desempenho* (IBARRETXE-ANTUÑANO; VALENZUELA, 2012).

¹³ Citação original: “Por um lado, uma de las perspectivas tiene que ver con la idea de que toda afirmación o hipótesis teórica debe estar no solo avalada sino fundamentada em datos empíricos sólidos. De ahí que la utilización de corpus y métodos empíricos sea imprescindible hoy em día en la linguística cognitiva. Por outro lado, la perspectiva más importante está relacionada con la propuesta de que la abstracción de unidades simbólicas del uso regular del lenguaje es la que fundamenta y constituye el conocimiento del lenguaje de los hablantes”.

f) Principais tendências

Conforme abordado no início da seção, a LC é um amplo campo de conhecimento que possui uma diversidade de abordagens e estudos que investigam a linguagem sob a ótica da cognição. Ibarretxe-Antuñano e Valenzuela (2012) elencam como principais tendências deste campo a: Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980); Gramática das construções; Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987); Teoria dos Espaços Mentais e da Integração Conceptual (FAUCONNIER, 1994; FAUCONNIER; TUNER, 2002); e Semântica de Frames (FILLMORE, 1968). Santana (2019) apresenta-nos ainda outras tendências, baseada em Silva (2004, 2008): Teoria dos protótipos; Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados; Teoria dos Modelos Culturais; Teoria Neural da Linguagem (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2013), entre outras.

Neste estudo, dedicar-nos-emos, como já assinalado, especificamente, à Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceptuais¹⁴, propostas por Lakoff e Johnson, em 1980, na obra *Metaphors We Live By*, com seus desdobramentos, e à Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), postulada por George Lakoff, em 1987, na obra *Women, fire, and dangerous things*. Ademais, apoiar-nos-emos na Teoria da Metáfora Multimodal (FORCEVILLE, 2008, 2009, 2016) e enfocaremos discussões sobre a Teoria da Metonímia Multimodal (ALMEIDA, 2016). Posteriormente, nas próximas seções, discutiremos as referidas abordagens utilizadas na pesquisa realizada, seus objetos, críticas, atualizações e rumos que têm tomado na esfera da LC.

A seguir, abordamos um breve histórico acerca do estudo do significado no decurso do tempo, com o surgimento da Semântica enquanto campo de investigação da ciência linguística, o que é feito visando a contextualizar o surgimento da SC como uma reação aos estudos do significado sob a ótica formalista e como uma necessidade de retomar algumas dimensões constituintes da significação que foram deixadas de lado por esses estudos formais, mas que já tinham exploradas anteriormente pela chamada semântica pré-estruturalista.

3.1 SEMÂNTICA, SEMÂNTICAS: O ESTUDO DO SIGNIFICADO NO DECORRER DO TEMPO

No decorrer da história da Linguística, a Semântica encontrou alguns obstáculos para se firmar como campo de conhecimento. Um desses, segundo Roth (1998), diz respeito à

¹⁴ Nesta obra, os autores se dedicam primordialmente ao estudo da metáfora conceptual; no entanto, discorrem, lateralmente, também sobre a metonímia.

dificuldade de se definir o objeto de estudo da área, que pode ser denominado com alguns termos, como significação, significado ou conteúdo. Um segundo fator que obstaculizou a consolidação da Semântica foi a posição que passou a ocupar nos estudos linguísticos. Conforme Santos (2015, p. 11), até o firmamento da Semântica enquanto campo autônomo, os estudos do significado passaram por oscilações, sendo “ora enfatizados, ora preteridos”. A fim de discutirmos as fases pelas quais a Semântica passou, utilizaremos a proposta apresentada pela referida autora (SANTOS, 2015) com base em Geeraerts (2006), e discutida por Santana (2019), com algumas adaptações. Assim, trabalharemos com as seguintes fases da Semântica no decorrer do tempo: 1) Semântica histórico-filológica, 2) Semântica Estruturalista, 3) Semântica Gerativista, 4) Semântica Cognitiva.

No século XIX, os estudos do significado centravam-se no léxico e buscavam identificar a relação entre o referente e a realidade. A motivação inicial para a compreensão dos significados ocorreu devido a dificuldades encontradas nos estudos etimológicos das palavras, porque, nesse período, interessava aos pesquisadores compreender o passado das línguas (ROTH, 1998). Com isso, conforme Roth (1998, p. 65), “[...] sobram numerosos casos duvidosos e, como o conhecimento da gramática histórica já não bastava para tornar plausível a origem de certas palavras, houve a necessidade de recorrer, na argumentação, a explicações semânticas”.

A Semântica nasce, pois, como “matéria da linguística histórica” (ROTH, 1998). Fernández Jaén (2007) destaca que Reisig foi o primeiro autor que iniciou os estudos do significado sob o viés histórico no ano de 1825. Após esse período, diversos estudiosos interessaram-se pelo estudo semântico, como Bréal, com a publicação da sua obra *Essai de sémantique*, em 1897.

Nesse sentido, o campo investigativo que se firmava nesses primeiros anos e que se originou do viés histórico tinha como principais características: i) a investigação da etimologia das palavras; ii) a concepção psicológica do significado, ou seja, a compreensão de que os significados são construídos a partir da cognição em interação com o corpo; iii) o entendimento de que os conhecimentos culturais e enciclopédicos são fundamentais para o seu estudo; iv) uma orientação predominantemente filológica, histórica e social (FERNÁNDEZ JAÉN, 2007) (SANTANA, 2019). Esse estágio ficou conhecido como “Semântica diacrônica pré-estruturalista” ou “Semântica histórico-filológica”. (GEERAERTS, 2007).

Todavia, essa configuração inicial da Semântica foi se modificando com o passar do tempo e de acordo com as vertentes das épocas. No início do século XX, a perspectiva dos

estudos do significado começa a se modificar com a publicação, em 1916, do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, que inaugura a corrente teórica Estruturalista. Esse fato impactou sobremaneira os estudos linguísticos e, conseqüentemente, a forma de conceber e se fazer Semântica. A partir de então, a Semântica adquire, predominantemente, um caráter sincrônico, não psicológico e formal, baseando-se no estudo dos significados dos itens lexicais, realizado por meio da análise sêmica (SANTANA, 2019). Nessa análise, os significados só têm sentido em oposição aos outros, portanto, baseia-se em explicações centradas apenas no sistema linguístico, desconsiderando aspectos sociais, culturais e enciclopédicos. Nesse estágio, que ficou conhecido como Semântica Estruturalista (SANTOS, 2015), “Muitos semanticistas rompem com a semântica original do século XIX e começam a desenvolver análises que negam, às vezes até de maneira um tanto maniqueísta, ideias pré-estruturalistas.” (FERNÁNDEZ JAÉN, 2007, p. 349, tradução nossa¹⁵).

A fase seguinte que conheceu os estudos semânticos data do início dos anos 1970 e foi marcada pelo surgimento da corrente teórica Gerativista. Nesse período, como já observado, os estudos semânticos ficaram à margem, devido à prioridade dada à Sintaxe. Como já assinalado, para o Gerativismo, a linguagem era um módulo autônomo, capaz de operar independentemente de “outros módulos”. Assim, “o modelo proposto pela Semântica Gerativa ou Interpretativa representou uma combinação das características de uma perspectiva estrutural, com o formalismo herdado da Gramática Gerativa e com a filosofia da linguagem mentalista” (SANTOS, 2015, p. 16). Entretanto, foi no âmbito dessa corrente teórica e devido às reações que ela provocou que essa vertente da semântica começou a coexistir com o próximo estágio, firmado com a SC.

No final dos anos 1970 e primórdio dos anos 1980, como já abordado anteriormente, a Semântica adquire novas características, impulsionada pelas discordâncias do Gerativismo. A partir deste período, vemos um retorno de concepções anteriormente adotadas, sobretudo a abordagem psicológica do significado, que predominou na primeira fase, Pré-Estruturalista (SANTANA, 2019), bem como a consideração de aspectos culturais e enciclopédicos. Diante disso, no seio da LC, origina-se a SC, um subcampo da LC que tem como objetivo, como aqui já observado, estudar o significado sob um enfoque cognitivo, cultural, enciclopédico, corporizado. Conforme Santos (2015, p. 24):

¹⁵ Citação original: “Muchos semanticistas se separan de la semântica original del siglo XIX y empiezan a desarrollar análisis que niegan, a veces incluso de um modo um tanto maniqueo, las ideas preestructuralistas”.

Assim, diferentemente dos modelos de análise sêmica ou componencial, em que o léxico é concebido como uma organização estrutural e o significado pode ser analisado por meio da identificação de semas, isto é, de traços distintivos mínimos, o estudo da significação, segundo o enfoque cognitivo, pauta-se na experiência humana e, portanto, na relação que os seres humanos estabelecem com o meio, com o mundo. Para Lakoff (1987), experiência envolve a totalidade da experiência humana e tudo o que nela desempenha um papel, assim, incluem-se a natureza dos corpos, capacidades geneticamente herdadas ou formas de fisicamente operar no mundo, nossa organização social, cultural etc.

Para a SC, como já ressaltado, o significado não está apenas no texto, nas palavras, não é autônomo, mas é construído pelos indivíduos por meio de operações mentais em interação com o corpo-mundo (ALMEIDA; SANTOS, 2019). A essa operação de construção de sentidos dá-se o nome em LC/SC de conceptualização, conceito que nomeia o processo por meio do qual os indivíduos constroem sentidos com base em suas experiências sócio-histórico-culturais e sensório-motoras. Como discute Silva (2006, p. 5),

O significado linguístico deve ser visto como produto da actividade mental (processamento cognitivo, actividade neurológica) de mentes humanas fisicamente corporizadas e sócio-culturalmente situadas. Afinal, os significados não podem estar noutra lugar senão nas nossas cabeças!

Nesse sentido, o significado é flexível, enciclopédico, pragmático e perspectivista (ALMEIDA; SANTOS, 2019). Nesta seção, não nos adentraremos a elencar os postulados da SC, pois já foram abordados anteriormente, por meio dos princípios orientadores da LC, mas dedicar-nos-emos, a seguir, a justificar o porquê de adotarmos o termo “sócio-histórico-cultural” nesta Dissertação.

3.1.1 Semântica cognitiva sócio-histórico-cultural

A SC, área central na qual se situa nosso estudo, conforme já assinalado, compartilha com a LC os mesmos princípios e bases epistemológicas, buscando estudar, especialmente, a construção do significado atrelada à linguagem-cognição.

Ainda que tenham os mesmos princípios, Almeida e Santana (2019), como antes também já observado, pontuam a necessidade de se demarcar o lugar de estudo na SC com a expressão “sócio-histórico-cultural”, pois algumas pesquisas na área parecem ter se olvidado das bases que a fundamentam, sobretudo no que diz respeito à consideração de questões sociais, históricas e culturais para a investigação dos fenômenos. Faz-se mister recordar que a LC – e, portanto, a SC – firmou-se por meio de uma nova perspectiva, a qual apresentou acentuada rejeição aos formalismos e às teorias que desconsideravam os conhecimentos extralinguísticos. Logo, há, atualmente, na área e na subárea, uma crítica às investigações que

desconsideram a influência sócio-histórico-cultural, esquecendo-se que essa se imiscui com o corpo e a cognição. No que se refere a essa discussão, Ibarretxe-Antuñano (2013, p. 246, tradução nossa¹⁶) afirma que:

Algumas das críticas que a linguística cognitiva tem recebido, especialmente dos linguistas europeus, estão relacionadas justamente à sua falta de perspectiva histórica; em outras palavras, alguns autores culpam certos teóricos da linguística cognitiva por sua falta de (re)conhecimento das ideias linguísticas europeias tradicionais.

Para além de uma mera crítica à falta de reconhecimento das ideias de estudiosos da vertente europeia, há que se recordar que a própria área se fundamenta em uma perspectiva que considera múltiplos estudos e que não se dissocia dos conhecimentos de mundo. Dessa forma, Almeida e Santana (2019, p. 116) assinalam a “inseparabilidade entre cognição e sociedade”, afirmando que “não nos cabe separar as dimensões da linguagem das demais dimensões da vida”.

Diante disso, as autoras adotam a nomenclatura “sócio-histórico-cultural”, associada à Semântica Cognitiva, para demarcar que essa subárea, que busca compreender os significados e conceitos, não está dissociada do mundo que a cerca. Além de Ibarretxe-Antuñano, as citadas autoras respaldam-se em Kövecses (2009), Salomão (2010) e Silva (2016) para sustentar a necessidade de ressaltar a importância das dimensões dos fatores bio-sócio-histórico-político-culturais nos estudos realizados em LC/SC.

Feitas essas considerações, justificamos por qual motivo utilizamos, nesta dissertação, a nomenclatura Semântica Cognitiva Sócio-histórico-cultural (SCSH) (ALMEIDA; SANTANA, 2019), referindo-nos à área em que cognição, corpo, cultura e linguagem vinculam-se para se estabelecer conexões acerca das construções de significados. Apesar de sabermos que a própria LC contempla em seu bojo os fatores socioculturais, concordamos com Almeida e Santana (2019), no que se refere à urgência de se reafirmar a natureza da cognição situada para a construção do significado.

A seguir, discutimos as referidas teorias utilizadas neste estudo, seus objetos, críticas, atualizações e rumos que têm tomado na esfera da SCSHC.

¹⁶ Citação original: “Algumas de las críticas que há recebido la lingüística cognitiva, especialmente por parte de linguistas europeos, están relacionadas precisamente com la falta de perspectiva histórica de la misma; en otras palabras, algunos autores le han achacado a ciertos teóricos de la lingüística cognitiva su falta de (re) conocimiento de las ideas lingüísticas tradicionales europeas.”

3.2 TEORIAS DA METÁFORA E METONÍMIA CONCEPTUAIS (TMC): O PONTO DE PARTIDA

Em uma concepção tradicional clássica, baseada na retórica, a metáfora era (e ainda é, nessa visão) vista como um recurso da linguagem figurada, isto é, um ornamento linguístico a ser utilizado em linguagens especiais, como a poética e a persuasiva (ZANOTTO *et al.*, 2002). Nesse prisma, ela era meramente uma ferramenta que não deveria ser utilizada em contextos objetivos, formais e cotidianos. Como afirma Silva (1997, p. 12),

Tradicionalmente, metáfora e metonímia têm sido consideradas como ‘figuras de estilo’, isto é, mecanismos retóricos de ornamentação da linguagem. E são essas metáforas criativas e poéticas (típicas da linguagem literária) que mais têm sido estudadas por filósofos, retóricos e críticos literários.

A esse respeito, Almeida (2015) realizou um estudo sobre a compreensão de metáfora em dicionários utilizados nas escolas brasileiras. Em sua investigação, a autora refletiu sobre os conceitos de metáfora que encontrou, os quais a tratavam, ainda, apenas como uma “figura de linguagem”, consideração enraizada pela visão clássica, e concluiu que “de um modo geral, se trabalham as metáforas, de forma a apresentá-las aos alunos como um recurso retórico, limitado-as à língua, ao seu léxico” (ALMEIDA, 2015, p. 118). Destarte, percebemos que a concepção tradicional de metáfora ainda permanece em voga em nossa sociedade.

Porém, a metáfora, e incluímos, também, a metonímia¹⁷, não são apenas recursos linguísticos, tampouco estão presentes apenas na linguagem poética, como defendia a perspectiva tradicional da retórica. Consoante Almeida (2016, p. 140), segundo Eco (2013), Aristóteles, na Antiguidade Clássica, já havia reconhecido a metáfora “como forma de conhecimento”. Também no século XVIII, a visão de metáfora enquanto um recurso cognitivo já estava presente nos pensamentos do filósofo italiano Giambattista Vico: “Dessa forma, pode-se afirmar que Vico descobriu a função cognitiva da metáfora, tendo sido assim um precursor do paradigma cognitivo da metáfora” (ZANOTTO *et al.*, 2002, p. 12).

Na LC/SC, conseqüentemente, na SCHC, elas são instrumentos cognitivos arraigados em nossa linguagem cotidiana, da mais formal a informal. Esse novo olhar¹⁸ sobre a metáfora e a metonímia (esta última tratada na obra de forma lateral) foi proposto em 1980 por Lakoff e

¹⁷ Apesar de apresentarmos, nesta seção, citações e discussões sobre a metáfora, Lakoff e Johnson (1980) também estendem a perspectiva conceptual à metonímia na obra *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002), embora que de maneira secundária, tratando-a em um capítulo.

¹⁸ Lakoff e Johnson (1980) propuseram a Teoria da Metáfora conceptual, em 1980, baseados no trabalho pioneiro de Reddy (1979) sobre a metáfora do canal, o qual foi expandido pelos autores.

Johnson, com a publicação da obra *Metaphors We Live By* (*Metáforas da Vida Cotidiana*, 2002) — a qual é considerada um marco para a consolidação da LC e da SCSH, como apresentado anteriormente nesta dissertação.

Na referida obra, os autores, após analisarem diversas expressões linguísticas cotidianas, postularam que, subjacente à linguagem verbal, há um sistema conceptual metafórico e metonímico que influencia o pensamento e as ações. Sendo assim, metáfora e metonímia puderam ser concebidas como “figuras do pensamento” e da ação, responsáveis pela estruturação da linguagem, das nossas ações no mundo e pensamentos. Em outras palavras, as metáforas e as metonímias são modos de pensar e raciocinar, isto é, são mecanismos cognitivos que nos possibilitam, por meio da linguagem, construir sentidos e nos comunicar.

Neste momento, constatou-se que esses recursos estão na mente dos indivíduos e são mecanismos cognitivos essenciais à construção de significados e, conseqüentemente, à comunicação, por isso, evidentes na linguagem. Lakoff e Johnson (2002, p. 48) asseveram que:

[...] metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, os processos de pensamento são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando definimos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido.

Visto que está presente na mente de todos os seres humanos, a metáfora possibilita-os compreender o mundo e evidencia-se nas expressões das linguagens utilizadas por todos, sem que se deem conta de que estão empregando, densamente, uma linguagem metafórica, e o mesmo ocorre na metonímia.

No estudo pioneiro lakoff-johnsoniano, firma-se a chamada Teoria de Metáfora Conceptual (TMC) em LC, na qual os autores “demonstram que conceptualizamos sistematicamente muitos domínios conceptuais através de metáforas conceptuais, isto é, projectando neles outros domínios” (SILVA, 1997, p. 13). Ademais, lançaram-se as primeiras sementes para o estudo da metonímia sob a ótica da LC-SC. Essas propostas teóricas foram, sete anos depois, reconfiguradas, a partir da proposta de Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) que será apresentada adiante.

3.3 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS (MCIS)

Em 1987, posteriormente à publicação de *Metaphors We Live By* (*Metáforas da vida cotidiana*), Lakoff publicou *Women, fire, and dangerous things* (*Mulheres, fogo e coisas perigosas*), obra que foi também considerada significativa para os estudos em LC, porque trouxe novas contribuições, entre elas a noção de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs).

No referido estudo, Lakoff discorre, nos capítulos iniciais, sobre a categorização, uma função inerente a todos os seres humanos. Para interpretarmos o mundo e o compreendermos, categorizamos objetos, pessoas, coisas, emoções, como pertencentes a grupos, com base em semelhanças. Como afirma Almeida (2020a, p. 388), “sem a categorização, função primária da vida, não seria possível aprender a partir da experiência”. Logo, se não dispuséssemos da categorização, teríamos que, sempre ao ver ou entrar em contato com algo novo, como um objeto ou situação, construir um novo significado para ele, o que seria impossível para o armazenamento de informações. Assim, Lakoff (1987) argumenta que o processo de categorizar está na base de qualquer compreensão e é realizado de maneira automática. Em virtude da importância dessa noção para o estudo que iremos desenvolver aqui, abordá-la-emos a seguir.

3.3.1 Categorização

Uma vez que a mente está imbricada e desenvolve-se com o corpo, a categorização torna-se uma consequência da interação organismo-cognição-ambiente. Trata-se de um procedimento fundamental para a linguagem e para além dela. Consoante Valenzuela, Ibarretxe-Antuñano e Hilferty (2012, p. 44, tradução nossa¹⁹):

A categorização é uma das habilidades cognitivas básicas e completamente essenciais para a sobrevivência de qualquer sistema biológico. Consiste em agrupar os diferentes objetos do mundo de acordo com suas semelhanças ou diferenças, para que possamos usar as informações aprendidas sobre um dos membros da categoria para os demais membros da mesma.

Esse processo está na base das habilidades dos seres humanos e pode ser visualizado por meio da linguagem, pois, para compreendermos conceitos, agrupamo-los em categorias. A categorização nos permite reconhecer, quase que instantaneamente, um objeto ou situação

¹⁹ Citação original: “La categorización es una de las habilidades cognitivas básicas y completamente imprescindibles para la supervivencia de cualquier sistema biológico. Consiste en agrupar los distintos objetos del mundo según sus parecidos o diferencias, de manera que podamos utilizar la información aprendida sobre uno de los miembros de la categoría al resto de miembros de la misma”.

como pertencente a uma determinada categoria, informação que fica armazenada em nossa memória de longo prazo e à qual recorreremos sempre que necessário.

As investigações clássicas sobre categorização originaram-se do pensamento de Aristóteles, sob a ótica de que, para que um dado elemento pertencesse a uma categoria, deveria possuir todas as características ou traços que a definiam (TAYLOR, 1995). Esse modelo de categorização possuía como pressupostos: 1) definir categorias a partir de condições necessárias e suficientes; 2) as categorias seriam definidas através de propriedades binárias; 3) apresentariam limites bem claros e demarcados; 4) todos os membros de uma categoria apresentariam o mesmo status (TAYLOR, 1995). “O modelo clássico remonta à Antiguidade Clássica, e dominou a filosofia, a psicologia e a linguística, em particular a linguística autônoma (tanto estruturalista quanto gerativista), ao longo de grande parte do séc. XX e perdura, ainda que em menor escala, até os dias de hoje” (GARCIA; BRANDÃO, 2017, p. 29).

Katz e Fodor (KF) (SANTOS, 2015) deram continuidade a essa perspectiva em 1963, através da Semântica de base Gerativista. Os autores realizavam a análise sêmica para a compreensão dos significados, que se baseava em condições necessárias e suficientes para a classificação dos elementos (ALMEIDA, 2020a) por meio de traços definidores dos conteúdos das palavras. Nesse sentido, “a semântica gerativa na versão KF retorna a mais tradicional das descrições lexicográficas, a da definição aristotélica”. (LOPES, 1980, p. 305).

Conforme esclarece Lakoff (1987, p. 15, tradução nossa),

Desde o tempo de Aristóteles até a obra posterior de Wittgenstein, as categorias eram consideradas bem compreendidas e não problemáticas. Elas foram consideradas recipientes abstratos, com coisas dentro ou fora da categoria. As coisas eram consideradas na mesma categoria se e somente se tivessem certas propriedades em comum. E as propriedades que eles tinham em comum foram consideradas como definidoras da categoria.

Então, para que um animal pertencesse à categoria AVE, por exemplo, deveria possuir todos os atributos definidores, como “ter bico”, “ter duas asas”, “ter penas”, “poder voar” e “colocar ovos” (FERRARI, 2009).

No entanto, na LC/SC/SCSHC, as investigações de Eleanor Rosch sobre categorização, alicerçadas na Psicologia Cognitiva, adquiriram destaque. A autora dedicou-se ao estudo de categorização das cores (ROSCH, 1973) e de objetos, elencando princípios básicos para a formação de categorias (ROSCH, 1999). Rosch (1999, p. 28, tradução nossa) postulou os seguintes princípios: “[...] a tarefa dos sistemas de categorias é fornecer o máximo de

informação com o mínimo de esforço cognitivo.”²⁰ e “[...] o mundo percebido vem como informação estruturada e não como atributos arbitrários ou imprevisíveis.”²¹ Deste modo, com base nos princípios da economia cognitiva e da estrutura percebida do mundo, Rosch inaugurou uma noção importante para a perspectiva da categorização: a visão de protótipos.

Nessa ótica, não existem categorias fixas para o processo de categorização, ou seja, um determinado objeto pode não compartilhar todos os traços definidores, mas ainda assim pertencer à determinada categoria; em cada categoria haveria, então, membros mais ou menos prototípicos, mas a classificação não seria excludente como no modelo anterior postulado por Katz e Fodor (ROSCH, 1999).

Esses estudos proporcionaram o surgimento da Teoria dos Protótipos, segundo a qual há uma escala de prototipicidade cujos membros se distribuem em níveis, “[...] em fronteiras categoriais” (LAKOFF, 1987). Nas palavras de Rosch (1999, p. 29, tradução nossa²²), “as categorias tendem a ser definidas em termos de protótipos ou instâncias prototípicas que contêm os atributos mais representativos dos itens dentro da categoria e menos representativos dos itens fora da categoria”. Com isso, os elementos podem ocupar uma posição mais saliente, prototípica, uma posição intermediária, compartilhando com ela alguns traços, ou uma posição periférica, distanciando-se das características prototípicas previstas. A título de exemplificação, tem-se a categoria FRUTA. Como membro mais prototípico, pensaríamos em *maçã*, e como membro mais periférico, em *tomate* (SILVA, 1997). No entanto, em outros contextos, isso pode ser modificado, estando uma categoria sujeita à “variabilidade e a abertura à contínua reformulabilidade da mesma categoria” (TEIXEIRA, 2005, p. 26), tal como percebido por Teixeira (2005, p.26) em seu estudo acerca do protótipo de FRUTA:

Os dados demonstram, assim, que estatisticamente não se pode afirmar que há um (mesmo um) fruto que é o primeiro ou o protótipo objectual da categoria. O que indicam é que há uma relativa invariância do lugar que cada fruto ocupa em inquéritos que retratem a facilidade de evocação da categoria.

Acerca dos protótipos, outro exemplo relevante é a categoria MÃE, discutida por Lakoff (1987), em que *mãe dona de casa* é o exemplo mais prototípico identificado com base

²⁰ Citação original: “[...] the task of category systems is to provide maximum information with the least cognitive effort”.

²¹ Citação original: “[...] the perceived world comes as structured information rather than as arbitrary or unpredictable attributes”.

²² Citação original: “[...] categories tend to become defined in terms of prototypes or prototypical instances that contain the attributes most representative of items inside and least representative of items outside the category”.

nas experiências dos indivíduos, definindo, inclusive, as expectativas culturais em relação a ela. Portanto, nessa perspectiva, “pode-se afirmar que as categorias não são discretas, nem têm limites determinados, nem homogeneidade; por isso, seus membros podem ser mais ou menos representativos” (ALMEIDA, 2020a, p. 388). Por fim, vale ressaltar que reconhecemos a prototipicidade em relação a algumas categorias, mas que esse processo não é estanque, posto que está sujeito à variabilidade. Desse modo,

o protótipo não poderá ser entendido como um elemento representativo de uma categoria, uma realidade objectual e discreta, mas terá que ser concebido no sentido de Lakoff (1987), como ‘modelo cognitivo idealizado’, o que implica ser construído mentalmente pelas experiências cognitivas e associativas dos falantes e não pelas taxionomias científicas.

A categorização, enfim, é uma habilidade básica que demonstra a evidência do entrelaçamento entre linguagem-cognição e, por isso, sua compreensão forma uma das principais bases da LC, sob a qual se assenta o entendimento de “como pensamos e funcionamos” (LAKOFF, 1987, p. 6).

3.3.2 Entrelaçamentos: o processo de categorização e a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI)

A noção de prototipicidade de Rosch (1978) trouxe contribuições para os estudos de Lakoff (1987) sobre a formação dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). O autor assinalou que o modelo metonímico é uma das principais fontes de efeitos de protótipo, porque esse mecanismo cognitivo em que, em geral, uma parte representa o todo, oportuniza a formação de efeitos prototípicos, tendo em vista que permite a saliência de um elemento em detrimento de outros. Sendo assim, a noção de prototipicidade de Rosch (1978) é imprescindível para a compreensão de outras investigações em LS/SC/SCSHC, como a de Lakoff (1987) sobre os MCIs.

Na perspectiva do autor, ao categorizar, a partir de nossas vivências de mundo, organizamos os nossos conceitos em estruturas de conhecimento chamadas de MCIs, as quais são armazenadas em nossa memória. Ao construirmos um conceito, então, recorreremos ao MCI que construímos desse conceito, isto é, ao modelo mental que elaboramos, o qual está assentado “em conhecimentos e crenças partilhados comunitariamente e organizados em estruturas de carácter prototípico” (TEIXEIRA, 2005, p. 10).

Conforme Lakoff (1987), os MCIs podem se estruturar por meio de quatro processos: 1) estrutura proposicional; 2) esquemas de imagem; 3) mapeamentos metafóricos; 4) mapeamentos metonímicos. Ele considera a existência de cinco tipos de MCI: proposicionais,

simbólicos, de esquemas de imagem, metafóricos e metonímicos. Considerando o recorte feito para a Dissertação, abordaremos exclusivamente os mapeamentos metafóricos e metonímicos.

Os modelos metafóricos são construídos a partir de mapeamentos entre dois domínios conceptuais diferentes. A partir desses modelos, temos a emergência das metáforas conceptuais. De forma distinta, os modelos metonímicos são construídos a partir de projeções que ocorrem dentro de um mesmo domínio conceptual. Com eles, temos o surgimento das metonímias conceptuais. Devido à escolha desses dois modelos para a análise da pesquisa realizada, passaremos a conhecê-los, de forma detalhada, nas próximas seções.

3.3.3 O modelo metafórico

Nas palavras de Lakoff e Johnson (2002, p. 5), “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. Como já observado anteriormente, o modelo metafórico envolve a projeção de elementos de um domínio-fonte, aquele do qual se parte para projetar características para compreender o domínio-alvo. Em geral, o primeiro é mais concreto, estruturado, e o segundo é mais abstrato, necessitando de estruturação para que possa ser entendido (SANTANA, 2019).

A metáfora conceptual é representada por meio do uso de caixa-alta, conforme o seguinte padrão: DOMÍNIO-ALVO É (PARCIALMENTE) DOMÍNIO-FONTE. Um exemplo pode ser observado por meio da metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO (LAKOFF; JOHNSON, 2002), presente em nossa sociedade, com a qual conceptualizamos o domínio-alvo TEMPO (mais abstrato) a partir de nossas experiências com o domínio-fonte do DINHEIRO (mais concreto): gastar, investir, perder, ganhar. Essa metáfora, existente em nossa cognição, emerge na linguagem por meio das expressões linguísticas metafóricas como “não vou perder meu tempo com isso”, “eu investi meu tempo naquele trabalho”, “você gastou meu tempo com aquilo”. Há, pois, uma diferença, em SC, entre metáfora conceptual (TEMPO É DINHEIRO, AMOR É UMA VIAGEM, DISCUSSÃO É GUERRA) e expressão linguística metafórica (respectivamente, ‘gastei meu tempo com aquela reunião’; ‘chegamos a um beco sem saída’; ‘ele atacou meus argumentos’), estando a primeira a nível cognitivo, mental, e a segunda no plano linguístico, com a primeira possibilitando a segunda.

Para que essa questão fique mais explícita, recorremos a Santana (2019, p. 38), que afirma que:

As metáforas conceptuais motivam a utilização de expressões metafóricas, as quais, por sua vez, são as manifestações das metáforas conceptuais que lhes são subjacentes, ou seja, as expressões metafóricas são as manifestações (modo de falar, de escrever, de pintar, de dançar) das metáforas conceptuais (modos de pensar) e é através do uso das expressões metafóricas que as metáforas conceptuais podem ser acessadas.

Nesse sentido, utilizamos metáforas para compreender o mundo, criar significados, isto é, conceptualizar. Objetivando entender como as conceptualizações surgem por meio desse mecanismo cognitivo, Lakoff e Johnson (2002 [1980]) propuseram uma classificação inicial²³ para as metáforas conceptuais, a qual consistiu em: i) metáforas estruturais, ii) orientacionais e iii) ontológicas.

No final dos anos 1990, discussões começaram a surgir acerca dessas classificações do fenômeno metafórico, o que levou os próprios autores, posteriormente, a repensarem essa taxonomia inicial das metáforas e a adotarem novas propostas, a exemplo da Hipótese da Metáfora Primária elaborada por Grady, em 1996, e assimilada na obra *Philosophy in the Flesh* (1999), de Lakoff e Johnson (LIMA, 2003). Diversos autores na LC desenvolveram seus estudos a partir de então, concentrando-se em aprofundar-se nas singularidades desse mecanismo cognitivo. Portanto, notamos que, a depender do critério de observação, teremos classificações diferentes para as metáforas. Com o intuito de conhecê-las, iremos comentar aqui algumas propostas.

Kövecses (2010) apresenta quatro critérios de classificação para as metáforas conceptuais que consideramos importantes de serem discutidos:

- 1) Grau de convencionalidade;
- 2) Função;
- 3) Natureza do domínio-fonte;
- 4) Generalidade das metáforas.

O grau de convencionalidade diz respeito à capacidade de uma metáfora ser mais ou menos cristalizada na sociedade, ou seja, mais ou menos convencional. Nessa perspectiva, podemos ter metáforas mais convencionais, isto é, enraizadas na sociedade, ou mais criativas, isto é, com usos novos e pouco comuns. Essas metáforas, todavia, não se encontram polarizadas, mas em um *continuum*, no qual é possível identificar aquelas mais comuns e outras mais inovadoras (SANTANA, 2019; SORIANO, 2012).

²³ Chamamos de classificação inicial porque foi a primeira proposta presente na obra pioneira de 1980. Após essa, outras classificações surgiram na área.

No que se refere à função da metáfora, Kövecses (2010) adota a mesma classificação proposta por Lakoff e Johnson em 1980 e citada anteriormente, isto é: i) metáforas estruturais, ii) metáforas ontológicas e iii) metáforas orientacionais.

Ao considerar o critério da natureza do domínio-fonte, teremos outros tipos de classificação. Como proposto por Grady, em 1997, na Hipótese da Metáfora Primária, há as metáforas do tipo de imagem, que irão se diferir das metáforas regulares como TEMPO É DINHEIRO, por exemplo, pois são baseadas em percepções físicas e suas relações de semelhanças (LIMA, 2003). As metáforas de imagem são originadas a partir de domínios-fontes simples, não complexos, o que se projeta também no domínio-alvo; elas são produzidas a partir de esquemas de imagem que, por sua vez, têm origens em experiências físicas (KÖVECSES, 2010; SORIANO, 2012). Assim, as metáforas de imagem²⁴ têm domínios-fonte e alvo relacionados a experiências físicas parecidas.

Por fim, em relação ao grau de generalidade, as metáforas podem ser classificadas em de nível genérico e nível específico. As primeiras possuem domínios-fonte e alvo mais gerais e se aplicam a situações mais gerais, enquanto as segundas trazem um recorte específico, com alguma característica demarcada (SORIANO, 2012).

No tocante à origem das metáforas, Kövecses (2010) elenca possíveis motivações para o seu surgimento. Uma dessas motivações encontra-se na base experiencial ou na percepção que temos de domínios conceptuais como sendo análogos, ou seja, sustentados nas experiências sociais, histórias, físicas e culturais, construímos nossos conhecimentos e criamos metáforas através da identificação de um domínio conceptual com outro. Essa é “Uma das razões pelas quais inúmeras metáforas conceptuais são comuns a muitas línguas do mundo.” (SORIANO, 2012, p. 90, tradução nossa²⁵), ainda que as metáforas também possam se diferir e variar de cultura para cultura.

O segundo aspecto diz respeito às semelhanças entre domínios experienciais. Em geral, realizamos mapeamentos de um domínio-fonte para compreender o domínio-alvo, projetando, assim, parcialmente, atributos daquele para este, visando compreendê-lo. Um exemplo pode ser observado através da expressão linguística metafórica “A mulher é uma leoa ao defender seus filhos”, na qual depreendemos a projeção de algumas características (e não todas) do domínio-fonte LEOA, como o fato de ser feroz na defesa de seus filhotes, para

²⁴ Segundo Soriano (2012, p. 99), “Por exemplo, a imagem redonda da lua e sua localização no alto podem ser associadas à imagem de um balão, como aconteceu na melodia do programa infantil ‘Um Balão, Dois Balões, Três Balões’: ‘a lua é um balão que eu fujo’”.

²⁵ Citação original: “Una de las razones por las que numerosas metáforas conceptuales son comunes a muchos idiomas del mundo”.

compreender o domínio-alvo MULHER na frase em questão. Esse processo é amplamente realizado pelos seres humanos na tentativa de entender o mundo que os cerca. Outro exemplo pode ser observado na conceptualização que construímos da raiva como sendo um fluido quente, a qual está diretamente alicerçada em nossa experiência física, por exemplo: nas expressões linguísticas “Estou fervendo de raiva” e “Ela estava pegando fogo de raiva”, projetam-se características do domínio-fonte FLUIDO QUENTE, tais como sua alta temperatura, para compreender o domínio-alvo RAIVA; forma-se, então, a metáfora conceptual A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE, derivada da semelhança que construímos entre domínios experienciais, a fim de compreender o mundo. Ademais, as metáforas conceptuais podem surgir, ainda, a partir de outras, formando uma rede de metáforas (KÖVECSES, 2010).

O pensamento metonímico é o terceiro aspecto que motiva o aparecimento de metáforas, uma vez que esse mecanismo cognitivo consiste no mapeamento de características parciais. Logo, o uso de um domínio pode ativar metonimicamente o outro e estes passam a constituir uma metáfora motivada a partir de projeções metonímicas.

Barcelona Sánchez (2003) desenvolveu ideias relacionadas à metonímia, contribuindo para o avanço dos estudos acerca desse fenômeno. O autor argumentou sobre o poder da metonímia, afirmando que ela consiste em um processo mais básico, que subsidia os mapeamentos metafóricos, visto que toda metáfora revela uma perspectiva central, um recorte. Em sua ótica, a metonímia seria onipresente, encontrando-se em metáforas, na formação de MCI, na elaboração de protótipos, no discurso, nos símbolos e nos gestos. Corroborando com esse pensamento, Paiva (2010, p. 14) defende que “em todo processamento metafórico há encaixado um processamento metonímico”. Ao encaixamento metafórico-metonímico, Goossens (2003) chamou de “metaftonímia”, termo que exprime a combinação de metáfora e metonímia. Em LC, diversos autores, como Radden e Kövecses (2007) e Paiva (2010, 2011), discutem a metonímia como um processo conceptual básico gerador de metáforas. Para esses pesquisadores, não há metáfora sem metonímia.

O último aspecto discutido por Kövecses (2010) e sintetizado por Soriano (2012), como motivador de metáforas conceptuais, é a influência da cultura, pois em cada civilização há costumes que influenciam o modo de percepção dos indivíduos e, conseqüentemente, as construções de sentidos que serão formadas por meio da linguagem. Portanto, os modos de ser de uma cultura, de viver e de perceber o mundo estão diretamente interligados ao sistema conceptual de seus integrantes e à forma como constroem significados para as coisas, o que, sem dúvida, irá influenciar no surgimento de metáforas conceptuais.

As metáforas conceptuais apresentam uma série de características que possibilitam seu reconhecimento. Uma delas é que têm expressividade relaciona-se a um postulado básico da SC/SCSHC: a corporização. Já é sabido que as metáforas conceptuais são motivadas e originadas por experiências físicas e que, em geral, se utiliza a experiência concreta para construir conceitos abstratos, difíceis de apreensão. Torna-se explícito, portanto, que a forma como vivemos e percebemos o mundo, como sentimos o corpo, influencia na formação de metáforas, dada a ligação corpo-mente.

Soriano (2012) elenca, ainda, como características das metáforas conceptuais: a estrutura hierárquica e a inferência, que dizem respeito à ligação que as metáforas possuem com outras, estabelecendo com elas uma hierarquia; as projeções parciais, a invariabilidade e a multiplicidade, concernentes, respectivamente: 1) ao fato de que as projeções entre domínios são parciais, uma vez que se mapeássemos características totais um conceito seria compreendido como igual ao outro; 2) à Hipótese da invariabilidade, a qual afirma que as metáforas são originadas por meio de projeções baseadas em esquemas de imagem, ou seja, existe um foco de características do domínio-fonte que são mapeadas e que nos permite compreender por qual motivo essas foram eleitas pelo conceptualizador e não outras; 3) à multiplicidade, que revela que os domínios-fonte e alvo de uma metáfora não são exclusivos dela, mas podem servir de estruturação para conceptualizar outras coisas e para gerar outras metáforas.

Desde 1980, os estudos relacionados às metáforas viram-se impactados com o surgimento da TMC, que incorporou, ainda que parcialmente, a discussão sobre a Metonímia conceptual, compreendendo ambas para além de questões linguísticas e figurativas, vendo-as como verdadeiros mecanismos cognitivos que permitem aos indivíduos raciocinar e construir sentidos. Consoante ao que já foi assinalado anteriormente, a metáfora passou ser compreendida como uma “figura de pensamento” que está presente em nosso cotidiano, porque compõe a base do nosso raciocínio mental. Considerar que as metáforas não estão “no texto” nem são, exclusivamente, uma propriedade linguística, implica compreender que elas não apenas se encontram em nossa linguagem verbal ordinária, como comprovaram Lakoff e Johnson (2002), mas também se fazem presentes em outros tipos de linguagem, como a imagética, a multissemiótica e a gestual.

Embora os estudos iniciais tenham apenas trabalhado com investigações em linguagem verbal, as pesquisas na área avançaram com a Teoria da Metáfora Multimodal (TMM), proposta por Charles Forceville (2016), a qual será melhor detalhada na subseção

3.4. O campo, hoje, segue frutífero, com investigações em diversas semioses, como os trabalhos de Paiva (2010), Sperandio (2010), Almeida (2016), Andrade (2016) e outros.

3.3.4 O modelo metonímico

Nesta seção, dedicar-nos-emos a abordar o modelo metonímico a partir dos pressupostos teóricos de Lakoff (1987), Radden e Kövecses (2007) e Barcelona Sánchez (2009, 2012), autores que oferecem uma teorização sobre esse mecanismo cognitivo que, para alguns pesquisadores, como Paiva (2010) e Barcelona Sánchez (2003), ainda possui posição periférica nas pesquisas em LC/SC/SCSHC. Propusemo-nos também a refletir acerca dos diferentes conceitos sobre a metonímia apresentados pelos autores, abordando a relação entre eles.

Consoante pensamento de Lakoff e Johnson (2002, p. 92), “a metonímia [...] tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento.” Os autores chegaram a essa conclusão após compreenderem que as projeções metonímicas não são aleatórias, mas nos dão pistas para entendermos a seleção de determinados aspectos em detrimento de outros no processo de referência.

Diferentemente da metáfora, como já dito, a metonímia não envolve uma projeção entre domínios conceptuais distintos, mas uma projeção entre partes do mesmo domínio conceptual, isto é, uma projeção intradomínio, dentro de um mesmo MCI (LAKOFF, 1987).

Ao discorrer sobre esse processo em sua obra *Women, fire, and dangerous things*, Lakoff (1987) postula que a metonímia, ou modelo metonímico, é formada quando, dentro de um mesmo MCI, há uma ligação entre dois elementos A e B, de tal forma que um pode representar o outro, ou seja, B pode representar A ou A pode representar B.

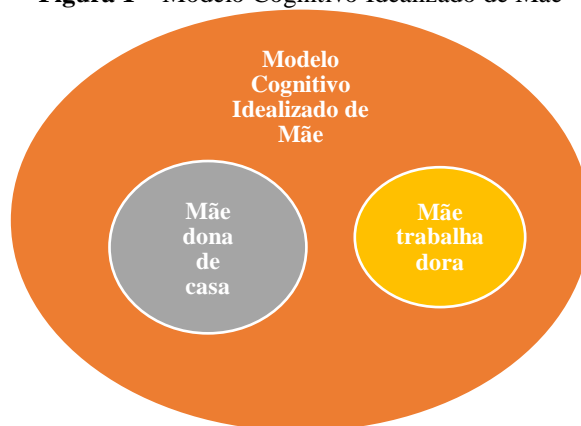
O autor argumenta ainda sobre a relevância da metonímia como função cognitiva básica, apresentando diversos tipos de modelos metonímicos, mas se dedica especialmente ao estudo dos estereótipos sociais, caso em que “um membro ou subcategoria pode representar metonimicamente a categoria inteira com o propósito de fazer inferências ou julgamentos” (LAKOFF, 1987, p. 78, tradução nossa²⁶). Essa ideia é de fundamental importância para o nosso estudo, pois a construção de significado das feministas é realizada a partir de efeitos

²⁶ Citação original: “a member or subcategory can metonically represent an entire category for the purpose of making inferences or purposes.”

prototípicos, os quais, por sua vez, estruturam-se por meio de modelos metonímicos estereotipados.

Um dos exemplos mais conhecidos discutidos por Lakoff (1987) em relação ao modelo metonímico é o exemplo de Mãe dona de casa, como já indicado aqui anteriormente. Ao pensarmos na categoria das mães, com frequência, acionamos o modelo de Mãe dona de casa. Dessa forma, a Mãe dona de casa é um tipo de metonímia formada por uma projeção intradomínio, uma vez que é apenas uma parte do domínio conceptual MÃE. A seguir, exemplificamos na Figura 1 essa relação.

Figura 1 – Modelo Cognitivo Idealizado de Mãe



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

O MCI de Mãe comporta diferentes tipos, mas um parece adquirir representatividade em nossa cultura por projeção metonímica: o modelo de Mãe dona de casa. Como podemos observar, socialmente, ao pensarmos em mães, acionamos apenas uma parte do MCI, a Mãe dona de casa. Essa seleção específica de uma parte para acionar o todo nos permite refletir porque essa parte foi escolhida em detrimento de outras, como a mãe trabalhadora, por exemplo (LAKOFF, 1987). Por que se recorre ao modelo de Mãe dona de casa para se representar metonimicamente as mães? Por que não selecionar outra parte do MCI? Questionamentos como esses despertaram a atenção para a seleção e a escolha de determinadas perspectivas na formação das metonímias, demonstrando que este modelo cognitivo não é meramente um recurso referencial, mas é, também, uma forma de raciocinar sobre algo, um recurso gerador de significados. Nas palavras de Radden e Kövecses (2007, p. 336, tradução nossa²⁷), “A metonímia [...] não simplesmente substitui uma entidade por outra entidade, mas as inter-relaciona para formar um significado novo e complexo.”

²⁷ Citação original: “Metonymy does, however, not simply substitute one entity for another entity, but interrelates them to form a new, complex meaning.”

Radden e Kövecses (2007), em continuação aos estudos de 1999, tecem contribuições atinentes ao entendimento do fenômeno metonímico, as quais retiram o ofuscamento que pairava sob os estudos acerca desse recurso cognitivo, ao menos buscando esboçar uma proposta inicial de teoria da metonímia na área da SC/SCSHC. O conceito proposto pelos autores parece ser divergente do de Lakoff (1987), porém, apesar de terem construções linguísticas diferentes, as definições partilham de compreensões aproximadas. Para os autores, a “Metonímia é processo cognitivo por meio do qual uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, dentro de um mesmo MCI” (RADDEN; KÖVECSES, 2007, p. 337, tradução nossa²⁸). Nesse caso, fazendo um paralelo com a definição de Lakoff (1987), o veículo corresponde ao elemento A, que representa um elemento B, o alvo, dentro de um mesmo MCI. Os autores discutem o exemplo “Ela é apenas um rosto bonito”, baseados em Lakoff (1987), em que “rosto bonito” é o ponto de referência, ou seja, o veículo que permitirá acesso ao alvo “pessoa”.

Em vista de construir uma teoria mais robusta sobre a metonímia, Radden e Kövecses (2007) se aprofundaram na investigação de questões teóricas referentes a esse mecanismo cognitivo, quais sejam:

- 1) Quais são os domínios ontológicos nos quais ocorre a metonímia?
- 2) Quais são os tipos de relações que produzem metonímia?
- 3) Quais são os princípios cognitivos que governam a seleção de um veículo preferido?
- 4) Quais são os fatores primordiais que geram casos de metonímias ‘não inadimplentes’? (RADDEN; KÖVECSES, 2007, p. 340, tradução nossa).

Consideramos abordar neste estudo, prioritariamente, os aspectos 1, 2 e 3 antes expostos, respectivamente, domínios ontológicos, tipos de relações produtoras de metonímia e princípios cognitivos que orientam a escolha de veículos, porque estes oferecem explicações importantes para as metonímias encontradas em nosso corpus. Por isso, os discutiremos a seguir.

Primordialmente, no tocante aos domínios ontológicos nos quais a metonímia ocorre, os autores apontam os signos, as formas ou os conceitos. Elencam, dessa forma, três tipos de metonímia: 1) a metonímia de signo, concernente a projeções que unem uma forma a um ou mais conceitos; 2) a metonímia de referência, que relaciona entidades do mundo real a sinais, conceitos ou formas; e, por fim, 3) a metonímia de conceito, que se refere a projeções que

²⁸ Citação original: “Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same idealized cognitive model”.

envolvem mudanças de um significado A para um significado B, com ou sem mudança de forma (RADDEN; KÖVECSES, 2007).

A título de exemplificação, a metonímia de signo, que une uma forma a um conceito, pode ser observada na correspondência de significado entre o símbolo cifrão (\$) e o conceito de dinheiro, ou na palavra “dólar” acionando o conceito de “dinheiro”. Esse princípio metonímico está presente na própria constituição da língua, pois, nos termos de Saussure, por exemplo, o signo linguístico é composto por um significado (conceito), aliado a um significante (forma). Desse modo, essa propriedade revela-nos que “a linguagem, bem como outros sistemas de comunicação, são necessariamente metonímicos” (RADDEN; KÖVECSES, 2007, p. 338, tradução nossa²⁹).

Por sua vez, a metonímia de referência pode ser observada quando uma palavra, interligada a um conceito, refere-se a algo do mundo real: “Na compreensão popular da linguagem, um conceito ou a forma de um signo pode se referir à realidade.” (RADDEN; KÖVECSES, 2007, p. 339, tradução nossa³⁰). Os autores trazem à baila os seguintes exemplos: forma-conceito para coisa/evento, concernente à palavra “vaca” e o seu conceito, que podem representar “vaca” no mundo real; conceito para coisa/evento, concernente ao uso de nomes próprios, a exemplo do nome John Smith (conceito), referindo-se diretamente à pessoa portadora do nome; e, por fim, forma para coisa/evento, concernente à palavra “vaca”, em sua forma, referindo-se à “vaca” no mundo real (RADDEN; KÖVECSES, 2007).

Como visto, na metonímia de signo e na metonímia de referência há relações entre conceitos, formas e eventos do mundo real. No entanto, o último tipo, a metonímia de conceito, difere-se dessas duas porque apresenta como principal característica não apenas uma relação, mas uma mudança de um significado para outro.

Interessa-nos, neste estudo, quanto aos domínios ontológicos, a metonímia de conceito, dividida por Radden e Kövecses (2007) em quatro tipos, exemplificados e explicitados no Quadro 1 a seguir.

²⁹ Citação original: “Since we have no other means of expressing and communicating our concepts than by using forms, language as well as other communication systems are of necessity metonymic. It is also for that reason that we fail to notice the metonymic nature of language”.

³⁰ Citação original: “In people’s folk understanding of language, a concept or the form of a sign may refer to reality”.

Quadro 1 - Tipos de metonímia de conceito

Tipo 1	Forma A-Conceito A, para Forma B-conceito B	Ônibus->Ônibus-> Motoristas de ônibus-> Motoristas de ônibus
Tipo 2	Forma-conceito A para conceito B	Mãe-> Mãe dona de casa
Tipo 3	Forma A-Conceito A para Forma A-Conceito B	Casa branca-lugar-> Casa branca-Instituição
Tipo 4	Forma A-Conceito A para Forma B-Conceito A	ONU-> Nações Unidas

Fonte: Elaborado pela autora com base em Radden e Kövecses (2007).

Há no tipo 1, segundo Radden e Kövecses (2007), a metonímia conceitual mais comum, quando dois pares que pertencem a um mesmo MCI estão inter-relacionados. No tipo 2, temos uma relação importante a qual Lakoff (1987) deu atenção especial: a metonímia MEMBRO DE UMA CATEGORIA POR CATEGORIA, sendo o membro Mãe dona de casa pela categoria Mãe. No tipo 3, temos uma metonímia que dá origem à polissemia, quando dois sentidos se relacionam dentro de um mesmo MCI. Por fim, no tipo 4, temos uma metonímia cujo conceito permanece praticamente o mesmo, mas há mudança na forma linguística, como pode ser observado em ONU/Nações Unidas.

Em continuidade à discussão dos aspectos mencionados, no tocante às suas projeções, as metonímias produzem relações do tipo: i) MCI inteiro e suas partes; ii) partes de um MCI. No primeiro tipo de relação, encontramos metonímias cujos conceitos são acessados por meio de um MCI inteiro ou por meio de uma de suas partes. Em relação ao MCI de Feminismo, por exemplo, podemos acessá-lo por meio do MCI inteiro, como em “O movimento social e político de mulheres clama por respeito”, em que o TODO possibilita o acesso às PARTES do movimento (integrantes), ou podemos acessá-lo por meio de suas partes, as feministas, que integram o movimento, a exemplo da expressão linguística “As feministas começaram a surgir a partir do século XIX”, em que a PARTE (feministas) permite acesso ao TODO (movimento social).

O segundo tipo de relação produz metonímias cujo acesso a uma parte se dá por meio de outra parte de um mesmo MCI. Esse segundo exemplo pode ser observado na frase “O feminismo negro reivindica o debate das interseccionalidades”, em que “feminismo negro” é uma PARTE do feminismo (TODO) que aciona metonimicamente uma outra PARTE, as feministas negras (que reivindicam o debate da interseccionalidade), estando todos dentro do MCI de Feminismo.

Dessa forma, podemos sintetizar as considerações de Radden e Kövecses (2007) em três tipos de relações metonímias:

- TODO PELA PARTE.
- PARTE PELO TODO.
- PARTE PELA PARTE.

Os autores apresentam uma série de MCI que estão vinculados a esses tipos de relações, mas o que mais nos interessa aqui é o MCI de Categoria por membro, porque iremos discorrer sobre a categoria das feministas. Nesse MCI, existem as relações CATEGORIA POR MEMBRO DE UMA CATEGORIA, quando a categoria adquire evidência, representando o membro, e MEMBRO DE UMA CATEGORIA POR CATEGORIA, quando o membro encontra-se em evidência na metonímia, acionando toda a categoria à qual se vincula.

Por fim, passamos a investigar o aspecto 3, que diz respeito aos princípios cognitivos que governam a relação de um determinado veículo na metonímia. Ao exemplificarmos, temos na frase “Precisamos de uma mãozinha aqui” uma relação metonímica do tipo PARTE-TODO, em que a MÃO é o veículo que permite acesso ao alvo SER HUMANO. Contudo, por que escolhemos, especificamente, esse veículo e não outros? Por que escolhemos a mão e não as pernas para acessar o alvo SER HUMANO? Radden e Kövecses (2007) partem dessas indagações e elencam três tipos de princípios cognitivos na escolha de um determinado veículo para se compreender um alvo: a experiência humana, a seletividade perceptiva e a preferência cultural.

A experiência humana está relacionada ao conhecimento enciclopédico dos indivíduos, às suas experiências socioculturais e à relação que têm com seus corpos físicos. Isso irá definir quais veículos serão importantes ou não na conceptualização de um alvo (RADDEN; KÖVECSES, 2007), porque o elemento que está em evidência no processo metonímico não deixa de ser um recorte de como aquele ser humano o compreende.

A seletividade perceptiva é um princípio cognitivo igualmente importante, pois permite a seleção de aspectos visando à compreensão. Como postulado por Santana (2019, p. 43), “na formulação de uma metonímia, não se fala, unicamente, sobre um fato linguístico, mas também sobre a forma de percepção do indivíduo”. Dessa forma, no processo de compreensão de significados, a seleção de elementos permite-nos compreender visões de mundo dos seres humanos. Em conformidade com Radden e Kövecses (2007), esse princípio explica a tendência da sociedade de generalizar conceitos, por meio da relação metonímica ESPECÍFICO SOBRE GENÉRICO, na qual elementos específicos são postos em saliência, a

fim de se criar uma generalização sobre algo/alguém. Essa propriedade é marcadamente vista na construção de significados que em geral se tem sobre as feministas, principalmente quando se ouvem afirmações como “Toda feminista é feia”, “Toda feminista é masculina”, “Toda feminista é radical”. Essas são, na realidade, características específicas de algumas feministas, as quais, no processo de conceptualização, são postas em foco, com a intenção de se construir uma generalização sobre toda a categoria.

A preferência cultural também irá influenciar na seleção de um veículo na formação de uma metonímia, pois os significados construídos por uma cultura tendem a induzir os indivíduos para determinadas conceptualizações/visões de mundo (RADDEN; KÖVECSES, 2007).

Além das perspectivas já discutidas, faz-se necessário pontuar que a metonímia também tem sido compreendida de forma interdisciplinar, em diálogo com a Teoria da Complexidade, sendo Paiva (2010) uma das autoras que a discute sob esse viés (ALMEIDA, 2020b). Segundo Almeida (2020c, p. 87),

Paiva (2010) oferece uma contribuição para o estudo do fenômeno metonímico, ao dialogar com essa Teoria, de modo a compreender esse fenômeno como um processo fractal, vendo-o, então, como uma mudança de escala; assim sendo, entende-o como uma coisa compreendida em uma dimensão fractalizada, em que não se perde a dimensão do todo.

Nessa ótica, a metonímia é uma parte que também contém o todo, pois no processo de fragmentação recorre-se a ele, sem deixar de retomá-lo. Essa abordagem tem sido empreendida por alguns pesquisadores em LC, a exemplo de Almeida (2020b).

Em 2009, Barcelona Sánchez dedicou-se a estudar sobre esse mecanismo cognitivo no artigo “O poder da metonímia”. Neste trabalho, o autor dedicou-se à diversidade de conceitos propostos para a metonímia, os quais, apesar de distintos, muitas vezes, convergem entre si. Posteriormente, em 2012, Barcelona Sánchez consolidou seus conhecimentos, propondo, de forma resumida, com base no critério da generalidade, os três tipos metonímia já elencados por Radden e Kövecses em 2007: **TODO PELA PARTE**, **PARTE PELO TODO** e **PARTE PELA PARTE**. Assim, na perspectiva do autor, a metonímia consiste em uma:

[...] projeção assimétrica de um domínio conceitual chamado ‘fonte’, sobre outro domínio conceitual chamado ‘meta’, situados ambos dentro do mesmo domínio conceitual funcional e conectados por uma função pragmática. O resultado da projeção é a ativação mental da ‘meta’. (BARCELONA SÁNCHEZ, 2012, p. 126, tradução nossa³¹).

³¹ Citação original: “La metonimia es la proyección asimétrica de un dominio conceptual, llamado ‘fuente’, sobre otro dominio conceptual llamado ‘meta’, situados ambos dentro del mismo dominio conceptual

Nota-se que o conceito proposto por Barcelona Sánchez (2012) também se difere das concepções apresentadas por Lakoff (1987) e Radden e Kövecses (2007), o que pode gerar dúvidas dentro da própria área de estudo. Por isso, faz-se necessário destacar que o que Lakoff (1987) chamou de elemento A no processo de representação metonímica, Radden e Kövecses (2007) denominaram de veículo, e Barcelona Sánchez (2012) denominou de domínio-fonte, mas todos dizem respeito ao elemento que está em foco na metonímia, conceptualizando. Também o que Lakoff (1987) denominou de elemento B, Radden e Kövecses (2007) denominaram de alvo e Sánchez (2012) de domínio-alvo ou “meta”, todos os termos se referindo ao elemento que é conceptualizado. Ademais, o que Lakoff (1987) e Radden e Kövecses (2007) chamam de MCI, Barcelona Sánchez denomina, em 2009, de domínio da experiência, e em 2012 de “domínio funcional”³², sendo esse último conceito acrescido de algumas compreensões. Com o objetivo de esclarecer a questão, pensemos na metonímia MÃOS POR CORPO HUMANO. Nessa metonímia, o elemento A, ou veículo, ou domínio-fonte, é acionado pelas MÃOS, que permitem acesso ao elemento B, ou alvo, ou domínio-alvo, acionado pelo CORPO HUMANO, os quais fazem parte de um mesmo MCI ou domínio conceptual, o do CORPO HUMANO.

Nas palavras do autor, uma importante função cognitiva da metonímia diz respeito a “organizar nossas categorias conceituais em torno de certos protótipos, de sorte que conceitualizemos toda uma categoria como se só ou principalmente consistisse em uma de suas subcategorias” (BARCELONA SÁNCHEZ, 2003, p. 14, tradução nossa). Essa função cognitiva é significativa porque “nos leva a raciocinar em função deste protótipo metonímico” (BARCELONA SÁNCHEZ, 2003, p. 14, tradução nossa). A seguir, após pensarmos sobre a metáfora, discutiremos mais sobre esse processo, argumentando a importância da metonímia para o nosso objeto de estudo.

3.4 ALÉM DO VERBAL: METÁFORAS E METONÍMIAS MULTIMODAIS

funcional y conectados por una función pragmática. El resultado de la proyección es la activación mental de la meta”.

³² Barcelona Sánchez (2012) justifica o uso do termo “domínio funcional” em sua definição explicando que até a mais simples noção abstrata é dotada de uma ampla e complexa rede conceitual, por isso a preferência pelo termo em detrimento de outros, visto o acionamento e detalhamento de uma vasta rede de conhecimentos para um conceito como, por exemplo, DEDO, que exige conhecimentos sobre a mão, a fisiologia humana, o corpo humano etc. Para o autor, a metonímia opera dentro do “domínio funcional”, que diz respeito ao domínio conceitual no qual há um relativo detalhamento e seleção de características relevantes para a projeção. Esse domínio não se confunde com os domínios taxonômicos, porque esses últimos possuem uma natureza relativamente esquemática, isto é, restrita a localizá-los em uma classificação. Essa distinção, porém, não é absoluta, posto que os conceitos, às vezes, sobrepõem-se, como o próprio autor postula.

A obra precursora *Metaphors We Live By*, que manifestou discussões frutíferas no campo da LC nos anos 1980, como já salientamos, apresentou a Teoria das Metáforas Conceptuais e também parcialmente estudos sobre as metonímias, sendo, assim, protagonista no cenário da LC pelo seu impacto científico. No entanto, essa investigação considerou apenas o estudo da metáfora e da metonímia em uma perspectiva verbal, isto é, situou-se apenas no plano das expressões linguísticas. Alguns anos depois, os frutos da TMC – intencionalmente aqui em linguagem metafórica, visto que a teoria se ramificou como uma árvore – começaram a originar novas teorias que visam a discutir, complementar ou ampliar aspectos não abordados por Lakoff e Johnson (1980). No âmbito dessas pesquisas, surgiu a Teoria da Metáfora Multimodal (FORCEVILLE, 2008) e, também, estudos sobre a Metonímia Multimodal, ambos ampliados para uma linguagem não verbal e multissemiótica, os quais serão discutidos a seguir.

A multimodalidade pode ser compreendida como uma abordagem interdisciplinar originada da Semiótica Social (JEWIT, 2013) que estuda a interação entre modos semióticos distintos, tais como: “linguagem falada, linguagem escrita, imagens, música, som, gestos, cheiro, gosto e toque” (FORCEVILLE, 2016, p. 5). Jewit (2013, p. 250, tradução nossa³³), em seus estudos sobre a multimodalidade, postula que:

A fala e a escrita continuam a ser entendidas como significativas, mas são vistas como partes de um conjunto multimodal. A multimodalidade enfatiza a ação situada - isto é, a importância do contexto social e dos recursos disponíveis para a construção de significado, com atenção à escolha situada de recursos das pessoas, em vez de enfatizar o sistema de recursos disponíveis. Assim, abre possibilidades para reconhecer, analisar e teorizar as diferentes maneiras pelas quais as pessoas fazem sentido e como esses significados estão inter-relacionados.

A multimodalidade é, portanto, além de um recurso, uma forma de estudo cuja potência é evidente para a compreensão dos significados. Para uma melhor definição, Almeida (2015, p. 102) discorre que o texto multimodal é:

qualquer texto em que o(a) conceptualizador(a) utiliza mais de um modo semiótico, em sua elaboração, e os interconecta para a sua compreensão, de tal modo que, por exemplo, o modo visual não é entendido como algo dependente do verbal.

³³ Citação original: “While other modes of communication, such as gesture, have been recognized and studied extensively (e.g. McNeil, 1992), multimodality investigates the interaction between communicational means and challenges the prior predominance of spoken and written language in research (Scollon and Scollon, 2009)”.

Diante dessa noção e da profusão dos textos multimodais, passaremos a apresentar a perspectiva de Forceville (2016) concernente a essa abordagem.

Forceville, até onde se sabe, foi pioneiro no que diz respeito à interação metáfora conceptual-multimodalidade na LC, isto é, inaugurou os estudos da metáfora conceptual no plano da multimodalidade. Em 1996, o autor publicou a obra *Pictorial Metaphor in Advertising*, dedicando-se ao estudo das metáforas em imagens. Nessa obra, Forceville expôs inquietações relacionadas ao estudo de Lakoff e Johnson (1980), que se limitou apenas às metáforas verbais. Para o autor, “Embora haja um interesse crescente de cientistas cognitivos pela metáfora, a grande maioria das publicações concentra-se em metáforas verbais, ou pelo menos em manifestações verbais de metáfora” (FORCEVILLE, 1996, p. 48, tradução nossa). Contudo, se a metáfora é uma questão de pensamento, isto é, de cognição, e não apenas um recurso linguístico, o seu uso encontra-se também em outros tipos de linguagem, como na linguagem imagética. Essa foi a crítica de Forceville (1996) concernente ao estudo das metáforas apenas com expressões verbais. Em vista disso, na referida obra (1996), ele traça uma Teoria da Metáfora Pictórica.

Em sua proposta inicial, Forceville (1996) adotou a nomenclatura utilizada por Lakoff e Johnson (1980) referente ao termo “domínio experiencial” e postulou que a metáfora pictórica ocorre quando ao menos um dos domínios situa-se na imagem. Esse foi o primeiro pontapé para o estudo da metáfora fora do campo verbal. Em 2008, o referido autor ampliou as suas ideias para o plano da linguagem multimodal e apresentou uma classificação mais consistente, afirmando que as metáforas se subdividem em cinco tipos: Metáfora Contextual, Metáfora Híbrida, Símile Pictórico, Metáfora de Integração e Metáfora Multimodal. Um ano depois, em 2009, o referido autor apresentou uma taxonomia ajustada, a qual adotaremos nesta dissertação: a noção de metáforas monomodais e metáforas multimodais.

Para Forceville (2009), as metáforas monomodais ocorrem quando o domínio-alvo e o domínio-fonte ocorrem exclusivamente ou predominantemente em um modo semiótico da linguagem. Nesse grupo, encontramos as metáforas pictóricas, realizadas puramente com o domínio-alvo e o domínio-fonte presentes em uma imagem, a exemplo de uma pintura, e as metáforas presentes unicamente na linguagem verbal, depreendidas por meio de expressões linguísticas metafóricas.

As metáforas multimodais, por sua vez, correspondem àquelas em que o domínio-alvo e o domínio-fonte encontram-se, exclusivamente ou predominantemente, em modos semióticos distintos (FORCEVILLE, 2009), isto é, um domínio pode ser acessado pelo modo imagético e outro pelo modo verbal, e vice-versa. A título de exemplificação, pensemos em

uma charge, que é construída pela mistura de semioses distintas: a linguagem verbal e a imagética. Na metáfora multimodal, o domínio-alvo poderá estar, por exemplo, na imagem, e o domínio-fonte em uma frase/expressão linguística.

Na pesquisa empreendida, adotamos o conceito de metáfora para além do modo verbal, como proposto por Forceville (2016), uma vez que investigamos as conceptualizações das feministas em memes, textos que, em geral, possuem distintos modos semióticos. Portanto, observaremos a inter-relação entre o verbal e o não verbal para a construção dos significados, pois, como afirma Jewitt (2013, p. 250, tradução nossa),

Os significados em qualquer modo estão sempre entrelaçados com os significados feitos com aqueles de outros modos cooperando no conjunto comunicativo. A interação entre os modos é em si uma parte da produção de significado.

Forceville (2016, p. 17, tradução nossa) corrobora com essa discussão ao afirmar que “A multimodalidade investiga como o significado emerge a partir da interação entre dois ou mais modos”. Faz-se necessário pontuar que essa perspectiva multimodal construída pelo autor estendeu-se, posteriormente, à metonímia, compreendida também como um mecanismo gerador de significados que, portanto, também ocorre na linguagem pictórica e multimodal.

No tocante à metonímia multimodal, Almeida (2016, p. 106) discorre que:

a metonímia multimodal é aquela em que, em um mesmo MCI, veículo e meta são ativados por diferentes modos, enquanto, na metonímia monomodal, ambos seriam acionados por um mesmo modo. Logo, na multimodalidade, diferente da monomodalidade, a entidade conceptual, o veículo, promove acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, em um mesmo Modelo Cognitivo Idealizado (doravante, MCI), através de modos distintos.

Assim, “com o desenvolvimento de estudos sobre a metonímia na multimodalidade, ficou constatado que as imagens podem funcionar como ponto de referência para, cognitivamente, ativarem outra imagem ou manifestação linguística” (ALMEIDA, 2016, p. 106). A título de exemplificação, na metonímia multimodal MOVIMENTO FEMINISTA POR FEMINISTAS, do tipo TODO PELA PARTE, o veículo MOVIMENTO FEMINISTA poderia ser acessado por meio de uma imagem, e o alvo FEMINISTAS por meio de um enunciado verbal. Sendo assim, como Almeida (2015) esclarece, ambos situam-se em um mesmo MCI, neste caso, o Modelo Cognitivo Idealizado de Feminismo.

Diante disso, percebemos o quanto a Teoria da Metáfora e Metonímia Conceptual pôde avançar e ampliar seus horizontes, possibilitando novos, potentes e criativos estudos com a abertura das investigações à multimodalidade. Esse avanço foi sobremaneira importante no contexto atual em que nós vivemos, tendo em vista as tecnologias digitais, que

“[...] são de particular interesse para a multimodalidade porque disponibilizam uma ampla gama de modos, muitas vezes em novas relações intersemióticas entre si, e desestabilizam e refazem gêneros de maneiras que remodelam as práticas e a interação.” (JEWIT, 2013, p. 251, tradução nossa³⁴).

Apresentado o norte teórico que sustenta o estudo do corpus, a seguir, serão apresentados os passos metodológicos empreendidos para alcançar os resultados obtidos.

³⁴ Citação original: “Digital technologies are of particular interest to multimodality because they make a wide range of modes available, often in new intersemiotic relationships with one another, and unsettle and remake genres in ways that reshape practices and interaction.”

4 METODOLOGIA

Tecer a metodologia de uma pesquisa em LC/SC/SCSHC em perspectiva qualitativa não é uma tarefa fácil, como já apontado por Santana (2019), sobretudo considerando que a tradição do fazer científico que se elabora por meio de métodos de quantificação predomina nos diferentes espaços acadêmicos. A concepção positivista de Ciência que alicerça essa tradição, em vigor já no século XIX, passou, contudo, a ser posteriormente questionada devido às singularidades das pesquisas realizadas em Ciências Sociais, as quais têm em seu arcabouço questões que vão além de técnicas quantificáveis (GIL, 2002).

Sob esse viés, fazer ciência tomando como objeto de estudo o significado, a partir da linguagem, unido à cognição, como fazemos em LC/SC, especificamente em SCSH, impõe mais desafios, reflexões, do que respostas e medições (ALMEIDA; SANTANA, 2019). Isso não significa, porém, que caminhos metodológicos não possam ser construídos, mas que esses não precisam, necessariamente, se pautar nos pressupostos tradicionais positivistas, a exemplo da fragmentação do conhecimento e da exclusão do observador e da quantificação (GIL, 2002), e sim inaugurarão novas formas, técnicas e métodos pertinentes aos seus objetos de estudo.

Santana (2019) discute a respeito da diversidade metodológica que paira sob os estudos em LC. A autora alerta para o fato de que a própria obra pioneira *Metaphors We Live By* (1980), de Lakoff e Johnson, não apresentou rigorosos procedimentos metodológicos definidos. Em suas palavras, “os referidos autores apresentam as metáforas que subjazem às expressões linguísticas, mas não especificam os procedimentos utilizados para identificá-las, deixando a metodologia a critério da intuição de cada pesquisador” (SANTANA, 2019, p. 67). Diante disso, instaura-se uma discussão acerca do desenho metodológico apropriado para os estudos científicos em LC/SC/SCSHC.

Talmy (2007), em *Methods in cognitive linguistics*, corrobora com essa discussão ao discorrer sobre a diversidade de metodologias que se aplicam aos estudos cognitivos da linguagem. Para ele, a escolha metodológica analítica “[...] inclui a manipulação sistemática de ideias, abstração, comparação e raciocínio, e que é ela mesma introspectiva em caráter, embora com seu objeto de atenção não limitado à linguagem” (TALMY, 2007, p. 11, tradução nossa³⁵). Logo, a introspecção linguística encontra-se no cerne do percurso metodológico e,

³⁵ Citação original: “Used in conjunction with all of these is the methodology of analytic thought, which includes the systematic manipulation of ideas, abstraction, comparison, and reasoning, and which is itself introspective

especialmente em LC, é adotada de forma recorrente por diversos pesquisadores, a exemplo de Fauconnier (1999), como observou Santana (2019).

A introspecção linguística consiste no direcionamento do pesquisador a determinados aspectos da linguagem, a fim de que possa refletir sobre estes de maneira reflexiva. Segundo Talmy (2007), a introspecção linguística permite que o indivíduo acesse diretamente a uma categoria específica dos estudos da linguagem: o significado. No tocante a esse aspecto, Talmy (2007, p. 13, tradução nossa) esclarece que:

O significado é um fenômeno da consciência e, se for tomado como alvo de pesquisa, a introspecção - ela mesma um processo que ocorre na consciência - é a instrumentalidade relevante capaz de chegar ao seu lugar. A introspecção acessa significados de vários tipos. Um tipo é o significado de uma palavra individual³⁶.

Todavia, apesar da sua importância e relevância nos estudos do campo, essa opção metodológica também é passível de críticas e questionamentos. Diante disso, em busca de uma confiabilidade maior, surge a necessidade, diversas vezes, de complementá-la com outras metodologias, como a análise videográfica, análise de corpus, os métodos experimentais e outros descritos por Talmy (2007), que ocasionam a pluralidade de metodologias admitidas hoje nos estudos semântico-cognitivos.

Para Gibbs (2007), em parte, essas críticas desempenham um papel importante, pois revelam uma problemática que precisa ser investigada e respondida pelos pesquisadores da área. Na visão do autor,

Além de tentar explicar melhor seus métodos de análise de dados linguísticos e justificar melhor suas reivindicações de diferentes conexões linguagem-mente e linguagem-mente-corpo, os linguistas cognitivos precisam estruturar melhor seu trabalho para que seja mais acessível aos testes experimentais. (GIBBS, 2007, p. 4, tradução nossa³⁷).

Gibbs (2007), desta forma, propõe uma metodologia alicerçada em alguns métodos experimentais, a exemplo da formação de imagens mentais pelos indivíduos, solicitadas pelo pesquisador, associadas à coleta das expressões linguísticas, a fim de complementar, então, o processo interpretativo da metáfora conceptual e torná-lo mais preciso cognitivamente. As alternativas metodológicas propostas pelo autor são tentativas de buscar responder às

in character, though with its object of attention not limited to language, as in the case of the linguistic introspection otherwise treated here”.

³⁶ Citação original: “Meaning is a consciousness phenomenon and, if it is to be taken on as a target of research, introspection – itself a process occurring in consciousness – is the relevant instrumentality able to reach its venue. Introspection accesses meaning of several types. One type is the meaning of an individual word”.

³⁷ Citação original: “In addition to trying to better explain their methods for analyzing linguistic data, and better justifying their claims for different language-mind, and language-mind-body connections, cognitive linguists need to better frame their work so that it may be more amenable to experimental test”.

inquietações e descrições exigidas da área, sobretudo, pelos psicólogos cognitivistas. Segundo Gibbs (2007, p. 5, tradução nossa³⁸),

Psicólogos cognitivos, e outros, criticam o trabalho linguístico cognitivo porque é tão fortemente baseado nas intuições de analistas individuais (ou seja, linguistas cognitivos - uma abordagem de terceira pessoa) e, portanto, não constitui o tipo de dados objetivos e replicáveis preferidos por muitos estudiosos nas ciências cognitivas e naturais (por exemplo, dados coletados em um grande número de participantes ingênuos sob condições controladas de laboratório).

Contudo, o próprio Gibbs (2007), apesar de realizar uma crítica à área, afirma que os linguistas cognitivos não devem se esforçar para “provar” suas teorias aos psicólogos ou às demais subáreas das ciências cognitivas, uma vez que cada campo possui suas particularidades e as teorias propostas em LC são cientificamente reconhecidas, legítimas e válidas. O esforço discutido pelo autor diz respeito a tornar os métodos das pesquisas em LC mais explícitos, e não a reduzi-los exaustivamente a um modelo científico “ideal”. Gibbs (2007, p. 16, tradução nossa³⁹) ratifica seu pensamento, afirmando que:

O que é necessário, mais uma vez, é que os linguistas cognitivos sejam mais sensíveis a algumas das propriedades importantes de enquadrar hipóteses experimentais (por exemplo, construir hipóteses falsificáveis, considerar hipóteses alternativas) e tentar articular suas ideias e descobertas empíricas de maneiras que podem ser testadas por acadêmicos em outras disciplinas. Isso não significa, entretanto, que os linguistas cognitivos devam se esgotar e ser algo que não são.

Ademais, como discutido no início desta seção, esta Dissertação insere-se em uma proposta holística da linguagem; assim, não se propõe a responder aos paradigmas positivistas da ciência, até porque se encontra aliada ao paradigma qualitativo de pesquisa, segundo o qual o pesquisador “é parte integrante do processo de conhecimento” (SANTANA, 2019, p. 73). Diante disso, assim como a crítica aos métodos em LC é necessária e construtiva, devemos refletir sobre a natureza das nossas pesquisas, que não necessitam de excessiva mensuração para serem reconhecidas como válidas. Logo, nossa proposta metodológica visa a apresentar com descrição e detalhes os tipos de pesquisa adotados e o percurso metodológico seguido, mas não pretende seguir uma “doxa quantitativa” (ALMEIDA; SANTANA, 2019), uma vez

³⁸ Citação original: “Cognitive psychologists, and others, criticize cognitive linguistic work because it is so heavily based on individual analysts' intuitions (i.e., cognitive linguists- a third-person approach), and thus does not constitute the kind of objective, replicable data preferred by many scholars in the cognitive and natural sciences (e.g., data collected on large numbers of naïve participants under controlled laboratory conditions).”

³⁹ Citação original: “What is needed, again, is for cognitive linguists to be more sensitive to some of the important properties of framing experimental hypotheses (e.g., constructing falsifiable hypotheses, considering alternative hypotheses), and trying to articulate their ideas, and empirical findings in ways that may be tested by scholars in other disciplines. This does not mean, however, that cognitive linguists must themselves run out and be something that they are not”.

que o racionalismo exacerbado afasta as incertezas, inerentes ao processo de conhecer (MAFFESOLI, 2016), tal como discutido por Almeida e Santana (2019).

Nesse sentido, para traçar a metodologia deste estudo, consideramos bases epistemológicas da LC, de cunho empirista, fenomenológico e qualitativo. Destarte, classificamos este estudo como: descritivo, pois está comprometido com a descrição dos mecanismos cognitivos encontrados a partir das expressões linguísticas; hermenêutico, pois se debruça sobre as interpretações, sentidos e inferências, sendo, portanto, uma “metodologia da interpretação” (DEMO, 1995, p. 249); e, por fim, exploratório, pois busca “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (GIL, 2008, p. 38), além de ter como temática as conceptualizações de feministas em memes, assunto que ainda não despertou maiores discussões no âmbito da LC.

4.1 EM BUSCA DE CAMINHOS CIENTÍFICOS

Em busca de aprofundamento acerca das propostas metodológicas que vêm sendo realizadas em LC, efetuamos a leitura das teses de Santana (2019) e Andrade (2016) e das dissertações de Silva (2019) e Sperandio (2010), a fim de observar como a metodologia foi construída. Esses trabalhos foram escolhidos porque foram discutidos no Grupo de Estudos em Semântica Cognitiva (GESCOG/PROHPOR), sob orientação da Prof^a Dr^a A. Ariadne Domingues Almeida, durante o ano de 2020.

Santana (2019) apresenta uma discussão metodológica, problematizando pressupostos da ciência tradicional e os métodos adotados em SCSHC. Andrade (2016, p. 20), por sua vez, propõe uma metodologia baseada na Análise Sistemática de Metáforas, a fim de “salvaguardar a pesquisa de uma subjetividade desprovida de sistematização e garantir a aplicação de uma metodologia científica já testada”. Sperandio (2010), em sua Dissertação de Mestrado, não apresenta opção por uma metodologia específica, mencionando a importância de Fauconnier (2003) para a discussão de aspectos contextuais e realizando a descrição dos passos metodológicos de seu estudo. Por fim, Silva (2019), dado o caráter discursivo da sua pesquisa, argumenta sobre o importante papel do cientista nas ciências sociais e adota uma metodologia baseada na Psicologia Social, a qual denomina Análise Institucional. Como se pode ver, os caminhos metodológicos em LC continuam plurais em virtude da interdisciplinaridade presente na própria área, que permite intersecções com outras teorias.

Destarte, posteriormente às leituras teóricas dos trabalhos mencionados, adotamos como caminho metodológico para esta Dissertação a proposta holística de Almeida (2020),

que se baseia nos princípios da Teoria da Complexidade (MORIN, 2003) e em uma concepção ecológica de ciência (CAPRA; LUISI, 2014; MAFFESOLI, 2016), por entendermos que a proposta dialoga com a intencionalidade do nosso estudo em SCSH, tal como compreendido, também, por Santana (2019).

4.2 O PARADIGMA SISTÊMICO E A TEORIA DA COMPLEXIDADE

Durante muito tempo, o paradigma mecanicista vigorou no pensamento científico e filosófico ocidental da humanidade. Esse paradigma⁴⁰ mecanicista predominou durante os séculos XVI e XVII em disciplinas como a Física e a Astronomia. Após esse período, retornou novamente na segunda metade do século XIX, quando houve a predominância do pensamento cartesiano (CAPRA; LUISI, 2014). As características científicas do modelo positivista estavam baseadas na mensuração, na quantificação e na separação dos fenômenos em partes, o que era visto como “rigor científico”. Essa visão de Ciência, marcada pelo cunho de “Revolução científica”, apontava para “as quantidades e para uma concepção mecanicista de natureza” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 31).

No entanto, essa concepção de ciência não permaneceu sempre a mesma, mas foi afetada por mudanças que ocorriam no âmago de disciplinas como a Biologia. Tal como postulam Capra e Luisi (2014), no decorrer da história o pêndulo oscilou entre mecanicismo e holismo. Assim, aos poucos, a visão de mundo enquanto uma máquina, baseada no paradigma mecanicista, cedeu lugar à visão de mundo enquanto um organismo vivo, inaugurando o paradigma sistêmico.

Segundo Capra e Luisi (2014, p. 26),

Durante o século XX, a mudança de paradigma mecanicista para o paradigma ecológico se processou em diferentes formas e com diferentes velocidades em vários campos científicos. Não tem sido uma mudança constante e uniforme, mas envolveu revoluções científicas, retrocessos e oscilações pendulares.

O paradigma sistêmico surgiu na Biologia, no final do século XIX, por meio de estudos feitos por biólogos acerca dos ecossistemas e dos organismos, e se firmou no século XX, acrescido dos estudos da psicologia Gestalt e da Ecologia. O surgimento desse paradigma provocou abalos significativos na forma como a ciência era realizada, sob os moldes do cartesianismo (CAPRA; LUISI, 2014).

⁴⁰ Um paradigma pode ser compreendido como “toda uma constelação de percepções, valores e ações” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 26) cuja função é orientar estudos, pensamentos e pesquisas.

A base do pensamento sistêmico consiste em compreender que “o todo é mais e menos do que a soma de suas partes”, isto é, uma investigação científica sistêmica busca compreender a integração das partes em uma rede, suas relações e conexões, em vez de separá-las em partes, como preconiza o paradigma cartesiano. Esse pensamento também pode ser chamado de “visão de mundo holística”, de “paradigma ecológico”, “visão complexa” ou “visão ecológica profunda” (CAPRA, 1996). Desse modo, essa perspectiva “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e o fato de que, como indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados em processos cíclicos da natureza, dos quais, em última análise, dependemos” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 37).

O pensamento sistêmico e complexo, ao investigar um fenômeno, busca compreendê-lo em um todo integrativo, considerando o seu contexto e entendendo as suas relações. Diante disso, adotamos esse paradigma científico para pensar as conceptualizações de feministas em memes, pois não poderíamos estudá-las dissociadas dos “processos antro-po-bio-psíquico-cognitivo/geo-sócio-histórico-cultural-ideológico-políticos”, como esclarece Almeida (2019). Além disso, o pensamento sistêmico nos permite um olhar investigativo conexionista, o que é de suma importância para o estudo com memes de internet, textos que se situam em uma rede social, a qual também se configura como uma teia complexa de relações. Nesse aspecto, salientamos ainda mais a sua relevância, pois

os centros conectores da rede que têm conexões mais ricas tornam-se centros de poder. Eles conectam um grande número de pessoas à rede e são, portanto, procurados como autoridades em vários campos. A autoridade deles permite que esses centros fortaleçam a capacidade de decisão das pessoas conectando uma parcela maior da rede a si mesma. (CAPRA; LUISI, 2014, p. 39).

Logo, o estudo configura-se pelo caráter sistêmico, já que o próprio corpus é extraído de uma rede de relações, conexões e padrões: as redes sociais on-line. Segundo o paradigma sistêmico que adotamos, concebemos os significados das feministas em memes como ramificações de uma grande rede, as quais, se amplificadas, constituem outras redes (ALMEIDA, 2020) e assim sucessivamente, demonstrando que as conceptualizações estão interligadas a outras, a visões de mundo, a perspectivas ideológicas, culturais, históricas, políticas.

O pensamento sistêmico é constituído pela Teoria da Complexidade, Teoria do Caos, dos Fractais e por um conjunto de teorias que buscam enxergar o mundo como um “tecido junto”, reconhecendo a interdependência entre os aspectos biológicos, culturais, psicológicos, naturais, políticos etc. (MORIN, 2015). Essa visão de mundo complexa tem sido usada para

pensar diversas questões no âmbito de algumas teorias, como a LC, a aquisição da linguagem, a psicolinguística, entre outras. Como assinala Almeida(2021):

[...] na SC, podem ser realizados profícuos diálogos com a Teoria da Complexidade (TC), campo do saber que fornece material epistemológico para compreender, de modo mais aproximado, como a linguagem se atualiza no uso, mantendo-se estável, embora tenda, sempre, à entropia, encontrando-se, por isso, em estado de equilíbrio instável, sendo, conseqüentemente, susceptível à mudança e à variação.

Beckner e colaboradores (2009) defendem que a linguagem é, por si só, um Sistema Adaptativo Complexo, dinâmico, não linear, que possui as seguintes características:

O sistema consiste em vários agentes (os falantes da comunidade de fala) interagindo uns com os outros. O sistema é adaptativo; ou seja, o comportamento dos falantes é baseado em suas interações anteriores, e as interações atuais e passadas juntas alimentam o comportamento futuro. O comportamento de um falante é a consequência de fatores concorrentes que vão desde a mecânica perceptual às motivações sociais. As estruturas da linguagem emergem de padrões inter-relacionados de experiência, interação social e processos cognitivos (BECKNER *et al.*, 2009, p. 1, tradução nossa).

Desta forma, baseando-nos na proposta de Almeida e Santana (2019), corroboramos com a visão de mundo complexa para estudar os significados na LC. Isto posto, na sequência será apresentado o modo como o *corpus* do estudo foi constituído.

4.3 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Uma questão importante para o fazer científico diz respeito à definição do *corpus* que será investigado. Para proceder à investigação das conceptualizações de feministas, como já assinalamos, escolhemos os memes de internet, devido à sua ampla circulação, produção e engajamento no universo virtual e fora dele, fator potente para revelar construções de significado, temas e pautas que estão em discussão na sociedade.

Um *corpus* composto por memes de internet emerge diretamente do mundo contemporâneo. Uma vez que esses são textos produzidos na História do Tempo Presente (DOSSE, 2012), trazem-nos uma série de questões metodológicas desafiadoras no processo de constituição do *corpus*, sobretudo porque essa História se faz na tensão entre o passado e o presente, na “contemporaneidade do não contemporâneo” (DOSSE, 2012, p. 6). Esse paradoxo de Dosse diz respeito à instabilidade da História do Tempo Presente, que, mesmo aludindo ao presente, isto é, a questões que estão em voga, traz em si também problematizações do passado, características que podem ser observadas nos memes. Em virtude disso, Almeida (2018b) discorre que:

se pensarmos em uma história recente da linguagem, a coleta do material textual gera, por exemplo, questões a respeito da materialidade linguística a ser considerada – produção oral, escrita, oral-escrita – ou a propósito do suporte veiculador dos textos em inter-relação com a situação de comunicação. [...] Ademais, a coleta leva à reflexão acerca do valor do material e da sua representatividade.

Assim, tendo já definido a materialidade linguística do *corpus*, por meio dos memes de internet, que têm como suporte as mídias digitais, passamos às incertezas provenientes do processo de representatividade do *corpus*, bem como à definição metodológica de investigação. Com vistas a solucionar a primeira questão, optamos por utilizar a Técnica da Saturação Teórica proposta no âmbito da SC-SCSHC por Almeida e Santana (2019) e aplicada por Santana (2019). A seguir, passamos a discuti-la.

4.3.1 Técnica da Saturação Teórica

A Técnica da Saturação Teórica é empregada para definir, por meio do critério da saturação, o momento no qual o pesquisador deve parar de coletar os dados para a pesquisa, uma vez que esses não mais acrescentarão informações novas. Nessa técnica, é estabelecido o “ponto de saturação” quando o acréscimo de textos novos revela os mesmos dados ou informações já encontradas anteriormente. No entanto, para chegar a esse limite (ponto de saturação), que interrompe a coleta dos textos, o pesquisador deve, concomitantemente, coletar os textos e fazer a análise das informações, até perceber a repetição delas e, assim, encontrar o ponto de saturação (SANTANA, 2019).

Nesta Dissertação, o *corpus* foi considerado representativo quando não encontramos conceptualizações novas e divergentes das feministas na página Editora Humanas da rede social on-line *Facebook*, o que foi observado por meio da recorrência dos domínios conceptuais nos memes. Assim, coletamos, no total, 20 memes, mas apenas 10 foram selecionados para constituir o *corpus* estudado nesta Dissertação, devido ao descarte dos demais textos por não trazerem como domínio-alvo a feminista e porque, no décimo texto, a saturação teórica foi atingida, isto é, percebemos uma repetição dos domínios conceptuais e das metáforas e metonímias, revelando ausência de conceptualizações novas. Para conferir rigor à técnica, estudamos mais três textos do total dos 10 memes do *corpus*, contabilizando 13 memes, a fim de constatar a hipótese da ausência de dados novos, que se confirmou. Na subseção a seguir, discutiremos os passos metodológicos realizados, bem como apresentaremos, detalhadamente, como foi realizado o recorte do *corpus*.

4.3.2 Passos metodológicos

Nesta seção, objetivamos detalhar os passos metodológicos seguidos nesse estudo, os quais compreenderam sete etapas que serão expostas a seguir: 1) Escolha da rede social e busca pelos memes por meio de palavras-chave como “memes feministas”, “memes sobre feministas”; 2) Escolha da página do estudo, com base no critério da interação (movimentação e alimentação da página) e relevância no âmbito das vivências das redes sociais on-line (número de curtidas, compartilhamentos e potência no universo das redes sociais); 3) Coleta dos memes cujo domínio-alvo fosse a feminista; 4) Estudo dos memes coletados, interpretando-os e identificando os modelos metafóricos e metonímicos subjacentes às conceptualizações; 5) Recorte do *corpus* por meio da Técnica da Saturação Teórica (ALMEIDA; SANTANA, 2019); 6) Interpretação do *corpus*, levantamento dos dados e identificação do MCI de feminista; e 7) Sistematização dos resultados e respectiva apresentação do MCI de feminista no *corpus*.

- a) Passos 1 e 2) Escolha da rede social, busca pelos memes e escolha da página do estudo, com base no critério de interação e relevância

A rede social *Facebook*⁴¹ foi escolhida para a busca dos memes por ter sido apontada como a rede social mais utilizada no que diz respeito às discussões sobre o Movimento Feminista (SÁDABA; BARRANQUERO, 2019). Ademais, “ele, como muitos sites de rede social, é uma ferramenta apropriada simbolicamente para construir o espaço social no cotidiano dos atores, gerando práticas que ressignificam seus usos” (RECUERO, 2014, p. 114). Nessa rede, verificamos a necessidade de escolher uma página para o nosso estudo, na qual recolheríamos o material referente ao nosso *corpus*.

Tendo em vista a grande quantidade de páginas referentes às feministas no *Facebook*, optamos por iniciar a busca das páginas por um mecanismo de busca global, o *Google*, pois esse site funciona como um “filtro” dos assuntos mais pesquisados e das páginas mais

⁴¹ O Facebook é uma rede social que permite o compartilhamento de textos, imagens e interação com o conteúdo de outros usuários, por meio do compartilhamento de suas publicações em um mural, conhecido também como *feed*. Além disso, nele é possível construir páginas para divulgação de ideias e para formação de comunidades com preferências socioculturais e ideológicas semelhantes. A referida rede foi construída por Mark Zuckerberg e se expandiu cada vez mais, sobretudo a partir de 2006, tornando-se, em 2014, com 1,19 bilhão de usuários, a rede social mais utilizada do mundo, segundo o G1 (2014). Disponível em: [https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html#:~:text=Servi%C3%A7o%20evoluiu%20e%20conquistou%20mais,de%20usu%C3%A1rios%20no%20mundo%20todo.&text=Com%20mais%20de%201%2C19,ter%C3%A7a%2Dfeira%20\(4\).](https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html#:~:text=Servi%C3%A7o%20evoluiu%20e%20conquistou%20mais,de%20usu%C3%A1rios%20no%20mundo%20todo.&text=Com%20mais%20de%201%2C19,ter%C3%A7a%2Dfeira%20(4).)

e possíveis “manchetes” que podem ser visualizadas nas figuras anteriormente expostas. Apesar de a configuração se parecer com a de uma revista, os textos encontram-se no universo das redes sociais, portanto não cumprem sua função enquanto gênero textual revista, mas como memes, visto que apresentam um modelo que foi modificado e posteriormente replicado no universo da internet, configurando-se “tipos de meme” com layout específico. (CHAGAS, 2020).

Em continuidade ao estudo, ao examinarmos a página no *Facebook*, investigamos a sua história, cuja exposição faremos a seguir.

A primeira página encontrada no *Facebook*, intitulada “Editora Humanas – Protesto contra a censura”, pode ser acessada por meio do link: <https://www.facebook.com/editorahumanasamador>. Possui 4,2 mil seguidores e, atualmente (2023), 4,1 mil curtidas. Em suas postagens, verificamos que se trata de uma “página-fã⁴³”, com o objetivo de replicar os memes já publicados pela página original e produzir outros, dando continuidade ao seu conteúdo — isso porque a página original foi alvo de denúncia do *Facebook* e foi temporariamente excluída, como esclarece o moderador:

Figura 3 – Página do *Facebook* “Editora Humanas – Protesto contra censura”



Fonte: Editora Humanas – Protesto contra censura (2020).

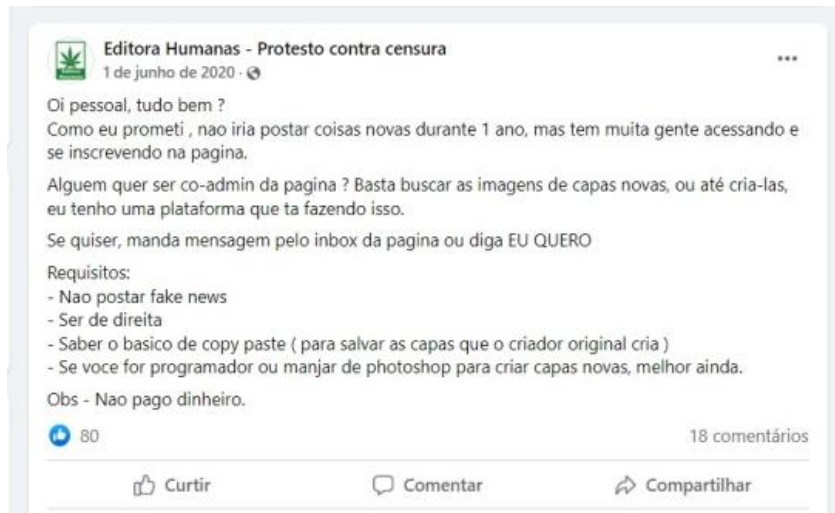
Como visto, o moderador confere nome ao criador da página original e indica o link dela, o que nos permitiu acessá-la. Percebemos, também, que nesta página-fã o moderador se compromete a replicar os memes da página antiga, de forma a não deixar que o conteúdo se

surgimento das redes sociais, a prática de comprar revistas e compartilhar com os amigos (as) perdeu força e deu lugar aos compartilhamentos virtuais entre os jovens.

⁴³ “Página-fã”, como se autointitula o *Facebook* da “Editora Humanas – Protesto contra a censura”, é uma página construída com base nos conteúdos de outra, com o objetivo de ser um “espelho” da página original. A “página-fã”, então, busca homenageá-la, através da replicação de seus conteúdos, bem como do arquivamento de textos e mensagens, difundindo-os e evitando que deixem de ser propagados nas redes sociais, caso algo ocorra com a página original, a exemplo de exclusão por denúncia.

perca. Talvez isso se deva ao amplo espalhamento desses memes no universo da internet, em outros sites e links, sendo, desta forma, filtrados pelo mecanismo de busca *Google* e propostos como relevantes. A seguir, expomos mais informações sobre a página-fã:

Figura 4 – Página do *Facebook* “Editora Humanas – Protesto contra censura”

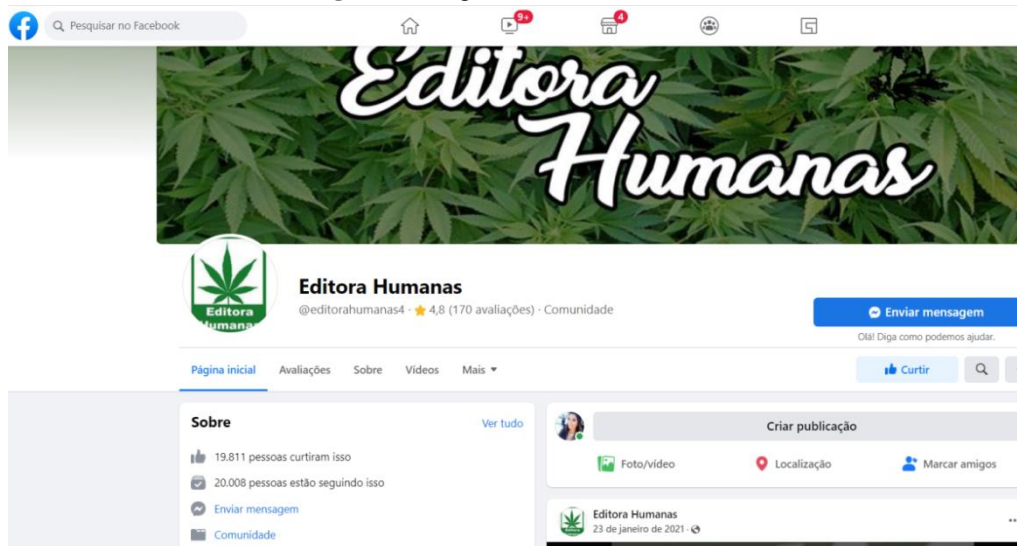


Fonte: Editora Humanas – Protesto contra censura (2020).

A história de exclusão da página original, aliada a um grande número de memes filtrados e expostos no *Google*, instigou-nos a trabalhar com a referida página, pois a difusão dos memes produzidos por ela na internet indicou-nos uma notoriedade e identificação de seus seguidores com seu conteúdo, diferentemente de outras páginas do *Facebook*, que não têm seus memes amplamente difundidos e facilmente acessíveis no *Google*.

A página original foi identificada como Editora Humanas, sendo acessada por meio do link: <https://www.facebook.com/editorahumanas4>. Elegemo-la, principalmente, pela influência de seu conteúdo na internet, como já demonstrado, e pelos seguintes critérios: quantidade de curtidas (19.811 curtidas), interação com os seguidores (20.000 seguidores) e movimentação (última postagem em 23 de janeiro de 2021). Como a página-fã (Editora Humanas – Protesto contra a censura) dedicou-se ao espalhamento de seu conteúdo, também elegemo-la para este estudo e a utilizamos para a coleta dos memes. Essa decisão foi tomada considerando que a página original foi excluída anteriormente e muito do conteúdo perdido pôde ser recuperado pela página-fã. Na Figura 5, observamos, agora, a página do *Facebook* original Editora Humanas.

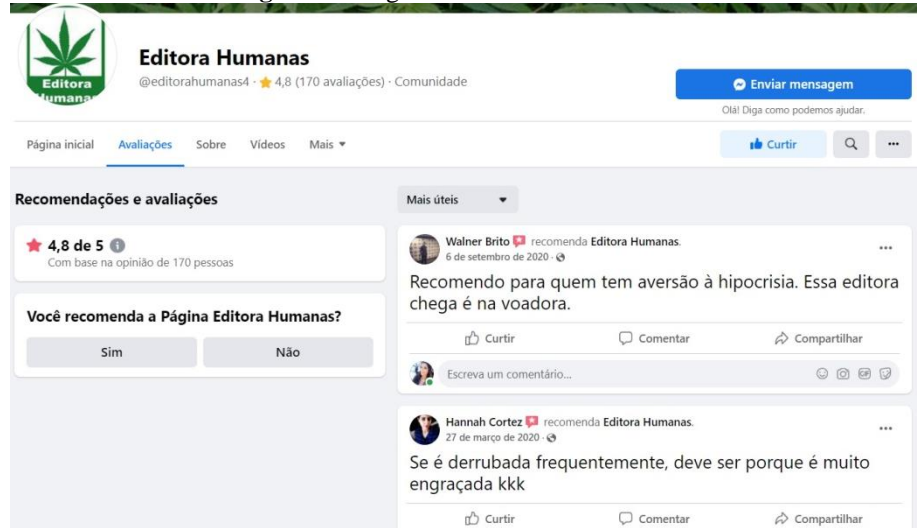
Figura 5 – Página Oficial Editora Humanas



Fonte: Editora Humanas (2020).

A página original possui uma avaliação de 4,8 de um total de 5,0 pontos, sendo amplamente recomendada por seus seguidores aos demais usuários do *Facebook*. Expomos, ainda, algumas avaliações dos seguidores sobre a página, comentando a sua constante denúncia e consequente exclusão, bem como reafirmando o gosto pelo seu conteúdo.

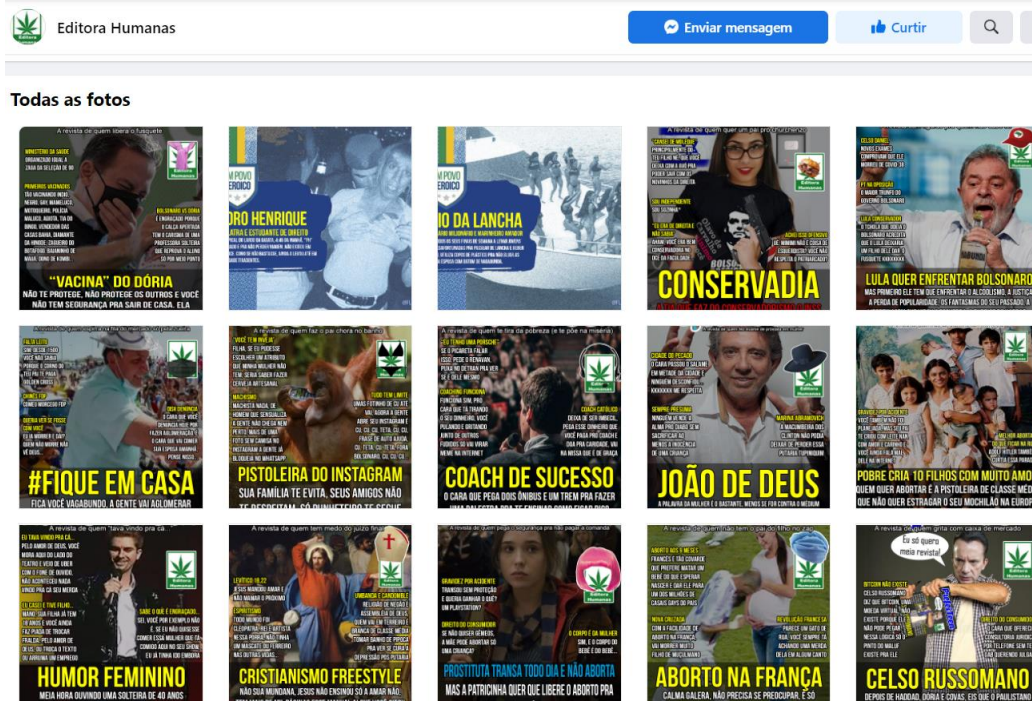
Figura 6 – Página Oficial Editora Humanas



Fonte: Editora Humanas (2020).

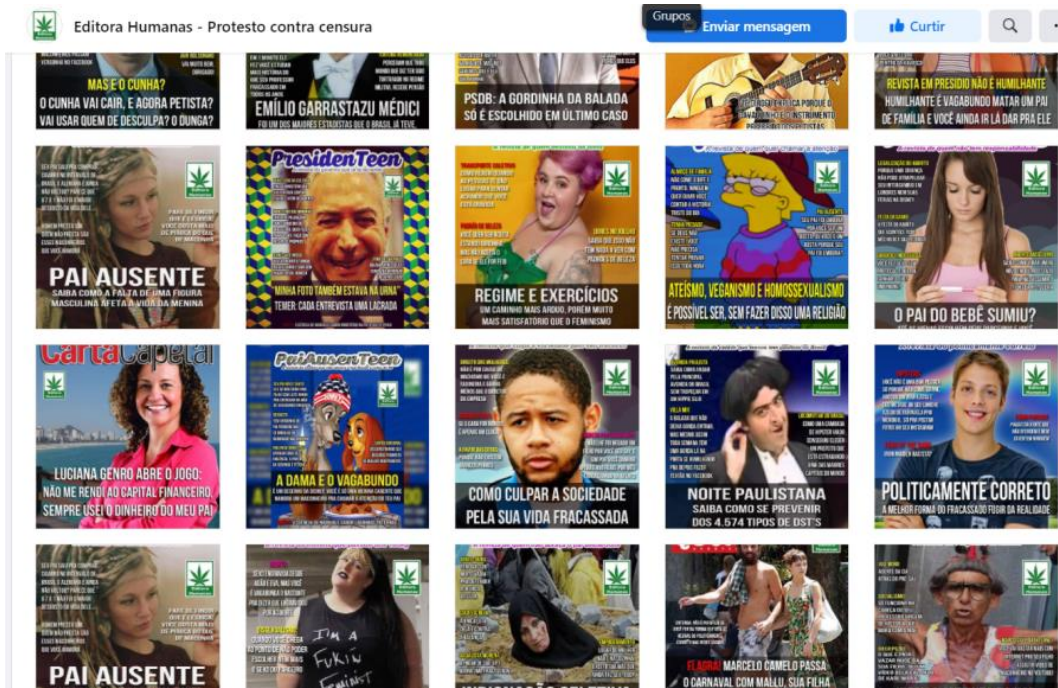
A seguir, observamos ainda figuras das respectivas páginas que demonstram brevemente a postagem de seus memes.

Figura 7 – Memes Página Editora Humanas original



Fonte: Editora Humanas (2020).

Figura 8 – Memes Página-fã Editora Humanas



Fonte: Editora Humanas – Protesto contra censura (2020).

Por cumprirmos os quatro critérios anteriormente mencionados (influência do conteúdo na internet, quantidade de curtidas, interação com os seguidores e movimentação), entendemos a relevância e influência das páginas no que se refere à difusão dos memes (pois,

como visto, os memes produzidos não caíram no esquecimento, mas foram endossados e recompartilhados); assim, elegemo-las para a pesquisa.

b) Passos 3 e 4) Coleta dos memes a partir do domínio-alvo Feminista

Procedemos à coleta apenas dos memes que tinham como domínio-alvo as feministas. Posteriormente, passamos ao estudo do *corpus*, interpretando-o e depreendendo os modelos metafóricos e metonímicos que alicerçavam as conceptualizações. No processo, foram identificados padrões semânticos de conceptualização da feminista, os quais foram revelados pela repetição de metáforas e metonímias. O estudo foi realizado inserindo-se o levantamento das metáforas e metonímias em uma tabela, organizada por meme com base nos domínios acionados. Esse instrumento nos permitiu visualizar a recorrência de algumas conceptualizações e o surgimento de novas informações.

c) Passo 5) Recorte do *corpus* por meio da Técnica da Saturação Teórica

Para realizar o recorte do *corpus*, como já anteriormente indicado, utilizamos a Técnica da Saturação Teórica (ALMEIDA; SANTANA, 2019) e interrompemos o seu estudo quando observamos a repetição dos referidos mecanismos conceptuais, sem apresentação de elementos novos. Como já informado, isso ocorreu quando atingimos 10 memes, portanto, identificamos o ponto de saturação e realizamos o recorte do *corpus*. A seguir, apresentamos como foi construído o percurso para se chegar ao ponto de saturação teórica.

Quadro 2 – Ponto de saturação teórica

Domínios	M 01	M 02	M 03	M 04	M 05	M 06	M 07	M 08	M 09	M 10	M 11	M 12	M 13
CORPO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
MOVIMENTO SOCIAL		X	X	X			X	X		X	X	X	X
PATERNIDADE		X			X	X		X	X		X	X	X
COMPORTAMENTO SOCIAL	X	X				X		X	X	X	X		X
COMPORTAMENTO SEXUAL	X					X			X	X			X
MORALIDADE							X					X	X
ALIMENTO				X				X			X		
GUERRA	X					X							
ANIMAL				X							X		
IDEOLOGIA			X			X							
VIOLÊNCIA CONTRA MULHER	A					X							

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

No Quadro 2, observamos os domínios conceptuais encontrados em cada meme estudado. O “X” marcado em cada domínio representa a presença dele em cada meme. Os domínios foram ordenados do mais recorrente (CORPO) ao menos recorrente (VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER). Desde o Meme 01, nota-se que há uma grande recorrência dos mesmos domínios conceptuais, que passam a aparecer nos demais memes estudados. Conforme o estudo ia sendo realizado, notamos que não havia a presença de domínios conceptuais novos na conceptualização da feminista, mas uma repetição daqueles que já haviam sido identificados, o que pode ser visualizado pela marcação do “X” nos domínios CORPO e MOVIMENTO SOCIAL, por exemplo, que apareceram desde o Meme 01 e foram se repetindo nos demais. Para confirmar o ponto de saturação teórica atingido no Meme 10, como já informado, estudamos mais três memes (11, 12 e 13), a fim de certificar a hipótese, que foi confirmada devido à ausência de domínios experienciais novos para conceptualizar a feminista, como pode ser visualizado com a marcação do X nos Memes 11 (CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, ALIMENTO e GUERRA), 12 (PATERNIDADE e ALIMENTO) e 13 (CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL e MORALIDADE) em domínios já antes vistos.

- d) Passo 6) Interpretação do *corpus*, levantamento dos dados e identificação do MCI prototípico de feminista

Por fim, após o recorte do *corpus*, realizamos o levantamento dos domínios conceptuais que apareceram em cada meme, suas respectivas expressões verbo-imagéticas e os tipos de mapeamento encontrados. Por se tratarem de textos verbo-imagéticos, também discutimos, no processo interpretativo, a relevância dos elementos visuais interagindo para a construção dos significados verbais. Ademais, faz-se pertinente ressaltar que consideramos para o estudo dos memes os fatores sócio-histórico-políticos-culturais, os quais serão discutidos juntamente com os mecanismos cognitivos apresentados.

- e) Passo 7) Sistematização dos resultados e respectiva apresentação do MCI de feminista no *corpus*.

Após a feitura da interpretação, organizamos em quadros as seguintes informações, por cada meme estudado: 1) metáforas e metonímias encontradas; 2) expressões verbo-imagéticas nas quais estavam instanciadas e 3) domínios conceptuais acessados. A organização das informações nos quadros nos permitiu uma visualização dos domínios conceptuais mais recorrentes, bem como das metáforas e metonímias depreendidas e das características que compõem o MCI de feminista. Em sequência, passamos à síntese do panorama observado no tocante à conceptualização da feminista nos textos multissemióticos estudados.

Realizada a exposição dos procedimentos metodológicos, serão feitas na próxima seção algumas considerações sobre o gênero dos textos que constituem o *corpus* do estudo.

4.4 MEMES DE INTERNET: SURGIMENTO E CONEXÕES

O termo “meme” adquiriu conspícua relevância nos tempos atuais devido ao surgimento e à expansão das redes sociais on-line. Contudo, é preciso compreender em qual contexto esse termo surgiu até ser utilizado como denominação para textos multimodais que comunicam ideias no universo da internet.

Foi no âmbito da Biologia, e não tecnológico, que a palavra “meme” surgiu, cunhada por Richard Dawkins, em 1976, na obra *O gene egoísta* (The Selfish Gene), a qual se propôs a discutir questões do campo cultural a partir de um diálogo com a Teoria da Evolução. Dessa

forma, como percebemos no título do livro, que contém a palavra “gene”, as ideias do autor receberam influência do campo biológico.

Naquele período, Dawkins (1976) definiu os memes como “pequenas unidades culturais de transmissão, análogas aos genes, que se propagam de pessoa para pessoa por meio de cópia ou imitação” (SHIFMAN, 2014, p. 59, tradução nossa). Segundo Shifman (2014, p. 59, tradução nossa), “a palavra ‘meme’ deriva do grego *mimema*, significando ‘algo que é imitado’, que Dawkins encurtou para rimar com ‘gene’”. Sob essa ótica, Dawkins (1976) considerava como memes comportamentos, ideias, bordões, vestimentas, crenças e demais elementos de uma cultura que eram imitados e retransmitidos entre as pessoas. Nessa visão, “o meme, portanto, assim como o gene, se constitui como um replicador, uma unidade de transmissão, que carrega informações (biológicas, no caso dos genes; culturais, no caso dos memes) de um lado a outro e se espalha entre as pessoas como se as contaminasse” (CHAGAS, 2020, p. 25). Logo, o conceito de meme proposto até então não se relacionava ao digital, e sim se referia a aspectos culturais abstratos, a exemplo de crenças que eram imitadas e repassadas adiante.

Alguns anos mais tarde, em 1990, surgiu a memética, uma área científica dedicada especificamente ao estudo da “replicação, propagação e evolução dos memes”, marcada por pesquisadores como Heylighen, Chielens, Hofstadter e Dennett (SHIFMAN, 2014). A ciência memética avançou e se consolidou em diversos livros, com especial destaque para o *Journal of Memetics*, em 1997 (SHIFMAN, 2014).

No entanto, apesar da sua propagação, uma controvérsia sempre pairou sob a definição do termo “meme”, que fora compreendido de formas diferentes dentro da própria memética. Em relação a esse aspecto, prevaleceram duas tendências para a compreensão dos memes, a qual Shifman (2014) denominou de “metáforas biológicas”. A primeira, de abordagem epidemiológica, compreendia os memes a partir de uma analogia com os vírus, vendo-os como elementos culturais (ideias, crenças, vestimentas) que se equivaleriam a eles e seriam, assim, “transmitidos” às pessoas, que os receberia de forma passiva e estariam suscetíveis à sua influência. A segunda perspectiva situou-se no plano genético, e compreendia os memes como genes, buscando “equivalentes culturais para todos os principais conceitos genéticos evolutivos, incluindo genótipo, fenótipo, transcrição e código” (SHIFMAN, 2014, p. 49, tradução nossa). Essa foi a abordagem oriunda dos estudos de Dawkins (1976), que compreendia o meme como se fossem os “genes da cultura” (CHAGAS, 2020). No entanto, “esse esforço foi criticado não apenas porque os memes se comportam de maneira muito

diferente dos genes, mas também porque reduzir a cultura à biologia restringe e simplifica comportamentos humanos complexos” (SHIFMAN, 2014, p. 62, tradução nossa).

A principal controvérsia, então, em relação à definição do que são os memes, diz respeito, na verdade, à compreensão do ser humano nesse processo. Como abordado por Shifman (2014), não há necessidade de comparar os memes a conceitos do campo biológico, uma vez que eles podem ser observados sob uma perspectiva puramente sociocultural. Assim, nos afastamos da perspectiva de meme enquanto um fator da cultura meramente “transmitido” às pessoas de forma passiva, tal como na obra *The Meme Machine*, de Susan Blackmore (SHIFMAN, 2014), e aproximamo-nos da ótica sociocultural que considera os memes produto de uma sociedade que não somente os produz, mas decide quais serão aceitos, compartilhados e assimilados. Portanto, concordamos que “a disseminação de memes [...] é baseada em agentes intencionais com poderes de tomada de decisão: normas sociais, percepções, e as preferências são cruciais nos processos de seleção memética.” (SHIFMAN, 2014, p. 64, tradução nossa). Entretanto, essa definição de meme proposta à época ainda não contemplava o significado que conhecemos hoje, inserido nas mídias digitais.

Até o momento, apresentamos a história do termo “meme” e um breve panorama das discussões referentes a ele no campo acadêmico. Entretanto, é no campo da internet que esse conceito adquiriu expansiva notoriedade:

Uma pesquisa no Google Trends sugere um surto de interesse sobre o assunto desde 2011, e uma consulta recente do Google sobre o termo ‘meme da Internet’ rendeu cerca de 1.900.000 resultados, muitos deles levando a grandes depósitos interativos de memes. (SHIFMAN, 2014, p. 65, tradução nossa).

Na visão de Shifman (2014, p. 15, tradução nossa), baseada em Knobel e Lankshear (2007), o termo “meme de internet” se popularizou entre os internautas para

descrever a rápida aceitação e disseminação de uma “ideia particular apresentada como um texto escrito, imagem, linguagem ‘movimento’ ou alguma outra unidade de ‘coisas culturais’”. Esse uso vernacular do termo, afirmam os autores, difere totalmente de seu uso no estudo acadêmico da memética: se o primeiro tende a descrever modas recentes, muitas vezes de curta duração, a longevidade é a chave para a memética ‘séria’, já que memes de sucesso são definidos como aqueles que sobrevivem a longo prazo.

Como visto, as autoras assinalam uma especial diferença entre os memes digitais e os memes estudados pela ciência memética: os primeiros têm pouca durabilidade e apresentam-se, em geral, como textos, imagens ou vídeos carregados de informações/ideias, os quais circulam na internet; por sua vez, os memes estudados pela memética referem-se a aspectos

culturais abstratos que têm como característica a longevidade, isto é, a capacidade de se perpetuarem e serem transmitidos no decorrer do tempo.

Ademais, “outra diferença diz respeito ao objeto de análise: enquanto na memética a própria unidade de análise é abstrata e controversa, os internautas tendem a atribuir a tag *meme* a conteúdos audiovisuais observáveis, como vídeos do YouTube e imagens humorísticas” (SHIFMAN, 2014, p. 66, tradução nossa). Assim, parece já ter ficado claro que o significado do termo surgiu muito antes da internet e com características diferentes da compreensão que temos na atualidade. Contudo, a partir de que época essa mudança começou a ocorrer? Quando exatamente o termo “meme” passou a significar, para nós, “meme de internet”? (CHAGAS, 2020).

Estima-se que o aparecimento dos memes de internet passou a ocorrer a partir da década de 1990, “em função do caráter de novidade que o acesso à internet representava a centenas de milhares de pessoas em todo o mundo” (CHAGAS, 2020, p. 34). Peça-chave da chamada “Era da Web 2.0”, no contexto atual o meme não é mais visto apenas como um replicador de informações culturais, mas pode ser definido como um item digital que apresenta uma forma, um determinado conteúdo/ideia, foi criado com uma intencionalidade e é divulgado ou transformado por muitos usuários da internet (SHIFMAN, 2014). É esse conceito de meme que adotaremos nesta Dissertação.

Tornou-se notória a importância dos memes de internet, pois estes possibilitam a observação de como tem agido e pensado uma sociedade que, cada vez mais, tem se expressado no digital através do compartilhamento de imagens, textos, músicas e vídeos. Corroborando com esse pensamento, Shifman (2014, p. 67, tradução nossa) discorre que:

Embora os memes sejam artefatos aparentemente triviais e mundanos, na verdade eles refletem estruturas sociais e culturais profundas. Em muitos sentidos, os memes da Internet podem ser tratados como folclore (pós)moderno, no qual normas e valores compartilhados são construídos por meio de artefatos culturais como imagens editadas no Photoshop ou lendas urbanas.

Logo, as pessoas, ao compartilharem um meme, buscam expressar suas opiniões e, concomitantemente, estabelecer uma forma de comunicação com grupos que apreciam o conteúdo compartilhado. Nesse processo, “os memes moldam as mentalidades, as formas de comportamento e as ações dos grupos sociais” (SHIFMAN, 2014, p. 67, tradução nossa).

O compartilhamento de memes, na esfera digital, pode ocorrer com a criação de um meme novo, ou ainda por meio do simples encaminhamento e cópia de um meme já existente. Shifman (2014) elenca dois tipos de remodelagem de memes: o mimetismo, que consiste em

recriar um texto específico, semelhante a uma mímica, e a remixagem, que consiste em manipular um meme com recursos tecnológicos, como Photoshop, vídeos ou sons, construindo um remix dele.

Os memes estudados nesta Dissertação não se basearam na cópia ou imitação de outros memes existentes, mas foram originalmente construídos com recursos manipulativos digitais, tais como montagens, sobreposição de imagens etc., pelo criador da página na qual foram compartilhados, o qual construiu um padrão de meme próprio.

Estudar memes é uma forma de refletir sobre a sociedade e de compreender as construções de sentido que têm circulado sobre os mais diversos assuntos. “Nos últimos anos, compartilhar, imitar, remixar e usar medidas de popularidade tornaram-se pilares altamente valorizados da cultura participativa, parte integrante do que se espera de um internauta ‘digitalmente letrado’.” (SHIFMAN, 2014, p. 67, tradução nossa). Sendo assim, ao observarmos os conteúdos e comportamentos nas redes sociais digitais, podemos compreender o comportamento dos indivíduos, o que pensam e como se posicionam. Escolhemos trabalhar com esses textos justamente devido ao potencial cultural que possuem, que nos permitirá observar como a sociedade tem conceptualizado as feministas. Na próxima subseção, dedicamo-nos a apresentar de forma breve a articulação entre os memes e o discurso antifeminista na rede social *Facebook*.

4.4.1 *Facebook*, memes e antifeminismo: conexões visíveis

As redes sociais tornaram-se um espaço de compartilhamento de opiniões, posicionamento político e possibilidade de questionamento da ordem patriarcal vigente. Percebendo a possibilidade de se expressarem, as feministas deram início a um ativismo digital, praticando o feminismo nas redes por meio de postagens, compartilhamentos e, claro, da produção e reprodução de memes. Costa (2018, p.45), ao discutir sobre a mobilização feminista em rede, recorda que:

Em outubro de 2015, no calor dos protestos feministas, o Facebook atingiu o número de 74,8 milhões de usuários no país, conectando três de cada quatro internautas brasileiros. Verificamos em janeiro de 2016, na esteira do boom de 2015, a enorme quantidade de páginas que tratam do feminismo com diferentes linguagens e abordagens. Os números de curtidas já se mostravam surpreendentes: Feminismo Sem Demagogia (884.075), Lugar de Mulher (75.200), Feminismo Radical (54.451), Feminismo de $\frac{3}{4}$ (45.971), Feminismo na Rede (20.2015), Preciso do Feminismo Porque (17.384), entre outras.

Rentschler e Thrift (2015) apresentam um caso de feminismo praticado na rede, por meio do meme “Binders Full of Women” (“Fichários cheios de mulheres”), que se propagou em 2012 em resposta à fala do candidato à presidência dos EUA, Mitt Romney, que usou a expressão para explicar a desigualdade salarial entre mulheres e homens em um debate presidencial. O candidato proferiu a frase “fichários cheios de mulheres” se referindo a “uma compilação de currículos de mulheres do grupo feminino bipartidário MassGAP candidatas aos cargos de gabinetes ministeriais em 2002” (RENTSCHLER; THRIFT, 2015, p. 324, tradução nossa). Imediatamente, uma profusão de memes de diversos tipos começou a ocorrer, mobilizada pela crítica feminista. Esse exemplo discutido pelas autoras revela-nos como “os memes são, em geral, destinados ao humor, conectando as pessoas através de piadas compartilhadas, mas também expressam modalidades personalizadas de testemunho e expressão política séria” (RENTSCHLER; THRIFT, 2015, p. 326, tradução nossa). No entanto, no caso em questão, percebemos um ativismo em apoio à causa feminista, pois os eleitores se posicionaram contra a expressão machista dita pelo candidato Mitt Romney.

Mobilizações semelhantes a essas também ocorreram no Brasil, com o uso de *hashtags* nas redes, sobretudo a partir de 2014 (COSTA, 2018). Segundo Costa (2018, p. 47), “a hashtag, tão afeita às campanhas publicitárias, foi eleita como principal ferramenta política do feminismo”. Desse modo, alguns exemplos de mobilizações feministas nas redes foram a campanha #PrimeiroAssédio, criada em 2015 pela ONG Think Olga, e a mobilização #MeuAmigoSecreto, que tinha como finalidade tornar públicos relatos de assédio, sem identificar os praticantes. (COSTA, 2018).

Entretanto, temos observado, nas redes sociais, não apenas um movimento em apoio ao feminismo, mas um forte movimento antifeminista, acentuadamente misógino cujo fito parece ser o de difundir perspectivas negativas relacionadas às feministas. Desse modo, notamos que:

Pregadores de ódio, misóginos e conservadores reagem com radicalidade ao que chamam de ‘perigo das ideologias de gênero’. Muitos deles se utilizam de perfis falsos e patrulham diariamente as redes sociais em busca de ideias contrárias às que buscam disseminar, espalhando discurso de ódio. Seu objetivo, muitas vezes, é desviar a atenção de um determinado tema, modificando o rumo dos debates nas redes (COSTA, 2018, p.60).

Zimberg (2018, p.52) empreendeu um estudo de mapeamento dos discursos antifeministas na internet, identificando que

O antifeminismo, que nada mais é que o discurso diametralmente oposto ao feminismo, no universo das redes sociais, organiza-se em páginas comunitárias ou fanpages, subdivididas em diversos pontos focais sobre a

rejeição ao feminismo, como mulheres contra o feminismo, homens contra o feminismo, defensores do machismo, defensores dos valores da família tradicional brasileira dentre outros.

À vista disso, buscaremos demonstrar esse último movimento na seção a seguir, quando apresentaremos os resultados alcançados com o estudo do corpus.

5 CONCEPTUALIZAÇÕES DE FEMINISTAS EM MEMES: ESTUDO DO CORPUS

Nesta seção, passaremos a discutir as conceptualizações encontradas nos 13 memes estudados, apresentando mecanismos cognitivos que as estruturam, especificamente, metáforas e metonímias conceptuais.

O meme 1 (Figura 09) foi encontrado no momento da busca por outros memes construídos pela página do *Facebook* Editora Humanas, tendo em vista que ela havia sido excluída anteriormente por ser alvo de denúncia, como já explicado. Dessa forma, esse texto foi encontrado na página-fã intitulada “Editora Humanas – Protesto contra a Censura” (a qual se propôs a repostar memes perdidos da página original, conforme já indicado anteriormente) com data de publicação de 28 de fevereiro de 2017. A seguir, apresentamo-lo:

Figura 9 – Meme 1



Fonte: Editora Humanas – Protesto contra censura (2017).

Analisando a interação entre os elementos verbais e imagéticos para construção do significado, observamos a imagem de uma jovem cujo corpo demonstra estar, para os padrões estéticos midiáticos atuais, acima do peso, utilizando uma camisa preta, na qual está escrito em inglês “I’m a fucking feminist”, traduzido para o português como: “Eu sou uma feminista do caralho”. Sobreposto à imagem, vê-se o título “FeminisTeen – A revista de quem passou dos 100kg”. Ao considerarmos esses trechos, em inter-relação com a imagem, podemos depreender que acionam o domínio da experiência CORPO, acionando-o em seus diversos estados, isto é, magro/gordo, velho/jovem e enfatizando o peso da feminista. Diante disso, encontramos as metonímias multimodais APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO / FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS, pois, dentre todas as características físicas, o excesso de peso é colocado em destaque para a conceptualização da feminista. Portanto, podemos inferir que essa metonímia revela que as feministas são conceptualizadas como mulheres que estão fora do padrão estético de beleza midiático da contemporaneidade, que tem como uma de suas características a magreza, o alcance do “peso ideal”.

A criação lexical “FeminisTeen”, em interação com a imagem da jovem, leva-nos a outra metonímia: FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO, sendo o veículo FEMINISTA ADOLESCENTE acessado por meio da expressão verbal, e o

alvo FEMINISTAS acessado através da imagem da garota. Essa interpretação foi alcançada considerando-se o fato de que as adolescentes, chamadas de *teens*, constituem uma parte da categoria das FEMINISTAS, que, por sua vez, metonimicamente, também é uma parte da categoria das MULHERES. A referida metonímia permite-nos perceber o enfoque dado na conceptualização da feminista, corroborando para a fixação de um estereótipo social: o de uma feminista jovem, mais precisamente, uma adolescente, fase que marca a transição da infância para a idade adulta. Deste modo, podemos inferir que, no meme, a metonímia FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS foi construída como estratégia para infantilizar a feminista, ratificando seu estereótipo social: o de uma adolescente, não adulta, que ainda não alcançou, portanto, maturidade física, emocional, econômica e psíquica, hipóteses que podem ser ratificadas pela interação da palavra “Feministeen” com a foto da jovem.

No conteúdo do meme, veem-se textos estampados com nomes de possíveis “manchetes”, como: “Aborto: sexo engravida desde Adão e Eva, mas você é vagabunda o bastante pra dizer que engravidou por acidente” e “Bissexualismo: quando você chega ao ponto de não poder escolher nem mais o sexo do parceiro”. Essas temáticas, possivelmente, foram escolhidas porque, por inferência, fazem parte de assuntos debatidos/apoiados pela agenda feminista. Com a menção a esses termos (Sexo, Bissexualismo), o domínio conceptual COMPORTAMENTO SEXUAL é acionado e depreendemos mais uma metonímia multimodal: FEMINISTA BISSEXUAL POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO, sendo o veículo FEMINISTA BISSEXUAL acessado por meio do enunciado verbal “Bissexualismo: quando você chega ao ponto de não poder escolher nem mais o sexo do parceiro” (no qual há uma evidente menção à feminista com o pronome “você” e considerando o contexto do meme), e o alvo FEMINISTA acessado, como já dito, através da imagem.

A metonímia multimodal apresentada é mais um mecanismo que corrobora para a construção do estereótipo de feminista; neste caso, contribui para a conceptualização de que todas as feministas são bissexuais, gerando, então, uma generalização com base em uma característica específica. Essas construções de significado remetem-nos à discussão do princípio da seletividade perceptiva (RADDEN; KÖVECSSES, 2007) nos mapeamentos metonímicos, que está baseado na relação metonímica ESPECÍFICO SOBRE GENÉRICO, a partir da qual são construídas generalizações que formam estereótipos, tal como observado sobre as feministas.

Em relação ao primeiro trecho verbal, “Aborto: sexo engravida desde Adão e Eva, mas você é vagabunda o bastante para dizer que engravidou por acidente”, observamos a feminista

sendo categorizada com o adjetivo “vagabunda”, que, dentro de uma cultura machista, diz respeito a mulheres que se comportariam, supostamente, de forma imoral, conforme o modelo do PAI SEVERO⁴⁴ proposto por Lakoff e Johnson (1999). A partir disso, identificamos, no processo dessa conceptualização, a metonímia FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS e o acionamento do domínio conceptual COMPORTAMENTO SOCIAL, este último sendo compreendido como um comportamento baseado na imoralidade.

No centro do meme, encontramos em destaque a expressão verbal “Combatendo o machismo: homem não presta. Exceto o seu pai, que paga seu Netflix, carro e Iphone”. Ao ler o texto, devemos notar que os discursos se misturam, sendo “Combatendo o machismo: homem não presta” um possível discurso estereotipado que seria proferido pelas feministas, enquanto “Exceto o seu pai, que paga seu Netflix...” a “voz” do(a) autor(a) do meme em resposta às reivindicações feministas contra o machismo. A partir do item lexical “combatendo”, aliado à palavra “machismo”, o domínio da GUERRA é acionado e depreendemos a metáfora MACHISMO É INIMIGO DE GUERRA, a qual, mesmo não estando relacionada diretamente à conceptualização da feminista, é de fundamental importância para compreender a sua construção de significado. Logo, para as feministas, o machismo é compreendido como um inimigo de guerra que necessita ser combatido. Notamos ainda como o estereótipo de feminista adolescente e imatura se reforça, porque podemos inferir, por meio da leitura desse trecho, uma dependência financeira. Ademais, também observamos uma visão do MCI do patriarcado em que ocorre subordinação às ordens exclusivamente paternas no seio familiar. Anjos (2022, p. 10), em seu estudo que observa a construção do discurso antifeminista em páginas do *Facebook*, encontra nos posts que analisa o mesmo estereótipo apresentado aqui, isto é, o “de que as feministas não teriam responsabilidade, não trabalhariam e seriam, em verdade, extremamente dependente dos homens”.

Não podemos deixar de abordar, também, a imagem da maconha sobreposta ao meme feminista, a qual funciona como uma espécie de “logomarca” de identificação dos memes produzidos pela “Editora Humanas”, fazendo referência à página. Essa imagem, estando no meme feminista, vincula-se à conceptualização dessas mulheres, apesar de focar diretamente a

⁴⁴ “O Sistema da Metáfora Moral, tal como apresentado em Lakoff e Johnson (1999), tem como uma das hipóteses que nosso sistema moral se baseia na moralidade da família. PAI SEVERO representa a autoridade não legitimada (autoritária, guiada por punições e recompensas); e o PAI PROTETOR, a autoridade legitimada (guiada pelo amor, pela proteção e pelos cuidados). Os seres humanos, pelo Sistema da Metáfora Moral, são comparados (por mapeamentos metafóricos) aos membros de uma família e seus papéis culturais.” (FELTES; PELOSI; LIMA, 2014, p. 93). Sendo assim, afirmamos que a feminista é compreendida como imoral no modelo do PAI SEVERO, posto que em outro modelo, como o do PAI PROTETOR, ela poderia ser compreendida de outra forma.

conceptualização da área das Ciências Humanas, que não é o nosso objeto de estudo; então, podemos inferir um estereótipo ligado às pessoas que se identificam com a área de Humanas, logo, também, associado às feministas que, vinculadas a esse campo do saber, seriam compreendidas como jovens que fariam uso de entorpecentes, como a maconha, categorizada como droga ilícita no Brasil, fator que ratifica a construção de preconceitos. Veremos, mais adiante, como essa logomarca irá se repetir em todos os memes estudados, acionando a compreensão anteriormente explicada. Devido a isso, consideramos não comentá-lo de forma particular nos próximos textos, a fim de não repetir a mesma interpretação.

Portanto, neste primeiro meme, foram encontradas, no tocante à conceptualização específica da feminista, as metonímias APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO, FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS, FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO, FEMINISTA BISSEXUAL POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO e FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO; foi encontrada ainda a metáfora MACHISMO É INIMIGO DE GUERRA, que, embora não tenha como foco a feminista, se relacionou ao seu processo de construção de sentidos, como já visto. Houve neste texto o acionamento dos domínios experienciais CORPO, COMPORTAMENTO SOCIAL e COMPORTAMENTO SEXUAL, que, por meio das metonímias, evidenciaram conceptualizações estereotipadas e depreciativas sobre feministas. A seguir, passaremos à discussão do segundo meme:

Figura 10 – Meme 2



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

Neste texto multissemiótico, observamos a manutenção do mesmo padrão visual visto anteriormente, com o título “FeminisTeen”. Todavia, o subtítulo é modificado para “A revista da menina que não tem higiene”, e a imagem é modificada, aqui, para o rosto de Frida Kahlo, artista mexicana que ficou conhecida por sua história de vida marcada por dor, sofrimento e superação. Em suas pinturas, Frida retratava questões vivenciadas pelas mulheres, como partos, abortos e feminicídio (MONTEIRO, 2021). Devido à sua história pessoal marcada por abortos, problemas de saúde e traições no relacionamento, o movimento feminista a abraçou como modelo representativo. Provavelmente, devido a isso, o (a) autor(a) escolheu o seu rosto para construir o meme sobre as feministas. Há, desta forma, a metonímia multimodal MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS/FRIDA KAHLO POR FEMINISTAS, sendo o veículo MODELO FEMINISTA/FRIDA KAHLO acessado por meio da imagem da pintora, e o alvo FEMINISTAS sendo acessado pelo item verbal “FeminisTeen”, que explicita, mais uma vez, quem está em foco na conceptualização. Classificamos essa metonímia a partir da discussão de Lakoff (1987) sobre paradigmas relacionados aos modelos metonímicos. Segundo o autor, “Também compreendemos categorias em termos de membros individuais que representam um ideal ou seu oposto [...] Usamos paradigmas como modelos para basear nossas ações”. É o que parece ocorrer nesta relação, porque as feministas são compreendidas,

em raciocínio, reconhecimento etc., tal como defende Lakoff (1987), a partir do ponto de referência da artista.

Com essa ênfase em um aspecto do corpo, isto é, o rosto de Frida, depreendemos ainda as metonímias multimodais ROSTO DE FRIDA POR FEMINISTAS/ROSTO POR SER HUMANO/PARTE PELO TODO, com o rosto da artista (imagem) acionando metonimicamente as feministas (item lexical já mencionado). Embora tenhamos a presença da criação lexical “Feministeen”, houve uma mudança de perspectiva aqui, considerando-se que a imagem é composta por uma mulher de mais idade, não mais uma adolescente/jovem como no meme anterior.

O seguinte trecho apresenta-se em destaque no centro do meme: “Mulher do grelo duro. Como o ex-presidente⁴⁵ Lula mostrou sem querer o quão fútil é o feminismo”. A expressão linguística “grelou duro”, ao interagir com os demais elementos do meme, remete-nos ao domínio do CORPO, pois faz alusão a um órgão sexual-genital externo pertencente ao sistema reprodutor feminino, o clitóris, chamado popularmente de “grelou”, que, somado à palavra “duro”, faz referência à capacidade do órgão sexual-genital feminino se enrijecer (HELENA, 2021). Um dos sentidos atribuídos a essa expressão utilizada pelo presidente Lula diz respeito às mulheres do seu partido que têm características ditas “fortes” e que são, portanto, consideradas “mulheres-machos”. A expressão ficou conhecida como uma referência, feita pelo presidente, às feministas que lutam por seus direitos na política⁴⁶. Em vista disso, acionamos a metonímia monomodal ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL POR SER HUMANO/CLITÓRIS POR FEMINISTA/PARTE PELO TODO. Essa metonímia configura-se como monomodal, porque o acesso ao veículo ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL/CLITÓRIS se dá através da expressão verbal “grelou duro”, bem como o acesso ao alvo SER HUMANO/FEMINISTA se dá através da expressão “Feministeen”.

Ademais, neste meme, encontra-se o domínio conceptual MOVIMENTO SOCIAL, acionado pela referência ao feminismo. Há metáforas monomodais, empregadas em conceptualizações, que estão, de forma indireta, vinculadas às conceptualizações das feministas. Apresenta-se como exemplo a metáfora monomodal MOVIMENTO SOCIAL É SER HUMANO/FEMINISMO É SER HUMANO, em que o domínio-alvo FEMINISMO é

⁴⁵ O meme foi construído anteriormente ao ano de 2022, quando Lula era ex-presidente do Brasil.

⁴⁶ Para mais informações, ver:

LULA chama feministas do PT de ‘mulheres do grelo duro’ e internautas reagem. **Extra**, 17 mar. 2016.

Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/lula-chama-feministas-do-pt-de-mulheres-do-grelo-duro-internautas-reagem-18897069.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FEMINISTAS se dividem sobre falas de Lula captadas em grampos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2016.

Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1751987-feministas-se-dividem-sobre-falas-de-lula-captadas-em-grampos.shtml?cmpid=tw-uol>, Acesso em: 10 dez. 2022.

acessado no trecho “[...] o quão fútil é o feminismo”, e o domínio-fonte SER HUMANO é depreendido também deste mesmo enunciado verbal, posto que nele há uma personificação do Movimento, atribuindo-se a ele características humanas, no caso, ser fútil. O mesmo ocorre com o machismo que, metonimicamente, é visto como “culpado” e personificado como ser humano através da metáfora monomodal MACHISMO É SER HUMANO, na qual os domínios alvo e fonte são acessados pelo texto: “Não é culpa do machismo que você está solteira, é culpa dos seus 120 kilos”. A referência ao peso da feminista nesse trecho ratifica o padrão de organização APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS já identificado no Meme 01, ao definir metonimicamente a feminista com base nesse aspecto.

Outro padrão que se repete em relação ao meme 1 (Figura 09) é a recorrência do domínio conceptual PATERNIDADE, visível nos enunciados verbais, a exemplo de: “Grátis: essência de narguilé sabor amor paterno”. Sabe-se que o narguilé é uma espécie de “cachimbo d’água” utilizado por fumantes de essências, tabacos e outras substâncias químicas. Com esse conhecimento, através do trecho, é possível depreender a metáfora monomodal AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA, acessando-se o domínio-alvo diretamente pelo item lexical “amor paterno” e o domínio-fonte pelo item lexical “essência de narguilé”. Segundo o(a) conceptualizador(a) do meme, então, o amor paterno é uma substância química, uma droga de que as feministas necessitam, por carência, experimentar. Interpreta-se, assim, que a falta de amor paterno leva ao uso de drogas. Nessa conceptualização, observa-se também a ideia de dependência psicológica da mulher e das filhas ao amor do pai, pensamento tipicamente patriarcal, hipótese que pode ser ratificada pelo texto “Pai ausente: seus relacionamentos não dão certo porque você projeta seu pai que fugiu em todos os caras que você sai”. Apresentamos neste estudo essa metáfora, porque, apesar de não conceptualizar diretamente as feministas, ela contribui no processo de construção de significado, contribuindo para reforçar o estereótipo que alicerça o MCI prototípico, formado pela ideia de que as feministas são mulheres carentes do afeto paterno e, em consequência disso, ressentidas e rebeldes.

Faz-se necessário ressaltar ainda o trecho: “Aborto: quem quer o aborto legalizado são as pistoleiras da classe média, pobre cria 10 filhos com muito amor”. Ao considerarmos os conhecimentos socioculturais para compreender o trecho, recorreremos à informação de que a legalização do aborto é uma das pautas defendidas pelas feministas, tal como assinalado por Soihet (2005, p. 595):

Dispostas a derrubar tabus como os da virgindade obrigatória para as mulheres solteiras, buscavam a plena assunção de seu corpo e de sua sexualidade, bem como superar a tradicional concepção da mulher-mãe. Nesse sentido, enfatizavam a questão da mulher sexualizada, ressaltando a questão do aborto e da contracepção.

Logo, o(a) autor(a) do meme, possivelmente, as conceptualiza de uma maneira estereotipada, isto é, como “pistoleiras de classe média”. Segundo verbete do Dicionário Caldas Aulete, “pistoleira” é uma gíria brasileira construída para designar o mesmo que “prostituta”, “meretriz”. Assim, podemos inferir que o(a) criador(a) do texto compreende as feministas a partir de um grupo, o das prostitutas, que são vistas como imorais. O domínio MORALIDADE é então acionado a fim de se construir o estereótipo de mulher imoral para a feminista. Nesse processo de compreensão, há o acionamento da metonímia multimodal FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS, com o veículo FEMINISTA ESTEREOTIPADA sendo acessado através do texto verbal anteriormente mencionado, e o alvo FEMINISTAS acionado metonimicamente através do rosto de Frida. Entende-se que, na ótica do(a) autor(a) do meme, então, todas as feministas são compreendidas como pistoleiras/prostitutas e, portanto, imorais.

Faz-se necessário discutir ainda o trecho “Frida Kahlo: uma espécie de Kéfera feia”, no qual há uma comparação da artista com a *youtuber* Kéfera Buchmann⁴⁷, que ficou conhecida devido a polêmicas com o uso da sua sobrancelha, em estilo semelhante à de Frida.

Assim, foram encontradas as seguintes metonímias relacionadas à feminista: MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS/FRIDA KAHLO POR FEMINISTAS, ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL POR SER HUMANO/CLITÓRIS POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO e FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS. Foram encontradas três metáforas conceptuais monomodais: FEMINISMO É SER HUMANO/MOVIMENTO SOCIAL É SER HUMANO, MACHISMO É SER HUMANO e AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA, as quais, apesar de não terem como alvo a conceptualização da feminista, vinculavam-se a ela no processo de conceptualização da categoria feminista exposto do meme. Desse modo, os domínios acionados foram CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE e MORALIDADE.

Nesse sentido, através dos mecanismos conceptuais expostos, observou-se neste texto multimodal a mesma tendência à conceptualização depreciativa e pejorativa da feminista no que diz respeito à aparência física e às características emocionais/psicológicas. Ademais,

⁴⁷ Para mais informações, acessar: <https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2019/11/kefera-se-antecipa-possiveis-criticas-e-entrega-amo-minha-sobrancelha.html> Acesso em: 10 de fev. de 2023.

verificou-se a conceptualização do feminismo enquanto ser humano fútil; em contrapartida, o machismo foi conceptualizado, ironicamente, como culpado, embora inocente, conforme se pode inferir pelo trecho “Não é ‘culpa’ do machismo que você está solteira. É culpa dos seus 120 kg”. Ao focalizarmos esses detalhes, percebemos a intencionalidade do(a) autor(a) do meme, que, possivelmente, sustenta-se no MCI da cultura machista patriarcal. Concluído o estudo do meme 02, passamos a discutir o meme 03 (Figura 11):

Figura 11 – Meme 3



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 3 (Figura 11) apresenta uma semelhança em relação ao 2, com a repetição do mesmo padrão metonímico multimodal ROSTO POR SER HUMANO. Não obstante, o rosto que ocupa espaço não é mais o de Frida, mas o de Simone de Beauvoir, escritora, filósofa e considerada uma das maiores pensadoras do feminismo moderno (MARTÍNEZ-BASCUÑÁN, 2019). Nesse meme, como no anterior, nota-se a repetição do padrão metonímico MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS, neste caso, SIMONE DE BEAUVIOR POR FEMINISTAS. Contudo, há uma atualização referente ao rosto que aciona, metonimicamente, as feministas, através da metonímia multimodal ROSTO DE SIMONE DE BEAUVIOR POR FEMINISTAS/ROSTO POR SER HUMANO/PARTE PELO TODO, sendo o veículo ROSTO DE SIMONE DE BEAUVIOR acessado pela imagem da escritora e o alvo FEMINISTA acessado metonimicamente pela palavra “feminismo” ou ainda pelo

neologismo “Feministeen”. Vale ressaltar ainda que, nesse texto, não foi possível recuperar a metonímia multimodal ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO, ainda que o título “Feministeen” tenha permanecido, como já informado, pois a imagem de uma mulher mais madura foi inserida, focalizando, então, a conceptualização de uma feminista adulta, a exemplo de Simone de Beauvoir.

Ademais, debruçando-nos sobre o trecho central em amarelo que ocupa posição de destaque no meme, infere-se que, na ótica do(a) criador do meme, as feministas, acionadas metonimicamente pelo rosto de Simone de Beauvoir (ROSTO DE SIMONE DE BEAUVIOR POR FEMINISTAS), são mulheres comunistas e de esquerda. Em vista disso, aciona-se o domínio IDEOLOGIA e as metonímias SIMONE DE BEAUVIOR POR COMUNISTAS/FEMINISTA POR COMUNISTAS, ESQUERDISTAS POR FEMINISTAS/SIMONE DE BEAUVIOR POR FEMINISTAS, todas construídas, vale ressaltar, segundo o(a) autor(a) do texto, que, é possível inferir, atrela-se ao MCI da (EXTREMA) DIREITA POLÍTICA.

Faz-se necessário destacar ainda a menção a Simone de Beauvoir como “pedófila e nazista” em determinados trechos do meme, associação fruto de acusações anônimas que vieram à tona em 2015, após a utilização de uma de suas frases na prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). À época,

o verbete de Simone de Beauvoir (1908-1986) na Wikipedia, conforme mostrou uma reportagem da BBC, foi invadido para tachar a escritora de ‘pedófila’ e ‘nazista’. A Câmara de Vereadores de Campinas, no estado de São Paulo, aprovou uma ‘moção de repúdio’ à filósofa. O deputado Marco Feliciano (PSC-SP), da Bancada da Bíblia, descobriu na frase ‘uma escolha adrede, artilosa e discrepante do que se tem decidido sobre o que se deve ensinar aos nossos jovens’. (BRUM, 2015).

Como visto, esse fato ocasionou uma polêmica, culminando em acusações de que a pensadora se relacionara com menores de idade; daí a possível associação com a pedofilia. Em relação a esse corrido, Brum (2015), jornalista do El País, comenta que:

Ao converter a filósofa no que é interpretado como o mais monstruoso – ‘pedófila’ e ‘nazista’ – o objetivo é tornar impossível refletir sobre o que ela escreveu: ‘uma mulher não nasce mulher, torna-se mulher’. A ampla distorção das palavras serve, de novo, ao vazio do pensamento.

Nesse sentido, essa depreciação a Simone de Beauvoir é vista nos demais textos contidos no meme, como em “Gente boa! Conseguiu agradar nazistas e comunistas na Segunda Guerra, acho que só satanás havia feito essa proeza”, “Pedofilia: foi impedida de dar aula por ter atividades ilegais com menores de idade [...]” e “Feminismo: levar aluna pro marido passar linguíça, isso sim deve ser símbolo do feminismo”. Neste último, é acionada a

metonímia multimodal FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIMENTO PELA CATEGORIA. Portanto, compreendendo esse contexto e tendo em vista que o rosto de Simone aciona metonimicamente as feministas no texto multimodal, como já discutido, pode-se inferir uma tentativa de depreciação de um símbolo feminista (Simone de Beauvoir) com objetivo de atingir o movimento e as mulheres que fazem parte dele.

No meme 2 (Figura 10) anterior, abaixo do título “Feministeen”, havia a seguinte conceptualização da feminista: “a menina que não tem higiene”. Neste meme, há uma referência, outra vez, ao aspecto físico das feministas, com a frase “a revista de quem não gosta de se depilar”, a qual aciona a metonímia APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTAS. O domínio do CORPO, aliado sempre a uma perspectivação negativa, permanece sendo foco do(a) conceptualizador(a) autor (a) do meme quando o assunto é a feminista. Assim, nota-se, na conceptualização, um acionamento de conhecimentos enciclopédicos machistas de apropriação dos corpos das feministas, com intuito de ditar como elas devem mantê-los e higienizá-los. Nesse ótica, por exemplo, a manutenção dos pelos é anti-higiênica — o que não é verídico, posto que os pelos têm como função a proteção do corpo. Essa perspectiva machista foi construída por uma indústria da beleza que se beneficia com os corpos femininos por meio da venda de procedimentos estéticos que visam à modificação dos seus corpos naturais, a exemplo da depilação. Wolf (2019, p. 141) afirma que “os Ritos da Beleza se propõem a queimar o corpo feminino no forno da beleza, a eliminar suas impurezas, a lhe dar ‘acabamento’”. Devido ao fato de algumas feministas se posicionarem contra essa prática, viram alvo de críticas de um público machista que associa o direito de cada mulher de fazer o que deseja com o seu próprio corpo, não o depilando, por exemplo, a práticas anti-higiênicas. Essa é mais uma tentativa de “purificação” do corpo feminino, visto como imoral (WOLF, 2019). Em suma, neste texto multimodal, percebemos a conceptualização da feminista consoante estereótipo de malculhada, feia e anti-higiênica.

Identificamos a recorrência do domínio CORPO e da metonímia APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PESO POR FEMINISTA pelo texto verbal “Feminista padrão: ela só era magra porque no comunismo ninguém é gordo”. É interessante notar como Simone de Beauvoir foi considerada “feminista padrão” no meme somente por ser magra, o que revela a importância do corpo, em específico do peso da mulher, para o julgamento do(a) conceptualizador(a) do meme. A exigência de um corpo magro e sua associação à beleza foi enfatizada principalmente após a Revolução Industrial (WOLF, 2019), quando a cobrança de

pureza sexual feita às mulheres cedeu lugar à cobrança estética. Conforme Wolf (2019, p. 146),

As mulheres se mantinham genitalmente castas para Deus; agora elas se mantêm oralmente castas para o Deus da Beleza. [...] Uma mulher que come algo ‘proibido’ está ‘se comportando mal’. [...] O estado de sua gordura, como no passado o estado de seu hímen, é uma preocupação da comunidade. ‘Oremos por nossa irmã’ se transformou em ‘Nós todos vamos incentivá-la a perder esse excesso de peso’.

Nesse período, o corpo “belo” passou a ser o corpo magro, e as mulheres foram cobradas a se adequarem a ele. Houve direta vinculação do peso à beleza da mulher, semelhante ao que ocorre no meme, quando Simone é conceptualizada como “feminista padrão”, isto é, aquela que se mantém dentro dos ditames da sociedade, dentre eles, dentro do peso considerado ideal. A utilização da palavra “padrão” para conceptualizar feministas magras parece, assim, trazer um tom positivo a essa classificação. Infere-se, pois, que a feminista padrão é aquela que se mantém vigilante quanto ao seu peso e, conseqüentemente, mais “bela” que a feminista não padrão.

Em relação a esse aspecto e considerando que dentro da categoria das feministas temos uma diversidade de abordagens e posicionamentos, depreendemos a metonímia multimodal FEMINISTA PADRÃO POR FEMINISTA NÃO PADRÃO/ PARTE PELO TODO, sendo o veículo FEMINISTA PADRÃO acionado concomitantemente pelo trecho “Feminista padrão: ela só era magra porque no comunismo ninguém é gordo” e pelo rosto (imagem) de Simone de Beauvoir, e o alvo FEMINISTA NÃO PADRÃO acionado pelo item lexical “Feministeen”, que, como já discutido anteriormente, remete à construção de significado estereotipada de feminista.

Ao final do meme, temos ainda a frase “Grátis: essência de narguilé sabor eugenia”, com referência a esta última, desenvolvida por Francis Galton (1822-1911). Segundo seus princípios, “a família e a sociedade podiam ser cultivadas como um jardim, do qual ‘ervas daninhas’ deviam ser eliminadas em benefício de ‘plantas úteis’” (TORRES, 2008, p. 1). Acreditava-se, à época, que aqueles que nasciam com alguma característica diferente eram defeituosos e não serviam para a vida em sociedade. Nesse grupo estavam incluídos os negros, judeus, imigrantes e deficientes físicos e intelectuais. Há, também, uma ligação do surgimento da eugenia ao nazismo: “Em geral associadas à ascensão de Hitler ao poder, as práticas eugênicas já tinham sido amplamente difundidas por vários países no início da década de 1930. Entretanto, o nazismo levou ao extremo o argumento da pureza e perfeição raciais” (TORRES, 2008, p. 8). De posse desse contexto, acreditamos que o termo foi mencionado

devido à tentativa de associação da escritora com a ideologia nazista; esta última que, como visto, esteve vinculada ao movimento eugênico.

Embora partilhe de algumas metonímias presentes nos memes anteriores (APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO, ROSTO POR SER HUMANO e MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS) e do acionamento do domínio do CORPO, como já visto antes, o meme 3 (Figura 11) apresentou informações novas em relação às feministas, construídas pelo acionamento do domínio conceptual IDEOLOGIA e do domínio MOVIMENTO SOCIAL, este último acessado para conceptualizar diretamente a feminista neste texto – o que não ocorreu no meme anterior, quando vimos a conceptualização do próprio feminismo em foco, sem estar relacionada ao nosso objeto. No estudo deste texto, por sua vez, não apareceram metáforas, e houve a ocorrência de novas metonímias com o acionamento dos domínios referidos, tais como: SIMONE DE BEAUVIOR POR COMUNISTAS/FEMINISTA POR COMUNISTAS, ESQUERDISTAS POR FEMINISTAS/SIMONE DE BEAUVIOR POR FEMINISTAS, FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIMENTO PELA CATEGORIA e FEMINISTA PADRÃO POR FEMINISTA NÃO PADRÃO/ PARTE PELO TODO. Isto posto, em seguida, estudaremos o Meme 4:

Figura 12 – Meme 4



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 4 (Figura 12) surge com um elemento diferente dos demais. O “título” do meme é alterado de “Feministeen” para “Elefanteen”, juntamente com a sua cor, que muda de roxo para verde. Pelo contexto, percebemos que, apesar dessa mudança, o texto multimodal tem como foco a conceptualização da feminista, o que se comprova pelo item lexical “feminismo”, localizado na faixa preta central do meme, que aciona, metonimicamente, as feministas. Portanto, há o acionamento do domínio conceptual MOVIMENTO SOCIAL e da metonímia multimodal FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIMENTO PELA CATEGORIA, com o veículo FEMINISMO sendo acessado por meio do referido item lexical, e o alvo FEMINISTA por meio da imagem. Por fim, aciona-se, também, no texto “Regime e exercícios: um caminho mais árduo, porém muito mais satisfatório que o feminismo”, a metáfora monomodal FEMINISMO É CAMINHO.

O meme é composto pela imagem de uma jovem acima do peso dito padrão cuja roupa é um vestido com predominância da cor verde. O título, também em verde, é “Elefanteen”, e logo em seguida há a frase “A revista de quem desistiu da dieta”. Nota-se como o(a) conceptualizador(a) do meme é fortemente influenciado pelas revistas *teens*, que continham frases parecidas direcionadas às garotas jovens, principalmente em relação à dieta e aos exercícios físicos. Neste caso, o foco é a feminista, conceptualizada por meio da metonímia multimodal FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS, tendo em vista a composição com a imagem de uma jovem — o mesmo observado no meme 1, embora não tenha ocorrido nos memes 2 e 3.

Este texto verbo-imagético revela-nos um padrão conceptual construído para conceptualizar a feminista, porque novamente o domínio do CORPO é acionado na conceptualização metonímica FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS. Inclusive, essa conceptualização é reforçada por alguns elementos verbais, como o trecho “Essência de narguilé sabor Mc Donalds”, no qual se aciona o domínio ALIMENTO, que permite a inferência de que a feminista é uma jovem com sobrepeso que se alimenta de *fast food*; ademais, a partir destas, outras conceptualizações são geradas. Tendo em vista esse contexto, que faz referência à necessidade de a feminista buscar regimes e exercícios, por ser uma mulher acima do peso dito padrão para uma parcela considerável da sociedade, podemos inferir que a cor verde foi utilizada de maneira intencional, uma vez que uma parte dos alimentos saudáveis, como folhas e vegetais, apresentam-na em sua aparência. Essa reflexão possibilitou a identificação da metonímia multimodal COR VERDE POR ALIMENTOS SAUDÁVEIS, sendo o veículo COR VERDE acessado predominantemente pela imagem do meme e o alvo ALIMENTOS SAUDÁVEIS acessado através da palavra

“dieta”, que o aciona metonimicamente — além disso, a própria interação multissemiótica foge à separação da identificação da metonímia em modos distintos, pois embasa, de forma mista, a construção de significado.

Vale ressaltar ainda que o neologismo “Elefanteen”, tendo em vista as informações discutidas, revela-nos um mapeamento de elementos do domínio ELEFANTE, um animal pesado, para a feminista, um ser humano que, segundo o meme, está acima do peso. Portanto, nesse processo de projeção de elementos de um domínio-fonte, o ELEFANTE, para um domínio-alvo, a FEMINISTA, recorre-se à metáfora conceptual SER HUMANO É ANIMAL/MULHER É ANIMAL/FEMINISTA É ANIMAL/ELEFANTE; esta última alicerçada metonimicamente pelo acionamento do peso das feministas.

No tocante a essa conceptualização, Cavalcanti e Pelosi (2016) pontuam, baseadas em Kövecses (2010), que as metáforas de animais são o terceiro domínio-fonte mais recorrente utilizado em nosso sistema conceptual. As autoras discorrem ainda acerca do papel social das metáforas de animais, evidenciando que “muitas dessas metáforas formulam e motivam conceitos a respeito da condição feminina, a exemplo da conceptualização de mulher como gata, pomba, franga ou cadela nas línguas inglesa e espanhola” (CAVALCANTI; PELOSI, 2016, p. 278). Por conseguinte, as metáforas de animais utilizadas para conceptualizar as mulheres revelam as disparidades da desigualdade de gênero, porque quase sempre conceptualizam a mulher de forma negativa, comparando-a a um animal doméstico, domesticado ou selvagem (LÓPEZ RODRÍGUEZ, 2009). No caso em questão, temos a mulher feminista compreendida em termos de um animal selvagem de grande porte, o elefante. Como apontado por Cavalcanti e Pelosi (2016, p. 280), a partir dos estudos de López Rodríguez (2009), sobre a análise de “metáforas relacionadas à vaca, à égua e à mula, cujo potencial sexual não seria autorizado”, haveria a seleção de “aspectos negativos femininos como gordura, feiura e estupidez”.

Os textos apresentados com os títulos “Transporte coletivo: como reagir quando as pessoas te dão lugar para sentar achando que você está grávida”, “Padrão de beleza: você quer ser aceita estando gordinha, mas não aceita o cara se ele for feio” e “Dores no joelho: saiba que isso não tem nada a ver com padrões de beleza”, ao interagirem com os demais elementos imagéticos, confirmam a ênfase da metonímia FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS no meme 4, porque trazem como foco o seu peso.

Em síntese, foram encontradas neste texto as seguintes metonímias conceptuais no processo de construção de significado da feminista: FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIMENTO PELA CATEGORIA (já vista no meme 03 anterior),

FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS (vista no meme 01) e FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS (vista em todos os textos anteriores). Relacionada ao processo de compreensão mais geral do objeto e estudo, foi depreendida a metonímia COR VERDE POR ALIMENTOS SAUDÁVEIS. Quanto às metáforas, foi encontrada a metáfora conceptual FEMINISTA É ELEFANTE/SER HUMANO É ANIMAL, diretamente relacionada ao nosso objeto de estudo, e a metáfora FEMINISMO É CAMINHO, que não apresenta como foco a conceptualização da feminista, mas se vincula a ela no meme.

Em sequência, passaremos à discussão do meme 5:

Figura 13 – Meme 5



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 5 (Figura 13) cujo título é “FeminisTeen. A revista de quem tem o grelo duro” apresenta, no plano imagético, a foto de uma jovem de cabelos azuis com os pelos das axilas também pintados de azul. Pode-se observar uma harmonia entre as cores do arco-íris do título e os tons de azul utilizados pela garota, que também está usando um vestido dessa cor.

Neste texto multissemiótico, além da repetição de conceptualizações, observa-se a metonímia multimodal FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS, alicerçada na imagem da jovem e no item lexical “FeminisTeen”. Há, ainda, o acionamento do domínio CORPO HUMANO, através da metonímia monomodal ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL POR SER HUMANO/CLÍTORIS POR FEMINISTA/PARTE PELO TODO, em que o veículo

ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL/CLÍTORIS é acionado pelo texto “A revista de quem tem o grelo duro” e o alvo FEMINISTA pela criação lexical mencionada anteriormente.

No centro do meme, tem-se o seguinte texto: “Supere esse pé na bunda, raspa essa subaca, instala o Tinder”. A partir disso, considerando o contexto sociocultural, podemos inferir que a feminista está sendo conceptualizada como uma jovem que terminou um relacionamento e está ressentida, devido à frase popular “superar um pé na bunda” e à menção ao aplicativo de relacionamentos Tinder⁴⁸. Ainda nesse trecho, a frase “raspa essa subaca”, ao interagir com a imagem, permite-nos o acionamento do domínio conceptual do CORPO e, por conseguinte, da metonímia multimodal APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTAS (veículo APARÊNCIA FÍSICA/PELOS sendo acessado por meio da imagem e o alvo FEMINISTAS por meio do item lexical Feministeen), pois, na conceptualização do(a) autor(a) do meme, as feministas são mulheres que não se depilam. Dessa forma, a menção ao aspecto físico da feminista aparece novamente, mas não referente ao peso, e sim no tocante à depilação do corpo (como visto no meme 3) presente no trecho supracitado e ratificada pela imagem da jovem com pelos nas axilas. Essas construções de significado integram um dos estereótipos do MCI prototípico de feminista cuja compreensão é a de que as mulheres dessa categoria possuem uma aparência física descuidada, são frustradas, mal resolvidas e tiveram relacionamentos malsucedidos com os homens.

Ainda no tocante ao domínio do CORPO, um novo elemento surge também no processo de conceptualização: a cor dos cabelos da jovem, que se apresenta em degradê azul, característica que foi utilizada em toda a construção imagética do meme 5. Observamos as cores do arco-íris, em interação com o texto à direita do meme, cujo título também aparece com mistura de cores rosa e azul: “Cabelos coloridos: você se acha a Arlequina, mas parece o Bozo no auge da cocaína”. Logo, é possível depreender, por meio dessa interação textual-imagética, a metonímia CABELOS COLORIDOS POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO/PARTE DO CORPO HUMANO POR SER HUMANO.

No que diz respeito ao trecho supracitado, faz-se pertinente, ainda, um aprofundamento, a fim de entender a história dos personagens mencionados (Bozo e Arlequina), com o objetivo de compreender a ligação desses ao processo de conceptualização da feminista. Tendo isso em vista, ressaltamos que o trecho supracitado faz referência a uma personagem fictícia da DC Comics criada como inimiga do super-herói Batman. “Nascida com o nome Harleen Quinzel, a Arlequina foi criada no meio de uma família completamente

⁴⁸ “O Tinder é uma plataforma online de relacionamentos em que você pode conhecer pessoas novas, expandir a sua rede social ou conhecer pessoas locais em mais de 190 países.” (ENTÃO ..., [201-]).

instável. A sua mãe era extremamente severa, o seu pai era um criminoso, e o seu irmão mais novo se preparava para seguir os passos do seu pai” (QUINTAS, 2020). A Arlequina torna-se namorada do personagem Coringa, um palhaço homicida com características de psicopata com quem tem um relacionamento abusivo e obsessivo. Ela é considerada uma personagem “desequilibrada, instável e nada confiável” (QUINTAS, 2020).

A personagem ganhou popularidade e foi utilizada para se referir à feminista no meme, ainda que de forma “positiva”, se comparada ao personagem Bozo. Dessa forma, podemos depreender que há uma projeção de parte do conceito de ARLEQUINA, domínio-fonte, para a FEMINISTA, domínio-alvo da conceptualização, propiciada pela metáfora SER HUMANO É PERSONAGEM/FEMINISTA É ARLEQUINA. Inclusive, possivelmente, as cores rosa e azul foram utilizadas no texto e na imagem de forma intencional, com o objetivo de acionar as cores do cabelo da mencionada personagem.

Ainda em relação à sua história, encontramos que a Arlequina “já se apaixonou por outros personagens como o Batman, a Mulher-Maravilha e a Poderosa, mas nunca foi correspondida” (QUINTAS, 2020), o que reforça o estereótipo de feminista apresentado como uma jovem frustrada, ressentida e com relacionamentos malsucedidos, visto anteriormente no meme 4. Ademais, reforça-se, nessa conceptualização, a questão da masculinização da mulher feminista, assim como a questão dos pelos nas axilas. Construções de significado como essas não são realizadas de forma aleatória, mas revelam projeções de sentido, escolhas de significado e posicionamentos a respeito das feministas, colaborando para a construção de um MCI no qual são atribuídas sempre características ruins a elas, como o estudo dos memes tem demonstrado.

No que se refere a essa seleção de determinados aspectos, é interessante observar a perspectivação, tendo em vista que, conforme apresentado no discurso do meme, as feministas se enxergariam como Arlequinas⁴⁹, enquanto o(a) autor(a) do meme as compreende como “Bozo no auge da cocaína”. Essa mudança de perspectiva demonstra como “as possibilidades alternativas de enquadres proporcionam as formas de variação do significado” (ALMEIDA, 2020d, p. 373). Neste contexto, ser a personagem Arlequina parece se configurar como algo

⁴⁹ Algumas associações têm sido feitas entre as feministas e a personagem Arlequina atualmente. Isso pode ser observado sobretudo com o lançamento do filme *Aves de Rapina: Arlequina e sua Emancipação Fantabulosa*, o qual foi considerado, pelo ator Ewan McGregor, como um “filme feminista”. (UOL, 2019). Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/aves-de-rapina-ewan-mcgregor-garante-que-o-filme-sera-feminista/>. Outras reportagens trazem essa relação da personagem Arlequina com as feministas, tais como: <https://personauensp.com.br/aves-de-rapina-critica/>; e <https://www.purebreak.com.br/noticias/arlequina-5-vezes-em-que-a-vila-foi-feminista-e-voce-nao-reparou/92899>. Acesso em: 14 de maio de 2023.

mais positivo do que ser o personagem Bozo, fato que evidencia nuances do processo de construção do significado.

O(a) criador(a) do meme ainda aciona a metáfora SER HUMANO É PERSONAGEM/FEMINISTA É BOZO referindo-se a mais um personagem que ficou conhecido mundialmente. O palhaço surgiu fora da TV, em 1946, criado pela gravadora americana Capitol, que lançou o disco *Bozo at the Circus* (BORTOLOTI, 2017). Posteriormente, Larry Harmon “comprou os direitos autorais do personagem e começou a vendê-lo como uma franquia para emissoras locais de TV – vários atores interpretavam o palhaço em cidades diferentes” (BORTOLOTI, 2017). No Brasil, o Bozo apareceu pela primeira vez no programa de TV de Sílvio Santos e foi interpretado por diversos atores.

Faz-se necessário comentar ainda os blocos de textos que aparecem no meme. Em “Dona de casa. Você acha que o lugar da mulher não é na cozinha, exceto a sua empregada que faz o seu toddy” podemos inferir que a feminista é infantilizada, conceptualizada como uma menina que ainda não atingiu a maturidade, pela menção à bebida Toddy⁵⁰, e de classe média-alta, devido à menção à trabalhadora do lar.

Em “Assédio sexual. Se o cara for o bonito, é apenas um elogio” infere-se uma descredibilização de uma pauta tão cara e importante à vida das mulheres: o assédio sexual, amplamente discutido pela agenda feminista. Pode-se depreender que a feminista é também conceptualizada como uma blogueira por meio da metonímia monomodal FEMINISTAS BLOGUEIRAS POR FEMINISTAS decorrente do texto verbal: “Blogueiras. Como uma pessoa que não sai do quarto pode te ajudar a viver?”. Essa conceptualização marca uma crítica a algumas mulheres que trabalham na internet (*influencers*), as quais são estereotipadas pela sociedade, comumente, como “fúteis”⁵¹. Por fim, mas não menos importante, tem-se o último texto “Essência de narguilé sabor nome do pai no RG”, no qual podemos interpretar a ausência paterna na vida da jovem feminista, que, segundo o contexto, é o fator causador da sua instabilidade e rebeldia. Há, então, novamente, o acionamento do domínio da experiência PATERNIDADE evocando a metáfora AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA cuja função é a de marcar a necessidade do lugar do pai na vida da mulher.

⁵⁰ Segundo busca no site Wikipédia (2022), “*Toddy* é uma linha de achocolatados em pó fabricada pela PepsiCo, principalmente comercializada e vendida na Argentina, no Brasil, na Venezuela e, com menor quota de mercado, nos Estados Unidos. Na Venezuela e em algumas regiões do Brasil, o termo *Toddy* se refere a qualquer tipo de bebida feita de chocolate em pó (independentemente de sua marca) devido a sua grande popularização.”

⁵¹ Mais informações nas reportagens: <https://medium.com/neworder/o-que-aprendi-observando-o-show-da-vida-publica-das-blogueiras-mais-famosas-da-internet-6a2a36ee06a> e https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/14/internacional/1560521995_585998.html. Acesso em: 14 de abril de 2023.

Em suma, observou-se nesse meme a recorrência das seguintes metonímias: FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO (já vista nos memes 01 e 04), ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL POR SER HUMANO/CLÍTORIS POR FEMINISTA (meme 02), APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTA (memes 01, 02, 03 e 04). No entanto, novas metonímias foram acionadas: FEMINISTAS BLOGUEIRAS POR FEMINISTAS, PARTE DO CORPO HUMANO POR SER HUMANO/CABELOS COLORIDOS POR FEMINISTA. Surgiram, também, novas metáforas ligadas diretamente à conceptualização da feminista: SER HUMANO É PERSONAGEM/FEMINISTA É ARLEQUINA e SER HUMANO É PERSONAGEM/FEMINISTA É BOZO. No mais, interligada ao processo, mas não atinente à conceptualização em foco da feminista, reapareceu a metáfora monomodal AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA (meme 02).

Como visto, esse meme trouxe significações que se repetiram em relação à feminista, referentes à sua condição social, física e familiar. Contudo, o(a) criador(a) do meme também apresentou, de forma irônica, significados novos, tal como visto no tocante à conceptualização da feminista como personagem (Arlequina/Bozo), adolescente infantilizada, possuidora de bom poder aquisitivo, injusta quanto às reclamações referentes ao assédio masculino e caracterizada como blogueira. Em continuidade, faremos a discussão do Meme 6:

Figura 14 – Meme 6



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 6 (Figura 14) apresenta o título “FeminisTeen” unido ao texto “A revista de quem não abraça o pai desde 2009”. Como já discutido, observamos uma compreensão da ausência paterna como carência afetiva.

No centro do texto multimodal, em destaque, vê-se a frase: “Indignação seletiva. Se a vítima não for feminista, ‘pau na bunda dela’”. O pano de fundo do meme é composto pela imagem de uma mulher, provavelmente, muçulmana, usando um hijab⁵², lenço que cobre os cabelos e o pescoço. Ao que indica, ao redor da mulher, há um cenário semelhante a um sepultamento, no qual ela parece estar sendo punida, apedrejada e enterrada viva. A partir desses elementos verbo-imagéticos, identificamos a presença do domínio conceptual da VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, bem como do domínio conceptual COMPORTAMENTO SEXUAL, esse último devido à menção à expressão polissêmica “pau na bunda dela”, que gera diferentes possibilidades de compreensão.

Nesse contexto, interpreta-se que o meme apresenta uma crítica às próprias feministas no tocante à defesa de suas pautas. Por meio das pistas linguísticas utilizadas no texto,

⁵² “O nome *hijab* se refere ao tipo de cobertura usada por muitas mulheres muçulmanas. Na maioria das vezes, é um lenço ou xale. Geralmente cobre o cabelo, o pescoço e os ombros da mulher. [...] Os críticos da tradição muçulmana do véu argumentam que as mulheres não usam o véu por escolha própria e muitas vezes são forçadas a cobrir a cabeça e o corpo. Em contraste, muitas filhas de imigrantes muçulmanos no Ocidente argumentam que o véu simboliza devoção e piedade e que o véu é sua própria escolha. Para eles, é uma questão de identidade religiosa e autoexpressão.” (POR QUE..., 2021).

podemos inferir que o(a) conceptualizador(a) autor(a) do meme entende que as feministas não dedicam atenção a questões de outras mulheres, a exemplo das muçulmanas, que não fazem parte do Movimento Feminista e que usam o *hijab* como símbolo da cultura islâmica. A interpretação dessa compreensão pode ser vista no trecho “Indignação seletiva. Se a vítima *não* for feminista, ‘pau na bunda dela’”, no qual o(a) criador(a) do meme afirma que as feministas teriam, assim, uma possível “indignação seletiva”, isto é, lutariam somente por mulheres de seu grupo, excluindo outras.

A imagem do meme revela a prática do apedrejamento, permitida em alguns “grupos fundamentalistas ou em governos ditatoriais em práticas clandestinas” (NOGUEIRA, 2020) islâmicas no caso de adultério – no entanto, faz-se mister pontuar que essa mesma prática é repudiada dentro do próprio Islamismo, permanecendo somente entre os grupos radicais. Assim, infere-se que não haveria uma preocupação por parte das feministas com as agressões sofridas pelas mulheres muçulmanas, por estas seguirem os preceitos da religião islâmica, como a cobertura do cabelo, ombros e pescoço com o *hijab*. O uso desse acessório é visto como negativo por algumas feministas ocidentais, em razão de acreditarem que ele contribui para a opressão das mulheres, embora existam diferentes visões sobre o artefato, inclusive pelas próprias mulheres muçulmanas. Enquanto algumas o utilizam como forma de devoção a Deus e manifestação da sua cultura, outras optam por não o utilizar (OTTO, 2021). Nesse contexto, podemos inferir que, neste meme, a mulher da imagem é uma muçulmana não é feminista.

Ademais, temos a recorrência da metonímia monomodal ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL POR SER HUMANO/CLÍTORIS POR FEMINISTA, com o veículo ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL/CLÍTORIS acionado por meio da expressão verbal “grelo duro” e o alvo FEMINISTA pelo termo “Feministeen”. Cabe discutir ainda sobre o texto seguinte: “Tem que ser muito vadia pra defender a ofensa do Lula”, no qual encontramos novamente o acionamento do domínio conceptual COMPORTAMENTO SOCIAL e a formação da metonímia monomodal FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS. O(a) conceptualizador(a) se refere à fala de Lula na época em que era ex-presidente, já discutida anteriormente em outro meme. Assim, o(a) autor(a) do meme, por meio desse texto, corrobora com a visão estereotipada de que feministas são mulheres “vadias”, que, na linguagem popular, é o termo para utilizado para se referir a pessoas irresponsáveis, desocupadas.

O texto “Lola escreva: a única luta dela é contra a balança” merece uma atenção especial, porque apresenta uma referência a Lola Aronovich, considerada, pelo portal UOL, “a feminista mais ameaçada do Brasil” (LEMONS, 2021). Lola Aronovich é uma docente

universitária e ativista feminista que ficou conhecida pelo seu blog *Escreva Lola Escreva*, o qual se tornou uma referência do Movimento Feminista no Brasil. Lola foi alvo (e ainda é) de ataques digitais baseados em discursos de ódio. A seguir, expomos um depoimento da ativista que revela como sofreu ataques no universo digital:

Cheguei a ter contato indireto com os misóginos masculinistas (abreviei e passei a chamá-los de ‘mascus’) quando eles criaram comunidades no Orkut para comemorar a morte da Eloá e fazer do assassino um herói, em 2008, mas não sabia muito sobre eles até o final de 2010. Só que eles já sabiam de mim e escreviam coisas a meu respeito (ARONOVICH, 2019).

A ativista atuou investigando e denunciando os criminosos que estavam por trás de páginas que pregavam a misoginia, o discurso de ódio e a morte das mulheres. O seu ativismo culminou na prisão e condenação, em 2012, dos criadores e autores do blog que à época propagavam as mensagens: Marcelo Valle Silveira Mello e Emerson Eduardo Rodrigues. No entanto, um deles ficou em liberdade até 2018, continuando as ameaças de morte a Lola e propagando o discurso de ódio contra mulheres na internet (ARONOVICH, 2019).

Os ataques a Lola Aronovich culminaram na aprovação da *Lei Lola* (Lei nº 13.642/2018), em 3 de abril de 2018, que atribui à Polícia Federal a investigação de “quaisquer crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres” (BRASIL, 2018).

A menção à Lola Aronovich no meme 6 revela-nos um contexto histórico-político importante para a compreensão das construções de significado das feministas, bem como nos oferece pistas sobre o(a) possível conceptualizador(a) do meme e os movimentos a que ele se afilia. Desse modo, a história de Lola é de fundamental importância para compreender por qual motivo ela foi inserida neste meme: por ser um modelo representativo da categoria das feministas, tal como Frida e Simone de Beauvoir. Novamente, então, há a recorrência da metonímia MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS, mais especificamente, LOLA ARONOVICH POR FEMINISTAS. Não obstante, aqui, essa metonímia se configura como monomodal, sendo o veículo MODELO FEMINISTA/LOLA acionado metonimicamente pelo item lexical que nomeia o seu blog, “Lola Escreva”, e o alvo FEMINISTAS acionado pelo item lexical “Feministeen” — já que a imagem por si só não garante o acionamento do alvo FEMINISTA.

Ao direcionarmos o olhar para o trecho “a única luta dela é contra a balança”, referindo-se a Lola, observamos o acionamento do domínio CORPO e, mais uma vez, da metonímia monomodal APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/FEMINISTA COM

PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS, a qual tem seu veículo acionado pelo vocábulo “Lola Aronovich”, que nos permite acessar o alvo FEMINISTAS pelo termo “Feministeen”.

Além disso, foi inferida a metáfora monomodal FEMINISTA É SOLDADO, com o domínio-fonte FEMINISTA acessado pela palavra “Feministeen” e o domínio-alvo SOLDADO acessado pelas palavras “luta” e “contra” no referido enunciado. Arelada a essa metonímia, há também a metáfora monomodal EMAGRECER É GUERRA, acionada pelo vocabulário bélico na frase “luta contra a balança”, a qual, embora não apresente uma construção de significado diretamente vinculada à feminista, é peça-chave no processo de sua conceptualização, considerando que o meme é um texto em que múltiplas semioses interagem para a construção de sentido. Por fim, inferimos que o enunciado verbal “Essência de narguilé sabor gillete” marca a cobrança à feminista da prática da depilação, ideia já vista anteriormente em outro meme.

No tocante ao texto “Socialista Morena: a prova de que o PT adora uma fracassada”, há a menção a um outro blog (e a outras redes sociais) que apoia o Feminismo, o *site Socialista Morena - Arte e Política*, sob o comando da jornalista Cynara Moreira Menezes desde 2012. Deste modo, o título do blog aciona, metonimicamente, o modelo representativo de feminista CYNARA MOREIRA, revelando-nos o padrão metonímico já identificado antes: MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS, neste caso, CYNARA MOREIRA POR FEMINISTAS, mecanismo acionado somente pelo texto, tratando-se, portanto, de uma metonímia monomodal. Em sequência, depreendemos a metonímia monomodal FEMINISTAS SOCIALISTAS POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO, a qual revela a compreensão de que toda a categoria de feministas é compreendida com base em uma parte correspondente às mulheres do movimento que possuem esse determinado posicionamento político-ideológico.

A menção a blogs e a *sites* feministas no meme permite-nos inferir que o(a) conceptualizador(a) e idealizador(a) da página *Editora Humanas* é um(a) conhecedor(a) do Movimento Feminista e de seus membros representativos, como Lola Aronovich e Cynara Moreira. Desperta-nos atenção a referência a duas mulheres que criaram *sites* feministas há onze anos, em 2012, o que pode nos indicar que o(a) criador(a) da página acompanha as discussões do Movimento há bastante tempo, tendo em vista que, com o surgimento das redes sociais, outras ativistas adquiriram destaque, mas não foram postas em foco.

Em síntese, neste texto, repetiram-se as seguintes metonímias conceptuais relacionadas à conceptualização da feminista: ÓRGÃO SEXUAL-GENITAL POR SER

HUMANO/CLÍTORIS POR FEMINISTA (memes 02 e 05), FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS (meme 01), MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS (memes 02 e 03), APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS (memes 01, 02, 03 e 04) e FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS (memes 01, 02, 04 e 05). Quanto às metonímias novas, encontrou-se FEMINISTA SOCIALISTA POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO. Relacionada ao processo interpretativo, foi depreendida a metonímia EMAGRECER É GUERRA. Quanto às metáforas, foi encontrada a metáfora conceptual FEMINISTA É SOLDADO, diretamente relacionada ao nosso alvo.

Por fim, concentrando-nos no estudo do trecho “Empoderamento. Lugar de mulher não é na cozinha, exceto da sua mãe que ainda faz o seu Toddy”, depreende-se a ironia do(a) criador(a) do meme no tocante ao conceito de “empoderamento” proposto pelas feministas, pois, para o(a) autor(a), as integrantes do movimento propõem a prática empoderada, mas não a empregam com suas próprias mães, uma vez que ainda dependem delas para, por exemplo, fazer “o seu Toddy”. Nesse sentido, em conformidade ao discutido anteriormente no estudo de outros textos multimodais, o meme apresenta uma conceptualização de feminista como uma jovem imatura, característica ratificada por esse trecho (feministas são mulheres que não empoderam suas próprias mães, pois as exploram e dependem delas) e pelo item lexical “Feministeen”, os quais acionam a metonímia monomodal FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO. Entretanto, deve-se salientar que esse acionamento ocorre somente no plano verbal, visto que, no plano imagético, não há o rosto de uma feminista, e sim de uma mulher muçulmana que cometeu adultério. Desse modo, há conceptualizações controversas nos planos verbal e imagético e uma mistura de discursos no referido meme. Nas expressões linguísticas verbais, têm-se discursos que questionam de forma irônica as pautas feministas, inclusive indicando que o conceptualizador pode ser uma mulher não feminista; já no plano imagético, observa-se a imagem de uma mulher não feminista. Além disso, há o surgimento da figura da mãe, que, por interpretação do trecho “exceto a sua mãe que ainda faz o seu Toddy”, é categorizada conforme o MCI de “Mãe dona de casa”, isto é, aquela que se restringe ao cuidado dos filhos e do lar (LAKOFF, 1987). Portanto, como também visto aqui, a conceptualização da feminista como sendo uma jovem mimada aparecerá no meme 7 exposto adiante cujo título é “A revista de quem não ajuda a mãe a lavar louça”, mais uma frase que confirma a hipótese levantada por este estudo:

Figura 15 – Meme 7



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 07 (Figura 15) possui como título “FeminisTeen: A revista de quem não ajuda a mãe a lavar a louça”. Apesar de a imagem não apresentar uma jovem adolescente, como visto nos memes 01 e 02, por exemplo, permanece o acionamento da metonímia, aqui monomodal, FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS, por meio do item lexical “FeminisTeen” e do contexto da frase, que se refere às feministas como jovens irresponsáveis que não colaboram nas tarefas domésticas.

Nesse texto, observa-se, em cor amarela, o que seriam possíveis “manchetes” do meme: “Direitos iguais”, “A mulher é maltratada” e “Mulher ganha menos que o homem” são enunciados que remetem às reivindicações das feministas. No entanto, os textos em cor branca que acompanham os títulos escritos em amarelo demonstram uma mudança de discurso, revelando o posicionamento do(a) criador(a) do meme, cujo ponto de vista é o de que as mulheres têm, sim, direitos iguais aos dos homens no Brasil, são as culpadas por serem maltratadas e recebem salários dignos, iguais aos dos homens — e até maiores, uma vez que ele cita o caso de Xuxa, uma exceção como se fosse uma regra. Posto isso, observa-se, mais uma vez, uma crítica às pautas defendidas pelo Movimento Feminista (Direitos iguais, salários iguais, entre outros) em uma tentativa de menosprezá-lo.

Em fonte maior, no centro do meme, tem-se o texto “Movimento Feminista. Mulheres mutiladas no Oriente Médio, meninas prostituídas pelos pais no Nordeste, mas o problema é a

moça de biquíni no comercial de cerveja”. Aqui é importante chamar atenção para o diálogo entre os memes. Além de apresentarem padrões conceptuais que se repetem, observamos como alguns textos recuperam pontos de vista e contextos utilizados em outros. Isso pode ser observado pela referência às mulheres mutiladas no Oriente Médio, no tocante à conceptualização de que as feministas são imorais, isto é, não dedicam atenção a pautas de outras mulheres que não fazem parte do Movimento, questão apresentada no meme 6 (Figura 14), inclusive, com a imagem de uma jovem muçulmana não feminista. Desse modo, o domínio conceptual da MORALIDADE é acionado, bem como a metonímia monomodal FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS. Vale ressaltar que a imoralidade é conceptualizada como sujeira, e também a feminista é vista como “suja”, provavelmente, porque esses dois conceitos se inter-relacionam, o que pode ser visto ainda no trecho “ ‘A mulher é maltratada’: isso não é culpa da Constituição, é culpa sua que só se relaciona com vagabundo”, no qual a feminista é responsabilizada por maus-tratos que possa vir a ter, bem como é vista como uma mulher que se relaciona com homens também imorais — chamados, na linguagem popular, de “vagabundos”. Com isto, mais uma vez, o domínio da MORALIDADE foi acionado.

No plano imagético, vê-se uma mulher trabalhadora, vestida com macacão industrial, cujos braços estão posicionados em um gesto que remete ao símbolo de força. A imagem, intitulada de “Rose, a operária”, foi utilizada nas fábricas americanas durante a Segunda Guerra Mundial, tornando-se símbolo do Movimento Feminista. Segundo o Portal G1, ela foi utilizada “para combater o absenteísmo e desencorajar convocações para greve. Posteriormente, nos anos 1980, foi reintroduzida dos arquivos americanos e logo se tornou emblemática pelo papel que as mulheres tiveram nas fábricas ao substituírem os homens durante a guerra” (FRANCE PRESSE, 2018)⁵³. A partir disso, a imagem foi copiada e introduzida em diversos contextos para simbolizar as feministas. Portanto, compreendemos que o pôster “Rose, a operária”, criado na década de 1940, aciona as feministas, formando a metonímia multimodal SÍMBOLO FEMINISTA POR FEMINISTAS.

Por fim, a frase “Essência de narguilé sabor prestobarba” remete ao aparelho feminino para depilação e, a partir do contexto, aciona a metonímia APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTA, remetendo à necessidade de que as feministas precisam de depilação, como já discutido em textos anteriores.

Identificamos neste texto multimodal os seguintes padrões conceptuais metonímicos já discutidos: FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS (memes 01 e 06)

⁵³ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/morre-aos-96-anos-a-heroina-de-cartaz-simbolo-do-feminismo.ghtml> Acesso em: 03 de novembro de 2022.

FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO (memes 01, 04, 05 e 06), APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO (memes 01, 02, 03, 04, 05 e 06), FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIMENTO PELA CATEGORIA (memes 03 e 04). No tocante às conceptualizações novas, identificamos somente a metonímia SÍMBOLO FEMINISTA POR FEMINISTAS. A seguir, enfocamos o Meme 8, dando continuidade ao estudo do corpus:

Figura 16 – Meme 8



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 8 (Figura 16) exibe a imagem de uma jovem cujo olhar parece estar direcionado para uma janela. Ainda no plano imagético, observando atentamente as cores escolhidas para sua composição, preto e branco, bem como as pistas multissemióticas, levantamos a hipótese de que a garota se encontra em um estado reflexivo. A partir do título “FeminisTeen”, aciona-se, mais uma vez, a metonímia FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO, que se confirma, neste texto, através do referido neologismo “feminisTeen” e da imagem.

Próximo ao já citado título, segue-se o texto “A revista de quem se *escora* no feminismo”, por meio do qual acionamos o domínio MOVIMENTO SOCIAL e depreendemos a metáfora monomodal FEMINISMO É ESTEIO, isso porque, considerando-se a natureza semântica, o verbo “escorar” diz respeito a “encostar-se, apoiar-se para não cair”, segundo o Dicionário Caldas Aulete (ESCORAR, [202-?]). Entende-se, dessa maneira,

que as feministas buscam uma sustentação ou uma proteção no feminismo e, se o Movimento é o arrimo que as apoia, infere-se que elas podem ser conceptualizadas como o pilar que o compõe.

Em destaque, no centro do texto multimodal, há a frase: “O cara te comeu e sumiu? Você anda com vagabundo, prega a libertinagem e quer ser levada a sério? Constituir família?”. Mais uma vez, o(a) autor(a) do meme recorre à conceptualização da feminista como IMORAL; logo, o domínio COMPORTAMENTO SOCIAL é acionado e, por consequência, a metonímia monomodal FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS. Notamos, desse modo, a recidiva do estereótipo de feminista imoral, o qual já foi visto anteriormente nos memes 01, 02, 03, 05, 06 e 07, através do mapeamento de características como “vadia”, “vagabunda”, “que prega a libertinagem”, empregadas pelo(a) criador(a) dos textos para conceptualizar as representantes desse movimento.

Ao direcionarmos o foco à frase “O cara te comeu e sumiu?”, identificamos a metáfora monomodal SER HUMANO É ALIMENTO/FEMINISTA É ALIMENTO, em que o domínio-alvo FEMINISTA é acessado metonimicamente por meio do item lexical “Feministeen”, e o domínio-fonte ALIMENTO é acessado através do verbo “comeu”, que foi empregado em sentido metafórico para se referir ao homem que tem relações sexuais com a mulher e não volta a procurá-la; nessa perspectiva machista, como está evidente, a mulher é compreendida como um alimento. Em outro olhar, ao refletirmos sobre as ações encadeadas na frase, isto é, “andar com vagabundo e pregar a libertinagem”, compreendemo-las como CAUSAS que levam à CONSEQUÊNCIA de não ser “levada a sério e constituir família”. Essa relação configura-se, pois, como uma metonímia monomodal CAUSA-CONSEQUÊNCIA.

Ainda, em sequência ao processo interpretativo, nota-se que no meme as feministas são conceptualizadas como mulheres promíscuas, rebeldes e inconsequentes. Assim, esse MCI prototípico de feminista é criado com base em características completamente opostas ao MCI prototípico de mulher. Na composição do MCI prototípico de mulher, têm-se características como delicadeza, fragilidade, sensibilidade, beleza, submissão, obediência e feminilidade; já o MCI mais periférico de mulher apresenta-se como oposto a este, com a predominância das seguintes características: indelicadeza, rebeldia, insubmissão etc., muitas das quais são partilhadas na construção de significado prototípica das feministas. Uma delas diz respeito à formação da família, pois, enquanto o modelo de mulher tem como protótipo a *Mãe dona de casa* (LAKOFF, 1987), o modelo de feminista é construído em total oposição a essa ideia, visto que possui como protótipo o estereótipo de mulher promíscua, irresponsável,

descuidada, mal resolvida, entre outras qualificações. Inferimos que essa construção de significado está atrelada ao cumprimento de padrões comportamentais e estéticos por outras mulheres, os quais muitas vezes não são cumpridos pelas feministas. Sobre esse aspecto, Anjos (2022, p. 14) esclarece que “uma vez que a margem de erro permitida ao padrão de feminilidade é pequena, aquelas que, de alguma forma, não obedecem às regras colocadas para pessoas de seu gênero estão sujeitas a serem enquadradas no mesmo grupo das feministas”.

Dialogando com essa conceptualização, encontramos a afirmativa “Se valorize”, seguida do texto “O cara foi um otário com você? Lava a periquita, reza um pai nosso e segue a vida. Não vai se expor no *Facebook* pra fazer teu pai chorar no banho”. A referida frase, ao ser interpretada, revela uma relação metonímica de CAUSA-CONSEQUÊNCIA, tal como a discutida no quarto parágrafo. Além disso, a interação com a imagem possibilita-nos compreender a feminista, mais uma vez, como uma jovem frustrada e ressentida que possui relacionamentos malsucedidos.

Destacamos, ainda, o texto “Cultura do estupro: o estuprador é um criminoso, parem de se iludir que foi falta de educação ou problema psíquico. Tem que mandar vagabundo pra vala”. Nesse trecho, apesar de se notar um reconhecimento da cultura do estupro, percebe-se o posicionamento cruel do(a) autor(a) em relação ao crime, ao desejar, para o criminoso, “a vala”, que pode ser inferida, metonimicamente, como a morte do estuprador. Contudo, por não se relacionar diretamente à conceptualização da feminista, não nos aprofundaremos em sua interpretação.

Em seguimento ao padrão dos demais memes, a última frase, “Grátis: essência de narguilé sabor pai ausente”, aciona, outra vez, o domínio PATERNIDADE e a metáfora monomodal AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA.

Ademais, é pertinente abordar acerca da inserção da logomarca do Ministério da Cultura no meme, abaixo do símbolo da maconha adotado como logo pela página Editora Humanas aqui em estudo. Levantamos a hipótese de que a referida logomarca foi inserida pelo(a) criador(a) do meme na tentativa de construir uma conceptualização difamatória sobre o Ministério da Cultura, por meio do uso da imagem da folha da maconha. Em resumo, acreditamos que a inserção desse órgão governamental no meme evoca posicionamentos sócio-político-ideológicos que, inclusive, sustentam as construções de significados sobre as feministas expostas nos memes estudados.

Como visto, no meme 8 (Figura 16), encontramos somente três elementos novos no processo de conceptualização: as metáforas monomodais FEMINISMO É ESTEIO e

FEMINISTA É ALIMENTO, além da metonímia monomodal CAUSA POR CONSEQUÊNCIA. No que se refere às conceptualizações que se repetem, encontramos as metonímias monomodais FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS (memes 01, 04, 05, 06 e 07) e FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS (memes 01 e 06), e a metáfora monomodal AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA (memes 02 e 05). Em prosseguimento, passaremos à apresentação e à discussão dos memes 9 e 10:

Figura 17 – Meme 9



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

Apesar de apresentar-se com um título diferente dos demais, isto é, “Biscateen” (e não “Feministeen”), podemos acionar, neste texto, o domínio-alvo FEMINISTA por intermédio da expressão verbal “feminista rebelde” contida no texto à direita do meme, no quadrante inferior. Em virtude disto, compreendemos que se tratava de mais um texto cuja conceptualização central é a feminista.

Sob o título, tem-se o texto: “A revista de quem faz barba, cabelo e bigode”, expressão que, segundo o Dicionário Informal (2009), corresponde a uma “Trilogia chula, de poderosa conotação erótico-sexual. Diz-se do homem que, ao obter sexo com uma mulher, foi agraciado com todas as variedades possíveis de inteirações sexuais”. Entender a origem e os sentidos construídos socialmente para a expressão é importante para o entendimento do processo de construção do significado da feminista, que, neste meme, é conceptualizada como

uma mulher de “sexualidade eclética”, tal como o verbete do referido Dicionário (2009) permite inferir. Por isso, percebemos aqui novamente o acionamento do domínio COMPORTAMENTO SEXUAL, bem como a tentativa de conceber a feminista como promíscua e imoral.

Ao fundo, no plano imagético, observamos a foto de uma jovem com uma tarja preta nos olhos, na qual se estampa a frase em inglês “no father girl”, que corresponde, em português, à “garota sem pai”. Outra vez, observa-se a conceptualização da feminista como uma jovem carente do afeto paterno, repetindo-se o padrão conceptual de acionamento do domínio PATERNIDADE alicerçado na metáfora monomodal AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA. Isso, inclusive, é comprovado pela frase cujo título em vermelho é “Grátis”: “Essência de narguilé sabor amor paterno”, já discutida nos textos anteriores (memes 02, 05 e 08).

No centro do meme, em destaque amarelo, vê-se a frase “Sou muito intensa” entre aspas, marcando, possivelmente, um discurso proferido pelas feministas e, de forma intencional, mencionado para efeito irônico, seguido do discurso do(a) criador(a) logo abaixo, com letras brancas: “Não, você é só uma insegura que dá na primeira porque não sabe se vai haver um segundo encontro”. Nesse sentido, aciona-se o domínio COMPORTAMENTO SOCIAL e depreende-se, no plano da linguagem verbal, a metonímia monomodal FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS, a qual alicerça a compreensão de que a feminista estereotipada é uma mulher popularmente conhecida como “pistoleira”, “prostituta”, “meretriz”, segundo o verbete que consta no Dicionário Aulete Digital ([20--]).⁵⁴ O neologismo “Biscateen” decorrente do título reforça essa conceptualização, tendo em vista que essa construção lexical faz alusão a mulheres jovens que não têm trabalho fixo (biscate + teen). Interpreta-se, portanto, mais um estereótipo construído por intermédio das relações metonímicas: a feminista é jovem, biscate e pistoleira.

No texto multimodal, outros elementos ocorrem apontando padrões semânticos que contribuem para a formação do estereótipo social de feminista, a exemplo da conceptualização de uma jovem dependente financeiramente do pai, evocada no trecho “Patriarcado: a menos que você viva acorrentada no porão, você é livre para arrumar um emprego e sair da casa do seu pai”. Nota-se, ademais, um possível recorte: a conceptualização de uma mulher adulta, festeira e irresponsável, que se comporta, portanto, como uma adolescente, acionada pelo trecho “Seje menas miga: suas fotos com a cara cheia de pé de

⁵⁴ Informação disponível em: <https://www.aulete.com.br/pistoleira>.

galinha e bebendo catuaba na balada aos 30 anos são um pedido de socorro”, em que outra vez acionam-se os domínios do COMPORTAMENTO SOCIAL e do CORPO; este último possível pela formação da metonímia monomodal APARÊNCIA FÍSICA POR FEMINISTA, devido à menção a aspectos estéticos, como as rugas, popularmente chamadas de “pés de galinha”.

Em seguimento ao estudo, na frase: “Diga ‘não’ ao aborto: engravidou de um desconhecido? Pau na tua bunda” há o acionamento do domínio COMPORTAMENTO SEXUAL. Nota-se a metonímia CAUSA-CONSEQUÊNCIA, sendo a causa “engravidar de um desconhecido”, para a qual há uma consequência, segundo o(a) conceptualizador(a), “pau na tua bunda”, frase que pode ser compreendida como “se dar mal”, ou sexual, a depender do contexto. Nesse trecho, destacamos a presença de um tom discursivo misógino em decorrência da violência utilizada na expressão exposta.

Por fim, no último texto contido no meme, “A regra é clara: toda velha solteira que cria vinte gatos e fura a bola dos meninos da rua já foi uma feminista rebelde”, observamos a conceptualização da feminista, agora, como uma idosa solteira, possivelmente, mal-humorada, por “furar a bola dos meninos da rua”, isto é, por impedir que os meninos que jogam bola na rua o façam. Segundo a perspectiva do(a) autor(a) do meme, esse estereótipo conceptualiza a feminista sob a ótica geracional, como uma idosa que já foi, quando jovem, uma “feminista rebelde”, tal como utilizado na linguagem do texto.

A seguir, apresentaremos o meme 10 estudado nesta Dissertação:

Figura 18 – Meme 10



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

No meme 10 (Figura 18), foi encontrado o ponto de saturação e realizado o recorte do corpus. Embora este multimodal apresente *layout* um pouco diferente dos demais, sem o título “Feministeen”, por exemplo, o alvo feminista⁵⁵ aqui em estudo é acionado metonimicamente por meio da expressão verbal “Feminismo”, que instancia a metonímia MOVIMENTO PELA CATEGORIA/ FEMINISMO POR FEMINISTAS.

O meme cujo título é “Pistoleira teen” tem como pano de fundo a imagem de uma mulher aparentemente jovem, sozinha em uma praia, com *dreadlocks* nos cabelos. Apesar de ser um meme com menos elementos verbais do que os anteriormente vistos, ele apresenta algumas conceptualizações já discutidas nos nove memes anteriores.

No primeiro bloco de texto, tem-se “Aborto: como matar seu filho para não estragar seu aniversário de 15 anos nem o seu intercâmbio nos EUA”. Esse trecho, em inter-relação com a imagem e com os demais memes anteriores, confirma a hipótese de que a feminista é conceptualizada, prototipicamente, como uma jovem que, além de adolescente, pela menção aos seus 15 anos, é imatura, irresponsável, dependente dos pais e, aqui, pertencente à classe média alta. Diante disso, ratifica-se a recorrência da metonímia FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO.

⁵⁵ Não queremos dizer com isso que os demais modos semióticos não evocam o alvo feminista, mas que, prioritariamente, acessamo-la por meio da palavra “Feminismo” (metonimicamente), já que, se ela não estivesse presente no meme, por exemplo, seria difícil delimitar o foco da conceptualização.

O trecho “Maconha. Você nem traga essa merda, mas precisa fumar para entrosar com os fracassados da sua escola” permite-nos inferir que a feminista é conceptualizada como uma jovem que utiliza drogas ilícitas, especificamente, a maconha. Além disso, interpreta-se que a feminista é insegura, porque, apesar de não tragar, fuma maconha para se entrosar com os colegas. Todavia, aqui há um enfoque direto relacionado ao alvo, podendo-se inferir a metonímia monomodal USUÁRIA DE DROGAS POR FEMINISTAS, ambas acessadas pela linguagem verbal já exposta, compondo uma relação PARTE PELO TODO. Sendo assim, neste caso, o domínio conceptual acionado é novamente o do COMPORTAMENTO SOCIAL, uma vez que percebemos a formação de um perfil estereotipado de hábitos sociais que, segundo o conceptualizador do meme, estão relacionados às feministas.

Ao interpretarmos o trecho “Feminismo. A partir de quantos ‘quilos’ você deve desistir da sua vida social e ingressar nesse mundo de dor e sofrimento”, o domínio MOVIMENTO SOCIAL é acionado e, assim, identificamos a metáfora monomodal FEMINISMO É ESPAÇO/FEMINISMO É MUNDO. Aciona-se também o domínio do CORPO e depreende-se a metonímia monomodal APARÊNCIA FÍSICA POR FEMINISTA, especificamente, FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS, assinalando de forma assídua que a feminista é uma mulher com sobrepeso, sendo essa é uma condição para ingressar no “mundo do feminismo”.

Por último, atentemo-nos à frase “Grátis: camisinha furada para você ingressar no ‘clube do carimbo’”. Em uma busca no Google, identificamos que “clube do carimbo” corresponde a um grupo que tem como objetivo disseminar o vírus HIV intencionalmente, por meio do incentivo à prática de sexo sem camisinha. O grupo, que se organiza nas redes sociais, existe desde 2015 e vem sendo alvo de investigações da polícia, segundo o *Jornal Metrópole* (AUGUSTO, 2021). De posse dessas informações, identificamos o domínio COMPORTAMENTO SEXUAL alicerçando a metonímia monomodal CAUSA POR CONSEQUÊNCIA, sendo o veículo CAUSA acessado pelo enunciado “camisinha furada” e o alvo CONSEQUÊNCIA acessado pelo enunciado “ingressar no clube do carimbo” (no clube das pessoas que possuem AIDIS). Ainda nesse viés, nota-se uma intencionalidade na transmissão do vírus HIV às feministas, com a clara intenção de prejudicá-las, o que pode ser traduzido por um comportamento misógino, de ódio às mulheres do Movimento.

Em síntese, neste texto, foram depreendidas metonímias conceptuais já apresentadas anteriormente, tais como: FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS (memes 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 07), MOVIMENTO PELA CATEGORIA/FEMINISMO POR FEMINISTAS (memes 03 e 04), APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/FEMINISTA

COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS (memes 01, 02, 03, 04, 05 e 06) e CAUSA POR CONSEQUÊNCIA (meme 08). Entretanto, uma nova metonímia monomodal surgiu no processo de conceptualização, FEMINISTA USUÁRIA DE DROGAS POR FEMINISTAS, embora esta conceptualização já tenha aparecido com outras adjetivações em memes anteriores (FEMINISTA ESTEREOTIPADA, FEMINISTA IRRESPONSÁVEL...), para se referir ao comportamento social da feminista. Apesar disso, os domínios conceptuais evocados foram os mesmos já apresentados em todos os textos anteriores, isto é: MOVIMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL, PATERNIDADE e CORPO, o que nos revelou a ausência de informações completamente novas para o processo de construção de significados. No tocante à conceptualização metafórica, identificamos a metáfora conceptual monomodal FEMINISMO É ESPAÇO/FEMINISMO É MUNDO, que não tem como foco a feminista, e sim esse movimento social. Logo, como já dito, o ponto de saturação teórica foi atingido no meme 10 em virtude da repetição dos mesmos domínios conceptuais já identificados anteriormente e, inclusive, com a manutenção da mesma ótica de conceptualização estereotipada sobre as feministas, que as compreende como irresponsáveis, imorais, infantilizadas, carentes de afeto paterno, descuidadas, acima do peso, ressentidas etc.

Em continuidade à análise, como indicamos na Metodologia, foram estudados ainda mais três memes do corpus para comprovar o ponto de saturação teórica, os quais discutimos a seguir:

Figura 19 – Meme 11



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 11 traz um padrão semelhante aos demais, inclusive com a permanência do título conferido à sequência de memes: “Feministeen”. No plano imagético, observamos a foto de uma jovem que se encontra fora do padrão estético midiático ditado para a sociedade, vestida com trajes pretos cuja blusa está escrito em vermelho “Feminist”, identificando-a como uma integrante desse Movimento. A interação dos elementos visuais e verbais permite-nos reconhecer o domínio-alvo da Feminista. Observamos, desse modo, a metonímia multimodal FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO, com o veículo FEMINISTA ADOLESCENTE sendo acessado por meio do item lexical “Feministeen” e o domínio-alvo FEMINISTA por meio da imagem da garota.

Logo abaixo do título, vê-se o seguinte trecho: “A revista de quem não tem amor paterno”, frase que demonstra a continuidade das conceptualizações vistas em memes anteriores, posto que percebemos o acionamento do domínio conceptual PATERNIDADE, a fim de conceptualizar a feminista como uma mulher carente do amor paterno.

No primeiro bloco de texto, exposto à esquerda, aparece a seguinte frase destacada com aspas e em amarelo: “Não preciso de nenhum macho pra me bancar”, trecho utilizado como um possível discurso proferido pelas feministas. Em seguida, visualiza-se o que parece

ser a “resposta” do conceptualizador do meme: “Seu discurso é lindo, se seu pai não pagasse seu Netflix, seu Iphone e seu carro mesmo você falando mal dele pras manxs na internet”. Mais uma vez, aciona-se os domínios COMPORTAMENTO SOCIAL e PATERNIDADE e estereotipa-se a feminista como uma mulher fracassada e preguiçosa, dependente financeiramente do pai. Diante disso, é possível notar a forte presença de uma visão patriarcal nas conceptualizações.

No segundo bloco de texto, situado à esquerda do meme, encontramos uma expressão linguística marcada de amarelo, agora sem aspas: “Mulher serve de isca na balada”; inferimos que essa seja uma menção a um discurso feminista sobre o assédio nesses locais. O trecho em questão permite-nos acionar a metáfora conceptual monomodal SER VIVO É ALIMENTO/MULHER É ALIMENTO, uma vez que o domínio-alvo MULHER é acionado pelo item lexical “mulher” na frase e o domínio-fonte ALIMENTO é acionado pela expressão “serve de isca”, isto é, serve como o alimento que se prende à isca. Na cor branca, visualiza-se o seguinte trecho: “Relaxa que você não, feminista que parece um buldogue francês com o cabelo azul e pelo no sovaco”. A leitura do enunciado verbal atrelada ao contexto imagético possibilita-nos acionar o domínio ANIMAL e a metáfora SER HUMANO É ANIMAL/MULHER É ANIMAL/ FEMINISTA É BULLDOG, além do acionamento do domínio do CORPO já visto anteriormente e da metonímia APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTAS, também já encontrada nos memes estudados. Ratifica-se, então, a conceptualização de que feministas são mulheres feias, descuidadas e rejeitadas em locais como baladas.

À direita do meme, visualizamos o último bloco de texto, com o mesmo padrão dos demais explicitados: “Mulher não é objeto”: “Não, é só massa de manobra de movimento social de fracassadas, né?”, por meio do qual depreendemos a metáfora MULHER É MASSA/FEMINISTA É MASSA DE MANOBRA⁵⁶, que confirma as conceptualizações antifeministas encontradas em todos os memes cujo objetivo é demonstrar, por meio de discursos de ódio, que as feministas são mulheres “falhas” (ANJOS, 2022).

Em continuidade ao estudo dos demais elementos presentes no meme, no centro do texto multimodal, em vermelho e amarelo, aparecem as frases “Conquistas do feminismo: pagar mais caro na balada”. Aqui, aciona-se o domínio MOVIMENTO SOCIAL e depreende-se, com a leitura desse trecho que com as lutas do movimento feminista, as mulheres

⁵⁶ Segundo o Dicionário Informal, “massa de manobra” corresponde a “1. Grupo de pessoas que são conduzidas para servir o interesse de alguém ou de um grupo. 2. Diz-se das pessoas que são manipuladas por outras.” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2023).

passaram a pagar o mesmo preço dos ingressos dos homens. Além disso, o(a) criador(a) do meme ironiza o fato de as feministas buscarem a igualdade de direitos com os homens, o que fica explícito por meio da frase “Agora só falta o direito de ter câncer de próstata”. Esse pensamento demonstra uma visão equivocada de que feministas estão em competição com os homens.

Por fim, o meme apresenta a frase “Grátis: essência de narguilé sabor carência masculina”, que nos remete outra uma vez à visão de que feministas são mulheres dependentes financeira e afetivamente dos seus parceiros ou de seus pais, ideia que está no cerne da concepção patriarcal que submete a mulher aos ditames do patriarca. Assim, o padrão de construção dos textos multissemióticos e das conceptualizações se repete, como pode ser observado com as metonímias: FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO (memes 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 07), APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO (memes 01, 02, 03, 04, 05 e 06), e das metáforas SER HUMANO É ALIMENTO/FEMINISTA É ALIMENTO (meme 08) e SER HUMANO É ANIMAL/MULHER É ANIMAL (meme 04).

Em seguida, discutiremos as conceptualizações de feministas encontradas no Meme 12, a fim de verificar a repetição de padrões já vistos nos memes anteriores.

Figura 20 – Meme 12



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

O meme 12 (Figura 20) se destaca por apresentar um aspecto diferente dos demais: expõe a imagem de uma família, em contraste aos outros memes, que tinham como pano de fundo, em geral, um rosto feminino. Observa-se a foto de uma mulher ao centro, rodeada de cinco crianças que parecem ser seus filhos e acompanhada de um homem que aparenta ser seu companheiro/marido. O título do meme, “Feministeen”, mantém-se o mesmo, embora, visualmente, não tenhamos mais a imagem de uma adolescente, ou de uma mulher mais madura, a exemplo de Frida Kahlo (meme 02) e Simone de Beauvoir (meme 03). Dessa forma, nesse meme, não mais recuperamos a metonímia FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS, pois, ao observarmos a interação dos elementos verbo-imagéticos na construção do significado, acreditamos que a imagem de família tradicional foi utilizada para contrastar à de feminista, apresentando um modelo ideal de mulher, aquela que cria “10 filhos com muito amor” (frase contida no próprio meme) — diferentemente do que as feministas adolescentes fazem, segundo a ótica do(a) conceptualizador(a) do texto, já que ele(a) acredita que as feministas praticam o aborto.

O subtítulo apresenta uma mudança na expressão linguística: “A Revista de quem não se relaciona bem com o pai”. O(a) conceptualizador(a) autor(a) do meme recorre, outra vez, à questão paterna, apresentando a feminista, agora, como uma mulher que, embora pareça ser mais madura, possui problemas afetivos com o pai. Essas características nos permitiram identificar o reaparecimento do domínio conceptual PATERNIDADE.

Ao centro do meme, tem-se o seguinte trecho, destacado com letras maiores, em cor amarela e branca: “Pobre cria 10 filhos com muito amor. Quem quer abortar é a pistoleira de classe média que não quer estragar o seu mochilão na Europa”. Ao lê-lo e interpretá-lo, podemos inferir mais algumas conceptualizações formadoras do MCI de Feminista aqui discutido: a feminista é vista como uma mulher de classe média, irresponsável, de comportamento duvidoso (pistoleira) e a favor do aborto. Diante disso, aciona-se o domínio MORALIDADE e depreende-se, no plano da linguagem verbal, a metonímia monomodal FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS, a qual alicerça a compreensão de que a feminista estereotipada é uma mulher mal-intencionada, como já visto em textos anteriores. Em contrapartida, inferimos a presença de outro perfil de mulher, avaliado como positivo: uma mulher não feminista, pobre, que “cria 10 filhos com muito amor”. Acreditamos que o(a) criador(a) do meme insere, intencionalmente, a imagem desse perfil de mulher, para provocar um contraste com a conceptualização de feminista.

O primeiro bloco de texto encontra-se à esquerda do meme e apresenta a seguinte frase: “Gravidez por acidente”. “Você também não foi planejada, mas seu pai te criou com leite Nan, com amor e carinho e você ainda fala mal dele na internet”. O domínio conceptual PATERNIDADE é acionado de forma frequente no meme e, nesse trecho, em especial, é empregado para construir a visão de que a feminista é ingrata, malcriada e fala mal do pai sem motivos.

À direita do meme, em amarelo e branco, vê-se o segundo bloco de texto: “Melhor abortar do que ficar na rua”, seguido de “Adolf Hitler também curtiu essa parada”. Apesar de não podermos afirmar com precisão, podemos inferir que a primeira frase, em amarelo, referiria-se a um discurso proferido pelas feministas para justificar o aborto, enquanto a segunda referiria-se ao discurso do(a) criador(a) do meme, que realiza uma comparação esdrúxula e perigosa da defesa do aborto por algumas feministas com as ações de Hitler.

Para finalizar, tem-se a última frase do meme: “Essência de narguilé sabor cytotec”, através da qual inferimos a referência ao medicamento Cytotec, que pode ter efeito abortivo. O medicamento é utilizado de forma clandestina por mulheres brasileiras para esse fim: “Apesar de ser essencial para a OMS (Organização Mundial da Saúde) por induzir o aborto de maneira segura e eficaz, sua venda é proibida em farmácias brasileiras pela Portaria 344 da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), em vigência há 24 anos.”⁵⁷ (CETRONE, 2023). A partir dessas informações, depreendemos o domínio conceptual MORALIDADE, devido à referência à questão do aborto, e inferimos a metáfora conceptual monomodal CYTOTEC É DROGA, considerando a visão exposta de que as feministas devem assimilá-lo através da essência de narguilé.

Em suma, o referido meme revelou a recorrência de domínios conceptuais já antes encontrados, como PATERNIDADE e MORALIDADE, bem como as metonímias FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS e FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS, não apresentando novas informações vinculadas ao domínio-alvo em questão. A metáfora CYTOTEC É DROGA/ESSÊNCIA foi depreendida nesse texto, contudo, revelando a conceptualização desse medicamento, não da feminista. Ademais, vale ressaltar a forte temática do aborto discutida em todo o texto multimodal. A seguir, discutimos o último texto analisado:

⁵⁷ Reportagem disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/direitos-reprodutivos/noticia/2023/01/cytotec-como-a-caca-ao-remedio-do-aborto-seguro-vitimiza-brasileiras-ha-20-anos.ghtml> . Acesso em: 09 jun. 2023.

Figura 21 – Meme 13



Fonte: Editora Humanas ([201-]).

Neste meme, não encontramos o mesmo título dos demais, isto é, “Feministeen”. Houve aqui uma modificação para “Todxteen”. Ao que parece, faz-se uma referência à revista originalmente escrita como “Toda Teen”; contudo, o(a) conceptualizador(a) modifica a escrita do nome, inserindo um “x”, “todx”, utilizado para não designar o gênero. Selecionamos esse texto porque apresenta o item lexical “feminismo” sendo mencionado, o qual aciona, por processo metonímico, as feministas, por meio da metonímia MOVIMENTO SOCIAL PELA CATEGORIA/FEMINISMO POR FEMINISTAS. Interligando-se a imagem do busto de uma moça no centro da capa à palavra do inglês *teen*, encontramos, reiteradamente, a metonímia FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO.

Visualiza-se, no plano visual, a imagem de uma jovem branca, de óculos escuros, vestindo uma blusa azul e cujo cabelo e pelos das axilas também estão pintados dessa mesma cor, caracterização já vista anteriormente no meme 05. A temática do aborto ressurge no início do texto multissemiótico, por meio da frase exposta em amarelo acima do título “Todx teen”: “Como abortar utilizando apenas um cabide e uma garrafa PET”. Portanto, outra vez, identifica-se o domínio MORALIDADE, devido à inferência de que, conforme o posicionamento do autor(a) do texto (já percebido e discutido antes), a prática do aborto é incorreta, imoral e, portanto, as feministas, que o

defendem e o praticam, também o são, a ponto de tentarem realizá-la “apenas com um cabide e uma garrafa PET”, nas palavras do(a) próprio(a) criador(a) do texto.

À esquerda, com letras da cor branca, observam-se dois blocos de texto. No primeiro, encontra-se o seguinte trecho: “Sexo oral: saiba como anda o câmbio dessa valiosa moeda de troca nas baladas”. No segundo, tem-se: “Pílula do dia seguinte: conheça o cytotec, um tipo de pílula dos meses seguintes”. Inferimos, pois, a presença do domínio COMPORTAMENTO SEXUAL nesses trechos, com alusão à prática do sexo oral em baladas e a menção ao medicamento cytotec, que seria utilizado como abortivo pelas feministas, o que revela a ótica do(a) criador(a) do texto quanto à conceptualização do comportamento sexual dessas mulheres. Através desses elementos, compreendemos que o estereótipo de feminista discutido se reforça, pois, na ótica do(a) conceptualizador(a) criador(a) desse texto, elas são mulheres imorais, isto é, jovens depravadas, imprudentes e promíscuas. À direita, temos a composição do terceiro bloco de texto: “Porta dos fundos: Gregório Duvier dá dicas de como abrir a sua!”. Nesse trecho, o(a) criador(a) menciona o ator Gregório Duvier, humorista e um dos fundadores do coletivo Porta dos Fundos⁵⁸, canal do YouTube. A frase machista exposta ofende e ridiculariza as feministas, pois realiza um trocadilho com o nome do canal do YouTube, Porta dos Fundos, para se referir popularmente ao ânus das feministas, que, segundo o(a) conceptualizador(a), é como uma “porta” que pode ser aberta pelo ator.

Ao centro do meme, há o seguinte bloco de texto: “Como chamar atenção do seu pai ausente. Entenda como você se encher de tatuagens e piercings, pintar o cabelo e os pelos das axilas de azul ou rosa, só vai afastá-lo ainda mais, e como o feminismo não vai preencher o vazio que ele deixou”. Ao realizarmos a leitura desse trecho, em interação com o plano visual, percebemos a consonância do estereótipo de feminista descrito nele com a imagem da jovem posicionada ao fundo no meme, que possui o cabelo e os pelos das axilas pintados de azul. Diante disso, há o acionamento dos domínios conceptuais do CORPO e da PATERNIDADE, os quais foram recorrentes nos demais memes, como já discutido. Há também o acionamento do domínio conceptual MOVIMENTO SOCIAL, por meio da metáfora multimodal FEMINISTA É RECIPIENTE, cujo domínio-alvo FEMINISTA é acessado através da imagem e o domínio-fonte RECIPIENTE é acessado através da expressão linguística “preencher o vazio”, e a metáfora monomodal FEMINISMO É OBJETO, sendo o domínio-alvo FEMINISMO e o domínio-fonte OBJETO ambos acionados através da expressão verbal “o feminismo não vai preencher o vazio que ele deixou”. Por fim, na parte inferior, tem-se o

⁵⁸ GREGÓRIO Duviver. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Greg%C3%B3rio_Duvivier. Acesso em: 20 jun. 2023.

texto “Grátis: pôster exclusivo do prefeito Haddad pichando muro com o nosso dinheiro”, através do qual podemos observar, mais uma vez, a conceptualização da feminista como sendo uma mulher politicamente “de esquerda”.

6 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

Nos textos multimodais estudados, depreendemos os modelos metafóricos e metonímicos e, conseqüentemente, os domínios conceptuais evocados no processo de conceptualização da feminista e de outras conceptualizações diretamente relacionadas a esta, tal como a conceptualização de amor paterno, de machismo e do próprio feminismo. A fim de explicar como foi construído o processo interpretativo, apresentamos, a seguir, no Quadro 3, uma sistematização de todos os domínios conceptuais encontrados e dos tipos de mapeamento presentes em cada meme.

Quadro 3 – Memes e expressões verbo-imagéticas

MEMES	DOMÍNIOS CONCEPTUAIS	TIPOS DE MAPEAMENTO
Meme 1	CORPO, COMPORTAMENTO SEXUAL, GUERRA, COMPORTAMENTO SOCIAL	Metonímico e metafórico
Meme 2	CORPO, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SEXUAL, MOVIMENTO SOCIAL, MORALIDADE	Metonímico e metafórico
Meme 3	CORPO, IDEOLOGIA, MOVIMENTO SOCIAL	Metonímico
Meme 4	CORPO, ALIMENTO, ANIMAL, MOVIMENTO SOCIAL	Metonímico e metafórico
Meme 5	CORPO, PATERNIDADE	Metonímico e metafórico
Meme 6	CORPO, VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER, GUERRA, COMPORTAMENTO SEXUAL, PATERNIDADE, IDEOLOGIA, COMPORTAMENTO SOCIAL	Metonímico e metafórico
Meme 7	CORPO, GUERRA, MOVIMENTO SOCIAL, MORALIDADE	Metonímico
Meme 8	CORPO, ALIMENTO, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, MOVIMENTO SOCIAL	Metonímico e metafórico

Meme 9	CORPO, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL E PATERNIDADE	Metonímico e metafórico
Meme 10	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL	Metonímico e metafórico
Meme 11	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, ALIMENTO, ANIMAL	Metonímico e metafórico
Meme 12	COMPORTAMENTO SEXUAL, COMPORTAMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, MORALIDADE	Metonímico
Meme 13	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, MORALIDADE	Metonímico e metafórico

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Durante o processo, identificamos que os mapeamentos metonímicos foram mais recorrentes no tocante à conceptualização da feminista do que os metafóricos, que apareceram, em geral, relacionados a outras conceptualizações, como a de machismo, amor paterno e do próprio movimento feminista, as quais se inter-relacionaram diretamente à de feminista, considerando que os sentidos estão imbricados nos memes e que não é possível dissociá-los. Sendo assim, o modelo metonímico foi o principal mecanismo cognitivo utilizado para construir significados sobre as feministas nos memes constituintes do corpus. No Quadro 4, sistematizamos apenas os modelos metonímicos e metafóricos que diziam respeito, especificamente, à conceptualização da feminista:

Quadro 4 – Modelos metafóricos e metonímicos relacionados à conceptualização da feminista

MEMES	DOMÍNIOS	MODELOS METAFÓRICOS	MODELOS METONÍMICOS
MEME 1	CORPO, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL, GUERRA		FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/ PARTE PELO TODO FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS FEMINISTA BISSEXUAL POR FEMINISTAS FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS

MEME 2

CORPO, MOVIMENTO
SOCIAL, PATERNIDADE
e MORALIDADE.

MODELO FEMINISTA
POR
FEMINISTAS/FRIDA
KAHLO POR
FEMINISTAS

ROSTO POR SER
HUMANO/ ROSTO DE
FRIDA POR
FEMINISTA/PARTE
PELO TODO

ÓRGÃO SEXUAL-
GENITAL POR SER
HUMANO/CLÍTORIS
POR
FEMINISTA/PARTE
PELO TODO

APARÊNCIA FÍSICA
POR SER
HUMANO/FEMINISTA
COM PESO FORA DO
PADRÃO POR
FEMINISTAS

FEMINISTA
ESTEREOTIPADA POR
FEMINISTAS

MEME 3

CORPO, MOVIMENTO
SOCIAL e IDEOLOGIA

MODELO FEMINISTA
POR FEMINISTAS /
SIMONE DE
BEAUVIOR POR
FEMINISTAS

ROSTO POR SER
HUMANO/ ROSTO DE
SIMONE DE
BEAUVIOR POR
FEMINISTAS/PARTE
PELO TODO

APARÊNCIA FÍSICA
POR SER
HUMANO/FEMINISTA
COM PESO FORA DO
PADRÃO POR
FEMINISTAS

FEMINISTA PADRÃO
POR FEMINISTAS NÃO
PADRÃO/PARTE PELO
TODO

SIMONE DE
BEAUVIOR POR
COMUNISTAS/FEMINI

			<p>STA POR COMUNISTAS</p> <p>ESQUERDISTAS POR FEMINISTAS/SIMONE DE BEAUVIOR POR FEMINISTAS</p> <p>FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIME NTO PELA CATEGORIA</p> <p>APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTAS</p>
MEME 4	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, ALIMENTO, ANIMAL	SER HUMANO É ANIMAL/FEMINISTA É ELEFANTE	<p>FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS</p> <p>APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS</p> <p>FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIME NTO PELA CATEGORIA</p>
MEME 5	CORPO, PATERNIDADE	<p>SER HUMANO É PERSONAGEM/FEMINISTA É ARLEQUINA</p> <p>SER HUMANO É PERSONAGEM/FEMINISTA É BOZO</p>	<p>FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS</p> <p>ÓRGÃO SEXUAL- GENITAL POR SER HUMANO/CLITÓRIS POR FEMINISTA/PARTE PELO TODO</p> <p>APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTA</p> <p>PARTE DO CORPO HUMANO POR SER HUMANO/CABELO COLORIDOS POR FEMINISTA</p> <p>FEMINISTAS BLOGUEIRAS POR FEMINISTAS</p>
MEME 6	CORPO, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL, GUERRA, IDEOLOGIA, VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	FEMINISTA É SOLDADO	<p>FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS</p> <p>ÓRGÃO SEXUAL- GENITAL POR SER HUMANO/CLITÓRIS</p>

			<p>POR FEMINISTA/PARTE PELO TODO</p> <p>FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS</p> <p>MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS/LOLA ARONOVICH POR FEMINISTAS</p> <p>MODELO FEMINISTA POR FEMINISTAS/ CYNARA MOREIRA POR FEMINISTAS</p> <p>APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/ FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS</p> <p>FEMINISTAS SOCIALISTAS POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO</p>
MEME 7	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, MORALIDADE		<p>FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS</p> <p>FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS</p> <p>SÍMBOLO FEMINISTA POR FEMINISTAS</p> <p>APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTA</p> <p>FEMINISMO POR FEMINISTAS/MOVIMENTO PELA CATEGORIA</p>
MEME 8	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, ALIMENTO	SER HUMANO É ALIMENTO/FEMINISTA É ALIMENTO	<p>FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS</p> <p>FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO</p>
MEME 9	CORPO, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL		<p>FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS</p> <p>APARÊNCIA FÍSICA POR FEMINISTA</p>

MEME 10	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL	FEMINISMO É MUNDO	FEMINISMO POR FEMINISTA/MOVIMENTO PELA CATEGORIA FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO POR FEMINISTAS FEMINISTA USUÁRIA DE DROGAS POR FEMINISTAS
MEME 11	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, ALIMENTO, ANIMAL	SER HUMANO É ALIMENTO/MULHER É ISCA SER HUMANO É ANIMAL/MULHER É ANIMAL/ FEMINISTA É BULLDOG FEMINISTA É MASSA DE MANOBRA	FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO APARÊNCIA FÍSICA POR SER HUMANO/PELOS POR FEMINISTAS
MEME 12	PATERNIDADE, MORALIDADE	_____	FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTAS FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS
MEME 13	CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL, MORALIDADE	FEMINISTA É RECIPIENTE	MOVIMENTO SOCIAL PELA CATEGORIA/FEMINISMO POR FEMINISTAS FEMINISTA ADOLESCENTE POR FEMINISTAS/PARTE PELO TODO.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em síntese, encontramos, no corpus, dez (10) metáforas relacionadas diretamente à conceptualização da feminista, que podem ser observadas nos memes 04, 05, 06, 08, 10, 11 e 13, e vinte e três (23) metonímias nesse processo de conceptualização, fator que ratifica a predominância desse último mecanismo conceptual no processo de construção de significados do domínio-alvo aqui estudado.

O domínio conceptual mais recorrente no processo de conceptualização da feminista foi o do CORPO, seguido de MOVIMENTO SOCIAL e de PATERNIDADE, e o domínio IDEOLOGIA foi o menos recorrente, conforme pode ser visualizado no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 – Domínios conceptuais evocados nos memes

Domínios - Em ordem do mais recorrente ao menos recorrente
CORPO
MOVIMENTO SOCIAL
PATERNIDADE
COMPORTAMENTO SOCIAL
COMPORTAMENTO SEXUAL
MORALIDADE
ALIMENTO
GUERRA
ANIMAL
IDEOLOGIA
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Com intuito de esclarecer os domínios conceptuais associados à conceptualização das feministas, elaboramos o Quadro 6, a fim de explicitar o que entendemos acerca do conhecimento experiencial de cada domínio identificado. Faz-se necessário pontuar aqui que não pretendemos definir exatamente cada domínio identificado, ou conceituá-lo a partir de bases teóricas, e sim evidenciar o que foi compreendido por esses domínios quando apreendidos durante o estudo. Na feitura do referido Quadro (06), mantivemos a ordem em que os domínios apareceram, do mais recorrente ao menos recorrente.

Quadro 6 – Conhecimento experiencial dos domínios conceptuais

DOMÍNIO CONCEPTUAL	CONHECIMENTO EXPERIENCIAL
CORPO	Alude ao organismo físico do ser humano, com suas partes, órgãos, aparência etc.
MOVIMENTO SOCIAL	Refere-se à forma de organização social em grupos cujo objetivo é lutar por questões específicas para alcançar mudanças sociais. Ex.: Movimento Negro, Movimento Feminista etc.
PATERNIDADE	Corresponde às experiências vinculadas ao cuidado físico e emocional com seus filhos(as) realizado pelo pai.
COMPORTAMENTO SOCIAL	Compreendido como o conjunto de ações morais e éticas desempenhadas pelos seres humanos na sociedade, as quais podem ser avaliadas como positivas ou negativas. Ex: comportamento agressivo, comportamento

	manipulador, mentiroso etc.
COMPORTAMENTO SEXUAL	Evoca o conjunto de atitudes e crenças de um indivíduo em relação ao sexo ou à forma de exercer sua sexualidade. Ex: comportamento sexual agressivo, comportamento sexual compulsivo, contido etc.
MORALIDADE	Domínio conceptual que diz respeito a “1. Característica ou qualidade do que é moral, do que é conforme os princípios ou valores morais, éticos; 2. Conjunto de princípios ou regras morais [Antôn.: imoralidade. 3. Atitude ou conduta de um indivíduo ou sociedade, do ponto de vista moral” (AULETE DIGITAL).
ALIMENTO	Domínio conceptual que se refere às experiências de escolher e ingerir alimentos.
GUERRA	Domínio conceptual que corresponde à experiência de conflito armado entre governos, sociedades ou grupos.
ANIMAL	Domínio conceptual que corresponde às experiências adquiridas pelos animais.
IDEOLOGIA	Domínio conceptual que diz respeito a um conjunto de ideias ou doutrinas que guiam as ações dos indivíduos na sociedade. Ex: Ideologia marxista, ideologia capitalista etc.
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	Domínio conceptual que diz respeito a um conjunto de ações danosas de cunho físico, psicológico, patrimonial ou moral praticadas contra a mulher.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Em face das compreensões expostas, dedicar-nos-emos a discutir os domínios conceptuais mais recorrentes no estudo (CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL e MORALIDADE), com intuito de refletir sobre como estes colaboraram no processo de conceptualização da feminista.

Faz-se necessário recordar que o domínio conceptual CORPO foi o mais recorrente no tocante às conceptualizações pejorativas relacionadas à aparência da feminista, sobretudo para reforçar o estereótipo de que elas são mulheres descuidadas. Dessa forma, esse domínio foi utilizado para se referir à forma como o corpo das feministas se apresenta, isto é,

velho/jovem, gordo/magro, depilado/não depilado, o que revelou a necessidade de “um corpo que deve ser constantemente cuidado, aperfeiçoado e gerenciado” (ANJOS, 2020, p. 01). Tal como discutido por Anjos (2020, p.16):

Sangramentos periódicos, pelos excessivos, pele que envelhece. Os inconvenientes da carne não se alinham com a etérea construção subjetiva da feminilidade tradicional. Nesse sentido, o corpo inadequado e pecaminoso se apresenta como prisão da alma feminina: ele dificultaria a permanência das mulheres no paraíso perfumado que lhes seria devido. Este corpo, portanto, precisaria ser remediado, aperfeiçoado e gerenciado. Lutar contra o corpo, contudo, se mostra uma tarefa contínua, uma guerra que não será ganha porque sua permanência é o que permite a ação dos mecanismos de poder.

Logo, no processo de conceptualização das feministas, percebe-se como o domínio do CORPO adquiriu notável centralidade, em decorrência da tentativa do(a) conceptualizador(a) dos memes de evidenciar que as feministas estão em uma “eterna luta”, já que seus corpos não atendem aos padrões de feminilidade tradicionais.

No tocante à recorrência do domínio MOVIMENTO SOCIAL, acreditamos que essa se deve à própria relação das feministas com o movimento feminista do qual fazem parte, uma vez que este foi acionado diversas vezes nos memes pela relação metonímica MOVIMENTO SOCIAL POR SEUS INTEGRANTES/FEMINISMO POR FEMINISTAS, e vice-versa.

A recorrência do domínio COMPORTAMENTO SEXUAL indica-nos que a feminista é conceptualizada a partir de sua orientação ou comportamento sexual, que são vistos nos memes estudados como imorais. Desse modo, esse domínio apareceu nos memes para compreender as feministas como mulheres de comportamento sexual compulsivo ou promíscuo.

Aliado a essa conceptualização, os domínios COMPORTAMENTO SOCIAL e MORALIDADE foram acionados para reforçar esse estereótipo, ao evocar a ideia de que feministas têm um comportamento irresponsável, mentiroso, infantil, mau-caráter, dentre outras características que as tornam, segundo as conceptualizações encontradas, mulheres imorais. Para Barroco (2010, p. 163), “a moral se reproduz fundamentalmente como sistema normativo: conjunto de valores e normas que representam um determinado modo de ser dominante e que devem ser assimilados através do hábito para se transformar em deveres.” Nesse sentido, a moral é construída pela sociedade com o objetivo de normatizar comportamentos e atitudes e categorizá-los como bons ou ruins, sendo participante direta da elaboração do estereótipo de feminista:

Através do senso comum, constroem-se estereótipos que mecanicamente funcionam como juízos de valor sobre a realidade; a desigualdade, tratada

como determinação natural, possibilita a culpabilização dos indivíduos por sua condição social. A discriminação se reproduz, portanto, através de um quadro de valores morais, em que ‘virtudes’ e ‘vícios’ conjugam-se a determinados padrões de comportamento tidos como corretos/incorretos. (BARROCO, 2010, p. 170)

Desse modo, a construção de significado das feministas é feita sob a ótica da moral, a qual julga as atitudes, comportamentos e modos de ser e de viver dessas mulheres como ruins e incorretos. Tendo isso em vista, corroboramos que “os ataques aos estudos de gênero ocorrem em nome da moral, da manutenção da família e de Deus.” (COSTA, 2021, p.23), já que:

A família é um dos alicerces morais do conservadorismo e sua função é a manutenção da propriedade. A mulher exerce o papel de agente socializador responsável pela educação moral dos filhos; por isso, essa perspectiva é radicalmente contrária aos movimentos femininos, entendendo-os como elementos de desintegração familiar. A moral adquire, no conservadorismo, um sentido moralizador. É porque faz parte das propostas conservadoras buscar reformar a sociedade, entendendo que a questão social decorre de problemas morais. É assim que se apresentam sob diferentes enfoques e tendências, objetivando a restauração da ordem e da autoridade, do papel da família dos valores morais e dos costumes tradicionais. (BARROCO, 2010, p. 163, grifos da autora)

Portanto, percebemos como a questão da moral está interligada à tentativa de manutenção da família e dos costumes tradicionais (vista, inclusive, no meme 12, no qual foi realizada uma comparação entre a feminista e a ‘mulher de família’), os quais estão vinculados diretamente ao controle patriarcal e à manutenção da sua autoridade. Assim, sob a ótica dessa preferência cultural e seletividade perceptiva, compreende-se as construções de sentido de feministas como mulheres de comportamentos sociais e sexuais “reprováveis”, com o claro objetivo de frear e impedir a difusão do movimento de mulheres que questionam e subvertem “a ordem” patriarcal vigente.

Nesse sentido, o último domínio da experiência mais recorrente, isto é, o da PATERNIDADE, também está vinculado à tentativa de manutenção da autoridade patriarcal questionada pelas feministas, posto que foi acionado para construir o estereótipo de que feministas são mulheres frustradas porque não receberam amor paterno ou tiveram uma relação ruim com seus pais, ou ainda por falarem mal deles, mesmo quando estes as sustentam financeiramente, reforçando a suposta imoralidade dos membros dessa categoria. Logo, inferimos que, na ótica das conceptualizações encontradas, a feminista é aquela que “ousa”

questionar a sua relação com o pai, isto é, com a “máxima autoridade” patriarcal, por isso, torna-se uma mulher frustrada, para sempre carente do “fundamental” afeto paterno.

No tocante às metonímias, retomamos aqui os três questionamentos propostos por Radden e Kövecses (2007), apresentados na seção teórica “Modelos metonímicos” e que reformulamos para pensar no nosso objeto:

- 1) Quais são os domínios ontológicos nos quais ocorre a metonímia?
- 2) Quais são os tipos de relações que produzem metonímia?
- 3) Quais são os princípios cognitivos que governam a seleção de um veículo preferido?

No estudo do corpus, identificamos que, em relação às feministas, ocorre a predominância do domínio ontológico conceito, especificamente, a metonímia de conceito tipo 2 “Forma-conceito A para conceito B”, proposta por Radden e Kövecses (2007), pois toda a categoria das feministas é compreendida a partir do membro representativo feminista estereotipada, assim como ocorre no exemplo de Mãe dona de casa (LAKOFF, 1987), em uma relação que pode ser visualizada como Feminista-> Feminista estereotipada.

O estudo das conceptualizações também revelou que a maioria das metonímias ocorreram em relações do tipo MCI inteiro e suas partes, tendo predominado, dessa maneira, a relação metonímica PARTE PELO TODO (RADDEN; KÖVECSES, 2007), ou como compreendido por Lakoff (1987), MEMBRO DE UMA CATEGORIA POR CATEGORIA, já que o estudo do corpus demonstrou o acesso à feminista estereotipada (parte) para compreender as feministas (todo), dentro do mesmo MCI de feminista.

Recordamos também os princípios cognitivos que governam a seleção dos veículos nas metonímias: experiência humana, seletividade perceptiva e preferência cultural. Em relação ao primeiro, percebemos que a experiência humana do(a) conceptualizador(a) permitiu compreendermos a sua percepção e a das demais pessoas que compartilham o conteúdo das páginas, as quais compreendem as feministas a partir da ótica estereotipada.

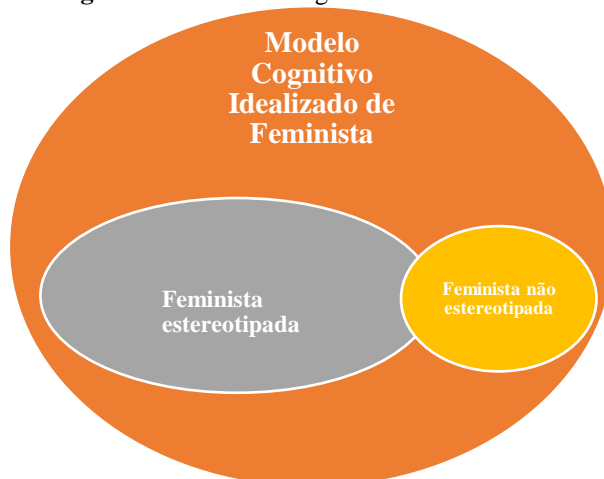
Somado a esse princípio, a seletividade perceptiva permitiu compreender a saliência de determinados veículos como FEMINISTA ADOLESCENTE, FEMINISTA ESTEREOTIPADA, FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO, entre outros, para compreender o alvo FEMINISTA.

Por fim, no tocante à preferência cultural, a partir das metáforas e metonímias encontradas, concluímos que, em uma sociedade cujas raízes vinculam-se ao patriarcado, por exemplo, as mulheres ainda são julgadas pela busca de seus próprios direitos, como ocorre com as feministas, formando-se relações metonímicas do tipo ESTEREOTIPADO SOBRE

NÃO ESTEREOTIPADO (RADDEN; KÖVECSES, 2007). Isto posto, através desse princípio visualizamos no corpus a formação do modelo metonímico FEMINISTA ESTEREOTIPADA POR FEMINISTA NÃO ESTEREOTIPADA, que está diretamente ligado ao contexto sócio-histórico-político e cultural da sociedade.

Na Figura 19 a seguir exemplificamos o modelo metonímico FEMINISTA ESTEREOTIPADA, buscando demonstrar como ele é mais prototípico e saliente do que outros, como o de FEMINISTA NÃO ESTEREOTIPADA.

Figura 19 – Modelo Cognitivo Idealizado de Feminista

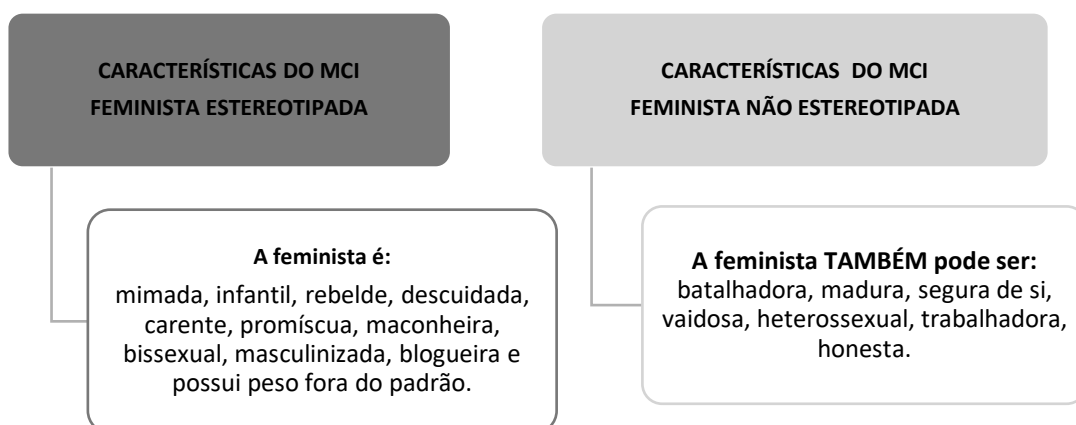


Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Como demonstrado pela figura, o MCI de feminista é construído sob o ponto de referência cognitivo da feminista estereotipada. Todavia, dentro dele também coexistem características não estereotipadas das feministas, mas elas não adquirem foco no processo de conceptualização, o que faz com que a parte do MCI “feminista estereotipada” se destaque, originando, assim, a compreensão de toda a categoria a partir de um modelo representativo.

Exemplificamos, a seguir, na Figura 20, as características do MCI de feminista estereotipada encontradas a partir do estudo empreendido com os memes, em contraste com as características de um possível MCI não prototípico de feminista.

Figura 20 – Características dos MCI de feminista



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Logo, nota-se a recorrência de adjetivos negativos para qualificar a feminista estereotipada: masculinizada, dependente, insegura, carente, mimada, infantil, bissexual, promíscua, entre outros, que se refletiram, no corpus, na seleção dos veículos das relações metonímicas.

Tendo em consideração os dados expostos e compreendendo a centralidade do modelo metonímico no estudo aqui empreendido, propusemo-nos a discuti-lo detalhadamente na seção 6.1 a seguir.

6.1 A RELEVÂNCIA DO MODELO METONÍMICO NA CONCEPTUALIZAÇÃO DA FEMINISTA

Ao realizarmos projeções metonímicas, construímos conceitos com base em categorizações prototípicas que realçam determinadas características, encobrando outras. Haverá, portanto, no modelo metonímico, um destaque, um aspecto que é ressaltado e que será relevante para a definição de um conceito.

Lakoff (1987) dedica um capítulo específico da obra *Women, fire, and dangerous things* para discutir os modelos metonímicos e propõe uma classificação, elencando oito tipos de modelos: 1) estereótipos sociais, 2) exemplos típicos, 3) casos ideais, 4) modelos, 5) geradores, 6) submodelos e 7) exemplos salientes, mas se dedica de forma prioritária à investigação dos estereótipos sociais.

Uma das funções cognitivas mais importantes da metonímia é a de “nos levar a raciocinar em função de um protótipo metonímico” (BARCELONA SÁNCHEZ, 2009, p. 14).

Lakoff (1987) abordou essa função ao discutir o MCI de Mãe, como já destacamos. Dessa forma, a metonímia possui uma função crucial no que se refere à construção de significados, pois revela compreensões a partir de protótipos. A partir desse enfoque, temos a formação dos estereótipos sociais. Como postula Lakoff (1987, p.79, tradução nossa),

Os estereótipos sociais são casos de metonímia - em que uma subcategoria tem um status socialmente reconhecido como representando a categoria como um todo, geralmente com o propósito de fazer julgamentos rápidos sobre as pessoas.

O modelo metonímico teve protagonismo no *corpus*, uma vez que foi por meio dele que se realizou um enquadre prototípico, ou seja, toda a categoria de feministas foi compreendida a partir de um protótipo metonímico: o de feminista estereotipada. Neste MCI prototípico, as feministas são conceptualizadas como mulheres masculinas, raivosas, imorais, descuidadas, desleixadas, ressentidas, irresponsáveis, dentre outras características. Dessa forma, o nosso objeto de estudo, as feministas, no *corpus* desta pesquisa, constitui um tipo de modelo metonímico formado por estereótipo social. Assim como no exemplo discutido por Lakoff (1987, p. 84, tradução nossa), “sempre que uma subcategoria (ou um membro individual de uma categoria) é usada para algum propósito para representar a categoria como um todo, é uma fonte potencial de efeitos de protótipo”, o que se confirma, nesta Dissertação, com o estudo das feministas em memes da página Editora Humanas. .

Entender e discutir os modelos metonímicos de estereótipos sociais é importante devido ao papel fundamental que eles têm na definição e motivação da subcategoria em contraste, isto é, devido ao papel que possuem na construção de conceitos e realidades. Ademais, os estereótipos sociais gerados por modelos metonímicos são importantes porque “[...] definem as expectativas normais [...] [que] desempenham um papel importante na cognição e são necessárias para caracterizar os significados de certas palavras.” (LAKOFF, 1987, p. 81, tradução nossa⁵⁹).

Os estereótipos sociais não se confundem com outros tipos de modelos metonímicos porque eles, em geral, “são conscientes e frequentemente são objeto de discussão pública” (LAKOFF, 1987, p. 85, tradução nossa). Desse modo, podemos elencar como características dos estereótipos sociais: i) relação de representação de toda uma categoria a partir de um membro — no *corpus*, toda a categoria das feministas é conceptualizada a partir do estereótipo de “feminista”; ii) vínculos com as conceptualizações, dogmas e ideologias da sociedade que os forma — o estereótipo de feminista está intimamente ligado a ideologias

⁵⁹ Citação original: “Normal expectations play an important role in cognition, and they are required in order to characterize the meanings of certain words.”

machistas e patriarcais; iii) são frutos de julgamentos públicos, ou seja, de julgamentos feitos pela sociedade — o estereótipo de feminista é fruto de um julgamento pejorativo; iv) “definem as expectativas culturais e são utilizados no raciocínio” — a visão estereotipada construída da feminista influencia negativamente a compreensão do que é o Movimento Feminista e de suas causas, na tentativa de descredibilizá-lo perante à sociedade (LAKOFF, 1987, p. 85, tradução nossa).

Lakoff (1987, p. 85, tradução nossa⁶⁰), em sua discussão, apresenta exemplos de estereótipos americanos contemporâneos:

- O político estereotipado é conivente, egoísta e desonesto.
- O estereótipo de solteiro é homem, namora muitas mulheres diferentes, se interessa por conquistas sexuais, frequenta bares de solteiros etc.
- Os japoneses estereotipados são trabalhadores, educados e inteligentes.

Baseando-nos nessa análise do autor e considerando as conceptualizações encontradas, podemos fazer uma analogia e elencar os estereótipos de feministas, que se materializam nas seguintes expressões linguísticas:

- Feministas são radicais, masculinizadas e anti-homens.
- Feministas são imaturas, inconsequentes e frustradas.
- Feministas são descuidadas da aparência física.
- Feminista têm relacionamentos conturbados com seus pais e, portanto, são carentes de afeto paterno.
- Feministas são imorais.

Portanto, a formação do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) prototípico estereotipado de Feminista se estrutura no corpus principalmente a partir do modelo metonímico; em vista disso, decorre a importância da sua abordagem e do estudo, sobretudo, de um de seus tipos: os estereótipos sociais. Tal como discutido por Lakoff, “um modelo cognitivo pode funcionar para permitir que um exemplo saliente represente metonimicamente uma categoria inteira. Nesses casos, nossos julgamentos de probabilidade sobre a categoria são afetados”. (LAKOFF, 1987, p. 90, tradução nossa). Assim, discuti-los faz-se necessário para a sociedade, pois conceptualizações baseadas em estereótipos sociais estão impregnadas de preconceitos, os quais, no caso das feministas, criam uma imagem negativa de uma categoria que luta por direitos tão caros às mulheres,

Anjos (2022, p. 10), ao analisar os discursos pejorativos sobre feministas em posts do *Facebook*, assinala como o conteúdo antifeminista propagado nessa rede e estudado pela

⁶⁰ Citação original: “The stereotypical politician is conniving, egotistical, and dishonest. - The stereotypical bacheloris macho, dates a lot of different women, is interested in sexual conquest, hangs out in singles bars, etc. - The stereotypical Japanese is industrious, polite, and clever”.

autora expõe as feministas como mulheres falhas, fracassadas, “representadas como desprovidas de qualquer noção de recato e decoro”. A autora observa em sua pesquisa os fortes estereótipos construídos sobre essas mulheres e defende que a feminista emerge como um “monstro político”. Para ela (2022, p. 16):

o discurso de ódio antifeminista proferido por essas páginas do Facebook existe atendendo a uma necessidade urgente do antifeminismo: promover, em relação aos feminismos, um senso que chamei de urgência controlada, isto é, o discurso mobiliza reações explosivas, mas também contínuas, de modo a garantir que a aversão a essas militantes conserve sua intensidade e perdure ao longo do tempo, solidificando a união entre o grupo antifeminista sob a ideia de enfrentamento de um grande vilão.

Tendo em vista as conceptualizações encontradas nesta Dissertação, as quais taxam comportamentos sociais, sexuais e outras características como sendo das feministas, estereotipando-as, corroboramos com a visão da autora, posto que as construções de significado se vinculam a um discurso notadamente antifeminista que homogeneíza essas mulheres e as enquadra “sob uma só face monstruosa”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui empreendido elucidou questões pertinentes sobre o processo de construção de significado das feministas na página do Facebook Editora Humanas. A hipótese levantada no início da investigação, isto é, de que haveria um MCI de feminista prototípico, confirmou-se com a pesquisa empreendida, com a evidência deste nas construções de sentido discutidas e com a descoberta de que metonímias o alicerçam. A partir disso, constatou-se que a metonímia foi o principal mecanismo cognitivo atuante no processo de conceptualização da feminista neste corpus estudado. Esse recurso conceptual, inclusive, foi o mais utilizado para a construção do estereótipo de feminista e responsável pela formação da metonímia ESTEREOTIPADO SOBRE NÃO ESTEREOTIPADO, vista com frequência no decorrer do estudo através de construções como FEMINISTA ESTEREOTIPADA (imoral) POR FEMINISTAS (NÃO ESTEREOTIPADO), FEMINISTA COM PESO FORA DO PADRÃO (ESTEREOTIPADO) POR FEMINISTAS (NÃO ESTEREOTIPADO).

Assim, quanto ao primeiro questionamento feito nesta dissertação, isto é, “por que, quando falamos em ‘feminista’, há, de forma frequente, um revirar de olhos, uma rejeição à autoafirmação, como se as pessoas tivessem construído significados ruins sobre essa categoria de mulheres?”, argumentamos, considerando o estudo do *corpus*, que isso se deve à conceptualização de feminista estereotipada, a qual é prototípica e amplamente difundida, o

que pode levar a sociedade e outras mulheres a evitarem todas as construções de sentido categorizadas como negativas⁶¹ no tocante a essas mulheres (FEMINISTA ESTEREOTIPADA, FEMINISTA ADOLESCENTE, FEMINISTA IRRESPONSÁVEL). No mais, em relação ao segundo e terceiro questionamentos: “Por que se acredita que feministas não são femininas?” e “Por que as feministas são conceptualizadas recorrentemente de forma negativa?”, compreendemos, a partir do estudo dos memes, que essas construções de sentido ocorrem devido à formação cristalizada do MCI prototípico de feminista estereotipada; ser masculina, portanto, é uma das características que compõem esse modelo e que são endossadas na sociedade, por exemplo, através de memes, que reforçam as sinapses e, conseqüentemente, as conceptualizações.

Através da investigação realizada com os memes constituintes do corpus, encontramos os domínios conceptuais CORPO, MOVIMENTO SOCIAL, PATERNIDADE, COMPORTAMENTO SOCIAL, COMPORTAMENTO SEXUAL, MORALIDADE, ALIMENTO, GUERRA, ANIMAL e IDEOLOGIA utilizados para conceptualizar a feminista.

Foram encontradas metonímias mono e multimodais instanciadas por expressões da linguagem estereotipadas que possuíam veículos, como FEMINISTA ESTEREOTIPADA, as quais proporcionaram acesso ao alvo FEMINISTAS. Com o estudo, constatamos que a relação metonímica mais recorrente foi do tipo PARTE PELO TODO (RADDEN; KÖVECSSES, 2007), ou MCI e suas partes, ou ainda MEMBRO DE UMA CATEGORIA POR CATEGORIA (LAKOFF, 1987).

Deste modo, na investigação, as metonímias tiveram notável centralidade na formação do MCI prototípico de feminista. O estudo do corpus revelou que esse MCI é sustentado por projeções metonímicas e que essas, por sua vez, são geradoras de estereótipos sociais, tal como já discutido por Lakoff (1987).

Os modelos metafóricos não foram tão recorrentes na conceptualização da feminista nesta investigação, ao contrário do que comumente se observa em resultados de pesquisas da LC. Aqui, as metáforas estiveram à margem do processo de conceptualização, já que, como demonstrou o estudo do corpus, poucas foram apreendidas, e as que foram encontradas, na maioria das vezes, diziam respeito a outros assuntos que não o domínio em foco, a exemplo

⁶¹ Vale ressaltar que as construções de sentido sobre as feministas foram categorizadas como negativas não com base em uma ótica pessoal, e sim a partir da reflexão de moralidade, isto é, do que parte da sociedade considera como de acordo aos princípios ou valores morais e éticos.

da metáfora AMOR PATERNO É DROGA/ESSÊNCIA e MACHISMO É INIMIGO DE GUERRA.

Por fim, com a pesquisa desenvolvida nesta Dissertação, esperamos contribuir para a compreensão que possa colaborar para uma desconstrução de conceptualizações estereotipadas de feministas, ao promover uma reflexão crítica acerca das construções de significado que permanecem disseminando preconceitos e depreciando as integrantes do Movimento Feminista.

Vale ressaltar que o estudo empreendido não se esgota aqui, posto que pretendemos, posteriormente, traçar novos percursos, estudando as conceptualizações das próprias integrantes do Movimento Feminista, em contraste com aquelas encontradas aqui, bem como promovendo uma investigação mais acurada acerca das conceptualizações decorrentes de movimentos antifeministas na internet.

Em suma, com os resultados evidenciados, alertamos para o MCI prototípico de feminista, que reduz todas as feministas a um só estereótipo, sem considerar a pluralidade desse grupo. Destarte, por meio da tríade linguagem, cognição e discurso, aspiramos abordar a importância de discutir conceptualizações oriundas do pensamento machista, patriarcal e misógino que ainda vigora em parte considerável da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A categorização à luz da Sociolinguística Cognitiva: diferentes organizações de mundos possíveis. *In*: ATAIDE, Cleber; SOUSA, Valéria Viana (org.). **Língua, texto e ensino**: descrições e aplicações. Recife: Pipa Comunicação, 2018a. p. 269-284. Disponível em: gelne.com.br/arquivos/Língua-texto-e-ensino%20-%20Gelne.pdf. Acesso em: 3 jan. 2019.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A categorização em perspectiva sociocognitiva de um africanismo do português do Brasil: o item léxico xereca. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 386-408, 2020a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/38221/20969>. Acesso em: 6 set. 2020.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A semântica cognitiva sócio-histórica: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. *In*: SANTANA, Neila Maria Oliveira; ALMEIDA, A. Ariadne Domingues (org.). **Semântica cognitiva-sócio-histórica**: estudos sobre o significado. Salvador: EDUNEB, 2020b. p. 23-62.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. **A tessitura do conhecimento**: o corpus na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. 2018b. Trabalho apresentado ao Seminário de Estudos Filológicos, 9., 2018, Salvador.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 99-118, 2. sem. 2016. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n40p99/11080>. Acesso em: 6 jan. 2018.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Como posso te achar no facebook? Você me acha como... Questões sobre metonímia, modernidade líquida e emoção na antroponímia. **Linguística**, [S.l.], v. 36, n. 1, p. 81-101, jun. 2020c. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/ojs/index.php/Revista/article/view/45/40>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo cognitivo sócio-histórico de uma metáfora da gripe espanhola e da covid-19. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 69, p. 366-395, 2020d. Número especial. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44310>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Metáfora na escola brasileira: dicionários em pauta. **Pontos de Interrogação**: revista de crítica cultural, Alagoinhas, v. 5, n. 1, p. 103-122, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2690>. Acesso em: 6 mar. 2020.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Oh, oh, o gigante acordou! Brasil, junho de 2013: conceptualizações e metáforas das manifestações. *Acta Scientiarum*. **Language and Culture**, vol. 38, núm. 2, abril-junho, 2016, pp. 139-152.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Multimodalidade, cognição e complexidade: memes em foco. *In: GABRIEL, Rosângela et al. (org.). (Per)cursos (inter)disciplinares em Letras: percursos mais linguísticos*. Campinas: Pontes, 2018c. v. 1, p. 299-315.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira. A semântica cognitiva sócio-histórico-cultural: questões epistemológicas. *In: LOPES, Norma da Silva; SANTOS, Elisângela Santana dos; CARVALHO, Cristina dos Santos (org.). Língua e sociedade: diferentes perspectivas, fim comum*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 113-131.

ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado léxico em semântica sócio-histórico-cognitiva. *Macabéa: revista eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 2, p. 136-157, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1932/1411>. Acesso em: 6 mar. 2020.

ANDRADE, Adriano Dias de. **Metáforas multimodais em anúncios publicitários impressos**. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

ANJOS, Júlia Versiani dos. “As garras do feminismo”: discurso de ódio antifeminista no Facebook e o senso de urgência controlada. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comum*, São Paulo, v.45, 2022.

ANJOS, J. Nem Atena, nem Medusa: corpo, gênero e monstruosidade. *ENTREMEIOS - Revista do Departamento de Comunicação da PUC-Rio*, v. 16, p. 1-18, 2020a.

ARONOVICH, Lola. Lute como uma garota: há uma década, Lola é alvo de grupos de ódio e não deixa barato: levou para a cadeia seus agressores. Relato a Márcio Padrão. *Tilt UOL*, [s.l.], 29 mar. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/lola-aronovich-dez-anos-sendo-alvo-de-grupos-de-odio-que-agem-no-submundo-da-web/>. Acesso em: 22 abr. 2021.

AUGUSTO, Otávio. “Clube do Carimbo”, que transmitia HIV intencionalmente, é alvo do MP. *Metrópoles*, [s.l.], 7 abr. 2021. Seção Brasil. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/clube-do-carimbo-que-transmitia-hiv-intencionalmente-e-alvo-do-mp>. Acesso em: 15 abr. 2021.

BARCELONA SÁNCHEZ, Antonio. Clarifying and metaphor and metonymy. *In: DIRVEN, René; PORINGS, Ralf (org.). Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. New York: De Gruyter Mouton, 2003. p. 207-276.

BARCELONA SÁNCHEZ, Antonio. O poder da metonímia. Tradução: Michelle Kühn Fornari. *Cadernos de tradução: Instituto de Letras – UFRGS, Porto Alegre*, n. 25, p. 7-24, jul./dez. 2009. Versão original em espanhol publicada em 1996.

BARCELONA SÁNCHEZ, Antonio. La metonimia conceptual. *In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (dir.). Lingüística cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 123-146.

BARIFOUSE, Rafael. Após Enem, filósofa francesa ganha acusações de nazista e pedófila na Wikipédia. **BBC News Brasil**, São Paulo, 29 out. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151028_simone_beaupoir_wikipedia_ene_m_rb. Acesso em: 25 jun. 2021.

BARROCO, Maria Lúcia S. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. São Paulo: Cortez, 2010.

BECKNER, Clay *et al.* Language is a complex adaptive system: position paper. **Language Learning**, [s.l.], v. 59, p. 1-26, Dec. 2009.

BERTHA, Luz. Biblioteca virtual em saúde Adolpho Lutz, [20--]. Disponível em: <https://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/trajetoria/heranca/bertha.php>. Acesso em: 11 maio 2023.

BORTOLOTTI, Marcelo. Bozo: a história real por trás do mito: a saga e as intrigas dos homens que viveram o palhaço mais lucrativo de todos os tempos. **Superinteressante**, São Paulo, 25 ago. 2017. Seção Sociedade. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/bozo-a-historia-real-por-tras-do-mito/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

BRASIL. Lei nº 13.642, de 3 de abril de 2018. Altera a Lei nº 10.446, de 8 de maio de 2002, para acrescentar atribuição à Polícia Federal no que concerne à investigação de crimes praticados por meio da rede mundial de computadores que difundam conteúdo misógino, definidos como aqueles que propagam o ódio ou a aversão às mulheres. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 4 abr. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13642.htm. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRUM, Eliane. Parabéns, atingimos a burrice máxima. **El País**, [s.l.], 12 nov. 2015. Seção Opinião. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142_888033.html. Acesso em: 3 maio 2021.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Tradução: Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

CAVALCANTI, Fernanda; PELOSI, Ana Cristina. As metáforas animais e suas implicações interacionais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 272-285, 2. sem. 2016. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n40p272>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CHAGAS, Viktor. **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: EDUFBA, 2020.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. *In*: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (org.). **O feminismo no Brasil**: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA, 2008, p. 39.

COSTA, Ramayana e Silva. **O Movimento Escola sem Partido e suas implicações para os estudos de gênero**. 2021. 164 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos) - Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34639>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la Linguística Cognitiva**. Barcelona: Editora Ariel, 2007.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, 2012. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 30 jun. 2020.

EDITORA HUMANAS. **Editora Humanas**. [S.l.], 2020. Facebook: editorahumanas4. Disponível em: <https://www.facebook.com/editorahumanas4>. Acesso em: 3 mar. 2020.

EDITORA HUMANAS – PROTESTO CONTRA CENSURA. **Editora Humanas: protesto contra censura**. [S.l.], 2020. Facebook: editorahumanasamador. Disponível em: <https://www.facebook.com/editorahumanasamador>. Acesso em: 3 mar. 2020.

EDITORA HUMANAS. [**Memes**]. [201-]. 9 memes. Disponível em: <https://www.facebook.com/editorahumanas4>. Acesso em: 9 mar. 2020.

EDITORA HUMANAS – PROTESTO CONTRA CENSURA. [**Meme 1**]. 2017. 1 meme. Disponível em: <https://www.facebook.com/editorahumanasamador>. Acesso em: 9 mar. 2020.

ENTÃO, por que escolher um app de relacionamento como o Tinder?. **Tinder**. Disponível em: <https://tinder.com/pt/about>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ESCORAR. In: DICIONÁRIO Caldas Aulete. [S.l.]: Lexicon, [202-?]. Disponível em: <https://aulete.com.br/escorar>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FAJARDO URIBE, Luz Amparo. La Lingüística Cognitiva: principios fundamentales. **Cuadernos de Lingüística Hispánica**, Tunja-Boyacá, n. 9, p. 63-82, enero/jul. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3222/322230194007.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: aspects of meaning constructions in natural language**. New York: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FELTES, H.P.M, PELOSI, A. C., LIMA, COLOCA O NOME. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: PELOSI, A. C., FELTES, H.P.M., FARIAS, P. M. E. Cognição e lingüística: explorando territórios, mapeamentos e percursos. 2. ed. rev. atual. Caxias do Sul, RS: Educs, 2014.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. Breve historia de la semántica histórica. **Interlingüística**, Valencia, n. 17, p. 345-354, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2317212.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

FERRARI, Lilian Vieira. A Linguística Cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. **Vereadas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 23-29, 2009. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/cap024.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

FERREIRA, Dina Maria Martins; VASCONCELOS, Marco Antônio. Discurso de memes: (des)memetizando ideologia antifeminista. **Bakhtiniana**: revista de estudos do discurso, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 44-61, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/39504>. Acesso em: 11 jul. 2021.

FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. *In*: GIBBS JR, Raymond W. (ed.). **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. Oxford: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. *In*: FORCEVILLE, Charles J.; URIOS-APARISI, Eduardo (ed.). **Multimodal metaphor**. New York: De Gruyter Mouton, 2009. cap. 2.

FORCEVILLE, Charles. Pictorial and multimodal metaphor. *In*: KLUG, Nina-Maria; STÖCKL, Hartmut (ed.). **The language in multimodal contexts handbook**. New York: De Gruyter Mouton, 2016. p. 241-260.

FORCEVILLE, Charles. **Pictorial metaphor in advertising**. London: Routledge, 1996.

FRANCE PRESSE. Morre aos 96 anos a heroína de cartaz símbolo do feminismo. **G1**, [s.l.], 23 jan. 2018. Seção Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/morre-aos-96-anos-a-heroina-de-cartaz-simbolo-do-feminismo.ghtml>. Acesso em: 4 jul. 2021.

GARCIA, Loria. Bruna.; BRANDÃO, Mara. Sílvia. Categorização – para além da lógica aristotélica. **Revista Falange Miúda** (ReFaMi), ano 2, n. 2, jul.-dez., 2017.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. New York: OUP, 2007.

GIBBS, Raymond W. Why Cognitive Linguists should care more about empirical methods. *In*: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. (ed.). **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 2-18.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLYNN, Dylan. The socio-cultural conceptualization of FEMININITY: corpus evidence for Cognitive Models. *In: KOSECKI, Krzysztof; BADIO, Janusz (org.). Empirical Methods in Language Studies*. Bern: Peter Lang, 2015, p. 97-117.

GOOGLE. [Resultado de pesquisa por “editora humanas feminista”]. [S.l.], 2020.

Disponível em:

https://www.google.com.br/search?q=editora+humanas+feminista&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwjImpGhs5b4AhWds5UCHeOWDcIQ_AUoAXoECCwQAw&biw=1920&bih=969&dpr=1. Acesso em: 3 mar. 2020.

GOOSSENS, Louis. Metaphtonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (ed.). Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. New York: De Gruyter Mouton, 2003. p. 349-377.

HELENA, Ligia. Lula chama mulheres do PT de “do grelo duro”. Você sabe o que isso significa?: expressão de poder feminino ou termo chulo e machista? *Claudia*, São Paulo, 21 jan. 2020. Seção Sua Vida. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/lula-chama-mulheres-do-pt-de-do-grelo-duro-voce-sabe-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 10 maio 2021.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). (2018). Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade. *In: COSTA, Cristiane. Redes*. São Paulo: Companhia das Letras.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. La Lingüística Cognitiva y su lugar en la historia de la Lingüística. *Revista Española de Lingüística Aplicada*, Murcia, v. 26, p. 245-266, 2013.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. Lingüística Cognitiva: origen, principios y tendencias. *In: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (dir.). Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 13-38.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (dir.) *Lingüística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012.

JAMISON, Kaline G. Quem casa quer casa: a conceitualização e categorização de violência por mulheres vítimas de violência conjugal. 2011. (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

JEWIT, Carey. Multimodal methods for researching digital technologies. *In: PRICE, Sara; JEWITT, Carey; BROWN, Barry (ed.). The SAGE handbook of digital technology research*. London: SAGE Publications, 2013. p. 251-265.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Zoltan. Universalidade versus não-universalidade metafórica. **Cadernos de tradução**: Instituto de Letras – UFRGS, Porto Alegre, n. 25, p. 257-277, jul./dez. 2009.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas, SP: Mercado de Letras: EDUC, 2002.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LEÃO, Ryane. [Sem título]. *In*: LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**: poemas de temporal e mansidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 60.

LEMOS, Nina. Lola, a feminista mais ameaçada do Brasil: “atacam até minha mãe de 85”. **Universa UOL**, [s.l.], 20 jan. 2021. Disponível em: [https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/01/20/lola-aronovich-ameacas-de-morte-a-blogueira-incluem-sua-mae-de-85-ano.htm#:~:text=No%20in%C3%ADcio%20do%20m%C3%AAs%2C%20a,se%20solidarizar%20e%20ofereceram%20ajuda](https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/01/20/lola-aronovich-ameacas-de-morte-a-blogueira-incluem-sua-mae-de-85-ano.htm#:~:text=No%20in%C3%ADcio%20do%20m%C3%AAs%2C%20a,se%20solidarizar%20e%20ofereceram%20ajuda.). Acesso em: 25 abr. 2021.

LIMA, Paula Lenz Costa. A nova tipologia da metáfora conceitual. **Revista de Humanidades e Ciências Sociais da Uece**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. [1-20], 2003. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/Textos_Em_Psicolin/Artigos/A%20nova%20tipologia%20da%20met%C3%A1fora%20conceitual.pdf. Acesso em: 10 maio 2021.

LIMA, Paula Lenz Costa. Semântica Cognitiva. *In*: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). **Semântica, semânticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 31-55.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, Irene. Of women, bitches, chickens and vixens: animal metaphors for women in English and Spanish. **Cultura, Lenguaje y Representación**, Castellón de la Plana, v. 7, p. 77-10, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **A ordem das coisas**: pensar a pós-modernidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

MARTÍNEZ-BASCUÑÁN, Máriam. O feminismo que nasceu com Simone de Beauvoir. **El País**, [s.l.], 7 jul. 2019. Seção Cultura. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/cultura/1562337766_757567.html#?prm=copy_link. Acesso em: 13 jun. 2021.

MASSA de manobra. *In*: Dicionário Informal. [S.l.], 2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/massa+de+manobra/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MORENO, Rachel. De Feminismo, De Feministas, De Mulheres. *In*: CARVALHO, Nanci Valadares De. **A condição feminina**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 44.

MONTEIRO, Gabriela. Quem foi Frida Kahlo?: acidentes, vida conjugal conturbada, ativismo político, morte precoce: conheça a vida de uma das pintoras mais geniais da história. **Superinteressante**, São Paulo, 12 jul. 2021. Seção História. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/quem-foi-frida-kahlo/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão técnica: Edgard de Assis Carvalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

NOGUEIRA, André. A verdadeira posição do islamismo em relação a cruel prática de apedrejamentos. **Aventuras na história**, São Paulo, 08 mar. 2020. Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-a-verdadeira-posicao-do-islamismo-em-relacao-a-cruel-pratica-de-apedrejamentos.phtml?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste, Acesso em: 10 mar. 2023.

OTTO, Isabella. Obrigatoriedade não é imposição: muçulmanas falam sobre o polêmico hijab. **Capricho**, São Paulo, 21 ago. 2021. Seção Comportamento. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/obrigatoriedade-nao-e-imposicao-muculmanas-falam-sobre-polemica-burca-hijab/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A metonímia como processo fractal multimodal. **Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 7-19, 2010. Atemática. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25136>. Acesso em: 26 maio 2019.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Lingua(gem) como sistema complexo e multimodalidade. **ReVEL**, [s.l.], v. 14, n. 26, p. 331-344, 2016. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/f4638e86db421399cc09008b3f989bff.pdf>. Acesso em: 26 maio 2019.

PEÑA CERVEL, Maria Sandra. Los esquemas de imagen. *In*: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (dir.). **Lingüística cognitiva**. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 69-96.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). Nova História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2016. p. 555.

PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000200003. Acesso em: 10 abr. 2019.

POR QUE as mulheres muçulmanas usam hijab? **Jornal DCI**: Digital, Colaborativo & Independente, [s.l.], 11 out. 2021. Seção Cultura. Disponível em: <https://www.dci.com.br/dci-mais/cultura/saiba-por-que-as-mulheres-muculmanas-usam-hijab-ou-veu/186456/>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PRELÚDIO. Compositor e intérprete: Raul Seixas. *In*: GITA (Bonus Tracks). Intérprete: Raul Seixas. [S.l.]: Universal Music, 1974. 1 letra de música. Disponível em: <https://g.co/kgs/vsDpt5>. Acesso em: 20 jul. 2021.

QUINTAS, Francisco. Arlequina (Harleen Quinzel): a história e origens da ‘namorada’ do Coringa! **Aficionados**, [s.l.], 13 fev. 2020. Seção HQs. Disponível em: <https://www.aficionados.com.br/arlequina/#:~:text=Os%20poderes%20da%20Arlequina%20com,concedeu%20algumas%20caracter%C3%ADsticas%20menos%20normais>. Acesso em: 20 jul. 2021.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. *In*: EVANS, Vyvyan; BERGEN, Benjamin K.; ZINKEN, Jörg (ed.). **The Cognitive Linguistics reader**. London: Equinox, 2007. p. 335-359.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. Labrys, Estudos Feministas, 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys3/web/bras/margal.htm>

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, Pelotas, v. XXVIII, n. 68, p. 114-124, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06/4187>. Acesso em: 25 maio 2019.

RECUERO, Raquel. Memes e dinâmicas sociais em weblogs: informação, capital social e interação em redes sociais na internet. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 15, p. 1-16, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4265/4427>. Acesso em: 25 maio 2019.

RENTSCHLER, Carrie A.; THRIFT, Samantha C. Doing feminism in the network: networked laughter and the ‘Binders Full of Women’ meme. **Feminist Theory**, [s.l.], v. 16, p. 329-359, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464700115604136>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ROSCH, Eleanor. Natural categories. **Cognitive Psychology**, [s.l.], v. 4, p. 328-350, 1973.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. *In*: MARGOLIS, Eric; LAURENCE, Stephen (ed.). **Concepts: core readings**. Cambridge: MIT Press, 1999.

ROTH, Wolfgang. A semântica histórica: um campo abandonado da linguística? **Filologia e Lingüística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 61-79, 1998.

SÁDABA, Igor; BARRANQUERO, Alejandro. Las redes sociales del ciberfeminismo en España: identidad y repertorios de acción. **Athenea Digital**, Bellaterra, v. 19, n. 1, p. 1-24,

marzo 2019. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v19-1-sadaba-barranquero/2058-pdf-es>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a Linguística Cognitiva e suas relações com outras ciências. [Entrevista cedida a] Maria Jussara Abraçado de Almeida. **Cadernos de Letras da UFF**: dossiê: Letras e cognição, Niterói, n. 41, p. 15-25, 2010.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. **Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX**. 2019. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/Semântica Cognitiva. **Pontos de Interrogação**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 11-28, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2686>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SANTOS, Ione Aires. **Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos**, Braga, v. 1, fasc. 1-2, p. 59-101, 1997.

SILVA, Augusto Soares da. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 49-81, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2480/2432#>. Acesso em: 26 maio 2019.

SILVA, Augusto Soares da. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da; TORRES, Amadeu; GONÇALVES, Miguel (org.). **Linguagem, cultura e cognição: estudos de Linguística Cognitiva**. Coimbra: Almedina, 2004. p. 1-18.

SILVA, Augusto Soares da. Significado, conceptualização e experiência: sobre a natureza do significado linguístico. **Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos**, Braga, v. 10, p. 1-25, 2006.

SILVA, Augusto Soares da. Sociolinguística cognitiva e o estudo da convergência/divergência entre o português europeu e o português brasileiro. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1/2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25230>. Acesso em: 26 de maio 2019.

SILVA, Caroline Martins da. **A lógica da guerra: as metáforas conceptuais em disputa na construção da narrativa do Movimento Escola “sem” Partido**. 2019. Dissertação (Mestrado em

Estudos de Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOIHET, Raquel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (dir.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 97-122.

SPERANDIO, Natália Elvira. **O modelo cognitivo idealizado no processamento metafórico**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2010. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES_2/o_modelo_cognitivo.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

TALMY, Leonard. Foreword. *In*: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. (ed.). **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. xi-xxi.

TAYLOR, John. Robert. The classical approach to categorization./ Prototype Categories: I. *In*: TAYLOR, John. Robert. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2 ed. New York: Clarendon Press –Oxford. 1995. p.21-58.

TEIXEIRA, José. Organização conceptual das categorias e a lexicalização de um protótipo (fruta). **Diacrítica – Série Ciências da Linguagem**, Braga, v. 19, n. 1, 2005, p. 239-280. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4509/1/Frutos-fruta.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4220349/mod_resource/content/1/TELES%2C%20Maria%20Am%C3%A9lia.%20Breve%20hist%C3%B3ria%20do%20feminismo%20no%20Brasil.%20%281%29.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

TORRES, Lilian de Lucca. Reflexões sobre raça e eugenia no Brasil a partir do documentário “Homo sapiens 1900” de Peter Cohen. **Ponto Urbe: revista do núcleo de Antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 2, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1914>. Acesso em: 3 abr. 2021.

VALENZUELA, Javier; IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; HILFERTY, Joseph. La Semântica Cognitiva. *In*: IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier. (dir.). **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p. 41-68.

ZANOTTO, Mara Sophia de Toledo *et al.* Apresentação à edição brasileira. *In*: LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto e Vera Maluf. Campinas, SP: Mercado de Letras: EDUC, 2002. p. 9-37.

ZIMBERG, Gabriela. **O antifeminismo: mapeamento dos discursos antagonistas do movimento feminista na internet**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e

Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), São Paulo, 2018.